

Teosofia antiga e moderna

Teosofia moderna: possibilidades de convergência das visões de mundo religiosa e científica

Modern Theosophy: possibilities for convergence of religious and scientific worldviews

Adolfo Kuhn Pfeifer¹
adolfo.pfeifer@gmail.com

Resumo: O chamado “Reduccionismo” do século XIX engendrou uma comunidade científica materialista, em oposição a uma igreja dogmática, estimulando a visão de mundo separativa que prevalece no ocidente. No entanto, desde o final do século XX, diversos autores - que serão analisados neste trabalho - têm mostrado que as descobertas dos cientistas de vanguarda estão possibilitando uma visão de unidade do universo, como as tradições religiosas sempre mencionaram e como proposto pela Teosofia. Destaca-se a obra *Sabedoria Antiga e Visão Moderna* (1985) de Shirley Nicholson. Ao estabelecer paralelos com a obra *A Doutrina Secreta* (1888) de Helena P. Blavatsky, principal fundadora da Sociedade Teosófica, a autora nos possibilita perceber a convergência das visões de mundo religiosa e científica, e que acabarão por refletir nas nossas atitudes.

Palavras-chave: Teosofia, Visão de Mundo, Tradições Religiosas, Ciência Moderna, Unidade da Vida.

Abstract: The so-called "Reductionism" of the nineteenth century engendered a materialistic scientific community, as opposed to a dogmatic church, stimulating the separative worldview prevailing in the West. However, since the end of the twentieth century, several authors - who will be analyzed in this work - have shown that the discoveries of the avant-garde scientists are enabling a vision of unity of the universe, as the religious traditions have always mentioned and as proposed by Theosophy. Shirley Nicholson's *Ancient Wisdom and Modern Vision* (1985) is prominent. By establishing parallels with Helena P. Blavatsky's *The Secret Doctrine* (1888), the main founder of the Theosophical Society, the author enables us to perceive the convergence of the religious and scientific worldviews, which will eventually reflect on our attitudes.

Key-words: Theosophy, World Vision, Religious Traditions, Modern Science, Unity of Life.

¹ Mestrado em Engenharia de Produção com ênfase em ergonomia (UFSC); Formação em Orientação Profissional (Instituto do Ser); Formação em Análise de Sistemas (Serpro); Especialista em Administração e bacharel em Engenharia Mecânica (UFRGS).

1. Introdução: a sociedade ocidental desesperançada

“A causa dos males humanos não é a falta de conhecimento do mundo externo, é a ignorância (avidya) sobre a nossa verdadeira natureza.”

Patanjali, Yoga Sutras II:3; Taimni, Ciência do Yoga

A atual crise social, caracterizada pela precariedade dos empregos, elevação dos índices de violência urbana e do terrorismo internacional, somada à crise ecológica, onde se destacam o aquecimento global, a grande extinção de espécies e a futura escassez de água, tem levado boa parte da sociedade ocidental a um sentimento de desesperança com relação ao futuro da humanidade (PFEIFER, 2017, p.145).

As últimas décadas vêm registrando um estado de profunda crise mundial: é uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida – a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais, da economia, tecnologia e política. Segundo Capra (1989, p.20), “é uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais”.

Para Morin (2000, p.17), a própria ciência se esqueceu de que as teorias científicas são o produto do espírito humano e das suas estruturas em grande parte modeladas por contextos de natureza sociocultural. Assim, a ciência se tornou incapaz de pensar a si mesma de modo científico: “incapaz de prever se o que resultará do seu desenvolvimento contemporâneo será a aniquilação, a escravidão ou a emancipação”.

Por outro lado, conforme Radha Burnier (2007, p.144), ex-presidente da Sociedade Teosófica Internacional, a história religiosa e social vem fornecendo repetidas evidências do desequilíbrio que surge ao se provocar uma separação entre o relacionamento humano e “as aspirações humanas em direção a dimensões superiores de apercebimento”, isto é, entre a Fraternidade no viver e o desejo de realização da Verdade. A autora não deixa esquecer que:

[...] as terríveis crueldades decretadas em todo o mundo em nome da religião – perseguições, inquisições, cruzadas, punições, menosprezo de mulheres, tratamento dos párias, etc. - jamais aconteceriam se a fraternidade, simpatia e ação amável fossem reconhecidas como inseparáveis da realização de Deus ou Verdade. (BURNIER, 2007, p.144)

Para a autora, a “degeneração dos ensinamentos religiosos” vem geralmente acontecendo, porque o caminho para a Verdade ou “Deus” tem estado “obstruído por crenças,

ao invés de ser limpo de obstáculos pelo poder da liberdade” e também porque “a paternidade de Deus tem sido enfatizada, enquanto a irmandade entre os homens é ignorada”.

2. O Método: excertos com reflexões sobre as descobertas da ciência moderna e os princípios das tradições religiosas possibilitam estabelecer sínteses convergentes

“Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.”

João VIII:32, A Bíblia Sagrada

Alguns autores contemporâneos, dito “holísticos” (abordaremos melhor esse conceito mais adiante no texto), buscaram estabelecer paralelos entre os ensinamentos das antigas tradições religiosas, especialmente do oriente, e as descobertas recentes no campo da ciência, buscando refletir e se apoiar em filosofias que apontassem a lógica das verdades eternas.

Entre eles, talvez o mais conhecido de todos seja o físico teórico austríaco Fritjof Capra, autor de vários livros, sendo os mais conhecidos: *O Tao da Física*; *O Ponto de Mutação*; e *A Teia da Vida*.

Outro autor conhecido dos que se interessam pelo tema, por trazer para uma linguagem atual da psicologia esses mesmos ensinamentos das antigas tradições religiosas, é o norte-americano Ken Wilber, criador da psicologia integral e um dos fundadores da psicologia transpessoal. Autor de várias publicações, seu livro *O Espectro da Consciência* é o mais conhecido dos brasileiros.

No Brasil, é muito conhecida a Unipaz - Universidade Holística da Paz², coordenada por Pierre Weil (falecido em 2008), tendo pensadores como Roberto Crema, Ubiratan D’Ambrósio, Basarab Nicolescu e Jean-Yves Leloup.

Entre as organizações no Brasil que visam a educação dos gestores para uma abordagem mais ética nas empresas, podemos citar o Instituto Ethos³ e a organização Amana Key⁴. Essas organizações e autores, além de outros tantos, buscam ampliar a consciência dos seres humanos para uma atuação mais ética, ecológica e com responsabilidade social.

Nosso entendimento é de que todos eles buscam juntar conhecimentos das antigas tradições religiosas e “traduzir” para uma linguagem contemporânea, algo que a Teosofia

2 UNIPAZ – Quem somos. Disponível em: www.unipazsul.org.br. Acesso em: 18 Out. 2018.

3 Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social – Disponível em: www.ethos.org.br. Acesso em: 18 Out. 2018.

4 Amana Key Empresa de Educação Executiva - Disponível em: www.amana-key.com.br. Acesso em: 18 Out. 2018.

Moderna sempre trouxe de forma agregada pelas obras de diversos autores, publicadas pela *The Theosophical Publishing House* - a editora internacional da Sociedade Teosófica.

A Sociedade Teosófica foi fundada, entre outros motivos, para “popularizar um conhecimento de Teosofia”. Ou falando de outra forma, para fazer o mundo conhecer que algo como a Teosofia existe. Seu segundo objetivo - “Encorajar o estudo de religião comparada, filosofia e ciência” - nos permite perceber que sua literatura busca refletir pensamentos das diversas tradições religiosas.

Entre as milhares de publicações da Editora Teosófica Internacional, neste estudo nos apoiaremos na obra *Sabedoria Antiga e Visão Moderna*, da norte-americana Shirley Nicholson. Essa obra apresenta a facilidade de se basear em autores teosóficos que já agregaram os conhecimentos das antigas tradições religiosas; em especial, Helena Blavatsky, a principal fundadora da Sociedade Teosófica.

Shirley Nicholson, graduada pela Universidade da Califórnia/EUA, foi professora, tendo realizado trabalhos avançados na área da educação e palestras sobre Teosofia durante muitos anos. Foi editora-sênior, responsável pelos Quest Books, na *The Theosophical Publishing House*.

Neste artigo basearemos nossa abordagem principalmente no excerto de alguns dos mais de 100 escritores, pesquisadores e cientistas citados por Nicholson em sua obra, estabelecendo paralelos que possibilitam perceber a convergência entre as novas descobertas e teorias da ciência moderna e os princípios universais das antigas tradições religiosas, para possibilitar uma nova visão do mundo, do ser humano e da sociedade.

3.0. Marco Teórico: visões de mundo propiciadas pelo reducionismo e pela teosofia

3.1. Diferentes visões de mundo possibilitam diferentes atitudes

A forma de reação de cada pessoa depende do seu sistema de crenças. Diferentes visões de mundo geram diferentes interpretações de um mesmo evento. De acordo com Nicholson (1991, p.36), as nossas pressuposições sobre o mundo encobrem a nossa visão como um óculos de sol, colorindo as nossas experiências, pensamentos e atitudes. O colorido dessas lentes é feito das premissas fundamentais que temos sobre a natureza e o ser humano; são as certezas da vida que raras vezes questionamos. Será que presumimos, tal qual nossos antepassados que acreditavam que “a Terra era plana” e que “o Sol girava em torno dela”, que a vida física e as experiências dos sentidos são tudo o que existe no Universo?

Conforme Rodrigues (1976, p.346), podemos definir atitude social como sendo “uma organização duradoura de crenças e cognições em geral, dotada de carga afetiva pró ou contra um objeto social definido, que predispõe a uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a este objeto”. Dessa forma, as atitudes possuem um componente ativo, instigador de comportamentos coerentes com as cognições e os afetos relativos aos objetos atitudinais. Rodrigues (1976, p.341) reforça o interesse da psicologia social pelas atitudes, pois, para ele, a promoção do bem-estar geral requer mudança de atitudes: “qualquer atividade que vise à promoção do bem comum necessariamente envolverá mudança de atitudes no sentido de tornar as atitudes dos indivíduos compatíveis com a obtenção do bem-estar coletivo”.

Seja como for, os seres humanos têm uma necessidade básica de uma visão de mundo. De acordo com Nicholson (1991, p.37) “os antropólogos descobriram que todas as culturas abraçam alguma espécie de visão da vida abarcante, que deixa aos seus membros uma sensação de que ocupam o seu lugar no todo”. Os psicólogos verificaram que os indivíduos também necessitam de uma visão geral na qual possam orientar-se. Aquilo que o psicólogo Erich Fromm denominou de “estrutura de orientação”.

Para Nicholson (1991, p.38), a visão de mundo em uma dada cultura, como também no indivíduo, abrange aquilo que é conhecido pela ciência em determinado tempo e local, acrescido das ideias religiosas e filosóficas.

3.2 O Reduccionismo gerou uma visão de mundo separativa

“Os cientistas serão levados a abandonar suas posições não por fenômenos espirituais, místicos, por qualquer fenômeno físico ou mental, mas simplesmente pelos enormes abismos que se abrem diariamente e que continuarão a se abrir diante deles, à medida que uma descoberta se segue à outra, até que eles serão finalmente derrubados por uma simples questão de bom senso.”

H.P..Blavatsky, A Doutrina Secreta

A visão de mundo separativa, que atualmente prevalece no ocidente, tem provocado a fragmentação de nós próprios, seres humanos, como de nossas ações no mundo. Diversos autores desde o final do século XX, têm indicado que esta visão se baseia no chamado “Reduccionismo” do século XIX, resultante da análise das coisas em seus componentes

progressivamente menores. E que gerou uma comunidade científica cada vez mais materialista em suas convicções em oposição a uma igreja cada vez mais dogmática⁵.

De acordo com Nicholson (1991, p.39), a mente seria olhada como mera função do cérebro e a consciência seria percebida como um subproduto da evolução física. De acordo com essa visão, o mundo adquire um caráter essencialmente material, e parece ser constituído de unidades isoladas, independentes, que parecem estar inerentemente desconectadas.

As visões mecanicistas e materialistas de Descartes, Galileu e Newton criaram essa posição da física clássica (NICHOLSON, 1991, p.73). Sob o predomínio da posição mecanicista, a ciência estava restrita a estudar apenas as propriedades dos corpos materiais que poderiam ser quantificados e medidos. Pensava-se que se compreenderia melhor todos os aspectos de fenômenos complexos, inclusive as criaturas vivas, reduzindo-as às suas partes constitutivas e estudando as partes.

Para o físico norte-americano David Bohm⁶ (apud NICHOLSON, 1991, p.39), ex-associado de Einstein, este tipo de pensamento é um dos principais fatores na atitude divisionista que permeia o mundo contemporâneo. O nosso impulso para romper a realidade em fragmentos, que percebemos através dos sentidos, é reforçado pela linguagem que enfatiza as diferenças. Vemos objetos separados, distintos, como uma mesa ou uma árvore, ou mesmo pessoas diferentes. Atribuímos a essas impressões dos sentidos uma importância muito maior do que são na realidade, sem compreendermos que há outras formas de vivenciarmos o ambiente. Nas palavras do instrutor tibetano TarthangTulku (NICHOLSON, 1991, p.39), o nosso ajuste focal está restrito a um ângulo estreito.

Mantendo esse foco restritivo, os físicos do início do século XX sondaram o átomo, como o fragmento básico menor do mundo material e procuraram minúsculos blocos construtores isoláveis com massa. Esta busca conduziu-os a uma esfera totalmente inesperada, na medida em que a materialidade se dissolvia diante de seu olhar (NICHOLSON, 1991, p.73).

5 O conteúdo das obras de Helena Blavatsky, principalmente *Ísis Sem Véu* e *A Doutrina Secreta* causaram um grande impacto no mundo científico e religioso da época (final do século XIX). No mundo científico, porque afirmava a raiz puramente espiritual da realidade, em oposição às teorias materialistas então vigentes. No mundo religioso, porque se erguia frontalmente contra o fanatismo e a fé cega, estimulando a “busca livre e destemida da verdade” (PEDRO OLIVEIRA apud BURNIER, 2007, p.132).

6 Em seu livro *Totalidade e a Ordem Implícada*.

3.3 Teosofia Antiga e Moderna

“Teosofia é uma sabedoria esotérica comum a todas as Religiões, que está de acordo com a lógica da Filosofia e os fatos e as leis da Natureza estudados pela Ciência.”

R. Lindemann

Conforme Oliveira, a história testemunha o fato de que o ser humano sempre esteve em busca da verdade. Essa busca aconteceu através da exploração do ambiente em que vivia, da Natureza e do vasto Universo que o cercava. Hoje podemos ver claramente que campos tão aparentemente distintos como a Religião, a Filosofia e a Ciência são um registro histórico da busca humana pela verdade, a verdade acerca das coisas, dos fatos, enfim, do significado da existência:

A Religião aponta para uma verdade eterna, para a causa e a origem de todas as coisas, sendo que os diferentes sistemas religiosos, quer no Oriente ou no Ocidente, alertam para o fato de que é através do modo de vida diário que o homem deve elevar-se até esta verdade eterna chamada Deus no mundo cristão, *Brahman* no hinduísmo, *Tao* na antiga tradição chinesa.

A Filosofia, ou antes, a História da Filosofia registra a longa e árdua “batalha das ideias”, onde pugnam entre si diferentes concepções de mundo, luta essa que pode ser exemplificada pela tensão existente entre a visão de Heráclito e a de Parmênides, os dois célebres filósofos gregos; o primeiro defendia a realidade existindo na mudança, no mundo das coisas objetivas, e o segundo defendendo a ideia do ser imutável, do Uno, da Realidade radicada no mundo das ideias, das formas ideais. E tal dicotomia persistiu ao longo da história da filosofia, onde transitam místicos e céticos, materialistas e idealistas, entre outros.

A Ciência, por sua vez, sempre esteve obstinadamente ligada ao mundo dos fatos sensíveis, ao conglomerado físico do mundo, seus habitantes e coisas, sendo que ela buscou – e busca – um conhecimento cada vez mais preciso das coisas e dos fenômenos naturais, uma vez que a ciência busca um conhecimento cada vez mais preciso dos fatos. Ela tem na observação uma das colunas centrais de seu método. Atualmente, o poder de observação no contexto do trabalho científico multiplicou-se significativamente, através do instrumental mais sofisticado e preciso que os cientistas das diversas áreas de pesquisa encontram a seu dispor.

Religião, Filosofia e Ciência são, portanto, três campos distintos do conhecimento humano, da busca humana pela verdade. Mas uma pergunta se impõe: isso foi sempre assim?(LINDEMANN; OLIVEIRA, 1993, p.29)

Nessa busca humana pela verdade, a Sra. Blavatsky (1980, v.1, p.59), em sua obra máxima, *A Doutrina Secreta (1888)*, propõe a seguinte ideia sobre a Sabedoria Antiga, também referida variadamente como Filosofia Perene, Filosofia Esotérica, Tradição-Sabedoria e, modernamente, Teosofia: “É então a Teosofia uma nova religião? - eis a pergunta. De nenhum modo; não é uma ‘religião’, nem é ‘nova’ a sua filosofia; pois, conforme temos declarado, é tão velha quanto o homem pensador”.

Mas qual o real significado do termo? Para Blavatsky (1991, p.15), “Sabedoria Divina, Theosophia ou Sabedoria dos deuses (...) certamente não ‘Deus’ no sentido atribuído em nossos dias ao termo. Portanto, não é ‘Sabedoria de Deus’, como traduzido por alguns, mas *Sabedoria Divina*, aquela possuída pelos deuses. O termo existe há muitos milhares de anos.”

Conforme Oliveira (Lindemann; Oliveira, 1993, p.34), a origem da palavra *Theosophia* é grega e significa primária e literalmente Sabedoria Divina. Foi cunhada em Alexandria, no Egito, no século III da nossa era por Amônio Saccas e seu discípulo Plotino, que eram filósofos neoplatônicos. Fundaram a Escola Teosófica Eclética e também eram chamados de *Philaletheus* (Amantes da Verdade) e Analogistas, porque não buscavam a Sabedoria apenas nos livros, mas através de analogias e correspondências da alma humana com o mundo externo e os fenômenos da Natureza.

Desta forma, a palavra “Teosofia” não se refere a uma nova religião ou filosofia, como alguns querem, mas à reafirmação de antigos princípios, princípios esses que podem ser encontrados no coração de várias tradições filosófico-religiosas, tais como o Hinduísmo, o Budismo, o Taoísmo, a antiga religião egípcia, o Lamaísmo tibetano, de acordo com Oliveira (Lindemann; Oliveira, 1993, p.30), entre outras, o Cristianismo primitivo⁷.

A Tradição-Sabedoria ou Teosofia comunica o sentido de que é um vínculo através dos tempos que traz, até os dias de hoje, os antigos ideários acerca da natureza humana e sua constituição, da origem e destino do homem, como também das leis que regulam o funcionamento dos vastos processos da vida e do universo. Segundo Oliveira (Lindemann e Oliveira, 1993, p.30), a palavra “tradição”, do latim *traditio*, significa “ato de transmitir ou entregar”. A Tradição-Sabedoria é o resultado direto das investigações de inúmeras gerações de sábios, videntes e místicos sobre as mais profundas questões da vida. E tais descobertas foram transmitidas, através do tempo, de Mestre a discípulo.

A Sociedade Teosófica, responsável pelo reavivamento da Teosofia na Era Moderna, foi fundada em Nova York/EUA em 1875, por um pequeno grupo de pessoas, entre as quais se destacavam uma russa e um norte-americano, a Sra. Helena Petrovna Blavatsky e o Cel. Henry Steel Olcott, seu primeiro presidente. Em 1878, ambos partiram para a Índia, e em 1905 estabeleceram legalmente a sede internacional em Chennai (antiga Madras), no sul da Índia. Pioneira em trazer o conhecimento das religiões do Oriente para o Ocidente, se

7 Cristianismo primitivo, pois anterior ao Concílio Constantinopla II, de 553 d.C., convocado pelo Imperador Justiniano, que condenou como herética a teoria da preexistência da alma do Padre Orígenes (LINDEMANN; OLIVEIRA, 1993, p. 73).

espalhou por mais de sessenta países em todos os continentes, possuindo membros adeptos de diferentes religiões.

O terceiro objetivo da Sociedade Teosófica aponta na direção de uma “livre e corajosa investigação da Verdade” e está formulado como segue: “Investigar as leis não-explicadas da Natureza e os poderes latentes no homem”.

4. Descobertas da ciência contemporânea apontam possibilidades de convergência com os princípios universais das tradições religiosas

“Teosofia é Ciência ou Conhecimento Divinos.”

H.P.B., A Chave para a Teosofia

“A Ciência será a nossa maior aliada.”

Cartas dos Mahatmas

Conforme Pfeifer (2003, p.29), vivemos o dia a dia caminhando com passos largos e firmes, calçados em nossas “certezas”, e nos surpreendemos quando algo de inesperado atrapalha nossos planos tão linearmente traçados. Entretanto, não estariam estas certezas fundamentadas no pouco conhecimento do mundo que nos cerca? Não estariam nossas convicções baseadas nas limitações de nossa consciência em relação a tudo que existe de astronomicamente maior, de infinitamente pequeno e de profundamente interior a elas mesmas?

Para que possamos nos predispor à reflexão, ao questionamento de nossas “certezas”, e a partir disso uma nova visão de mundo possa ser construída, talvez ajude apresentar algumas descobertas científicas não tão recentes, mas que ainda não são de domínio público.

Aquilo que se vê no Cosmos não é aquilo que é, mas aquilo que foi. A luz do Sol leva cerca de 8 minutos para chegar até a Terra. As galáxias do aglomerado de Coma mostram-se como eram há 700 milhões de anos. Nas profundezas do Universo, o espaço revela o tempo. Portanto, ao se olhar para o céu à noite, se está vendo, naquele instante presente, momentos muito distintos do passado da história do Universo (BETTO, 1995, p.25).

Sabemos hoje que o nosso planeta, no qual nos sentimos tão estaticamente estáveis, gira a 1.600 km/h em torno do seu próprio eixo. A Terra gira em torno do Sol a cerca de 108.000 km/h. Por sua vez, o nosso sistema solar gira em torno do centro da galáxia a

830.000 km/h. Por analogia, estamos como crianças brincando soltas no banco de trás de um carro em alta velocidade, levando nossas vidas inconscientes da dinâmica do Universo.

Podemos ampliar ainda mais a nossa perspectiva, se soubermos que, conforme os astrônomos nos dizem hoje, o Cosmos é muito maior do que até então se suspeitava: as galáxias seriam tão numerosas quanto as estrelas da nossa Via Láctea – de 100 a 200 bilhões (BETTO, 1995, p.69).

Mas talvez outras descobertas científicas sejam ainda menos conhecidas do público, quando se investiga até a esfera do minúsculo, no nível de moléculas e átomos. Então encontramos o espaço como preponderante. Mesmo em materiais sólidos e rígidos, como uma pedra de granito, há um grande espaço entre as moléculas que o constituem. A propósito, um átomo é basicamente espaço vazio. Conforme Nicholson (1991, p.87), se o seu núcleo fosse ampliado até o tamanho de uma bola de futebol, os elétrons circulariam na periferia do grande estádio. Se o núcleo do átomo fosse ampliado um pouco menos, digamos até o tamanho de uma ervilha, o núcleo do átomo mais próximo (a outra “ervilha”) estaria a aproximadamente mil metros! E também existem espaços até mesmo no núcleo aparentemente concentrado do átomo. Segundo as estimativas dos astrofísicos, se toda a matéria do nosso planeta Terra fosse agregada (como num “buraco negro”, ‘eliminando’ os espaços vazios, ela ocuparia um tamanho menor do que uma bola de tênis! Ou seja, o mundo “ilusoriamente” sólido é basicamente espaço vazio!

A moderna física nuclear, com seus aceleradores de partículas, mostrou-nos que o mundo dos sentidos constitui, em sua base, um fluxo de energia (NICHOLSON, 1991, 75). Os nossos sentidos mostram-nos apenas projeções mentais, estruturadas em fundamentos bastante diferentes. Esta visão sustenta o argumento filosófico e religioso antiquíssimo de que a experiência dos sentidos físicos não é confiável, representa *Maya*, ou ilusão, que não se coaduna com a Realidade maior.

Nesse sentido, nos relata Nicholson (1991, p. 76), a própria física hoje nos mostra algo estável e fundamental que está subjacente a esta coletânea de “coisas aparentemente separadas”: é o campo, uma constante imaterial por trás do mundo físico transitório. A Teoria dos Campos surgiu na física para explicar a ação à distância. O campo eletromagnético e o campo gravitacional, e seus efeitos, são bem conhecidos de todos. Mas os físicos contemporâneos descrevem as interações entre partículas subatômicas também em termos de campos, combinando ideias da teoria clássica de campo com a teoria quântica (que se ocupa de pacotes de energia no nível subatômico). Ou seja, as partículas são vistas como condições locais, e cambiantes, no campo subjacente contínuo. Nas palavras de Einstein:

Portanto, podemos considerar a matéria como sendo constituída pelas regiões do espaço nas quais o campo é extremamente intenso(...) Não há lugar neste novo tipo de física para o campo e para a matéria, pois o campo constitui a realidade única.(Apud CAPRA, 1985, p.45)

Assim, continua Nicholson (1991, p. 76), as partículas são apenas condições transitórias no campo permanente, concentrações de energia que emergem do campo e nele tornam a se dissolver. De acordo com Capra (1985, p.211), “o campo (ou o Vazio) não é um estado de “nada” absoluto (*nothingness*), mas contém a potencialidade para todas as formas do mundo das partículas. Estas formas, por sua vez, não são entidades físicas independentes, mas apenas manifestações transitórias do Vazio subjacente. ” Na obra *A Voz do Silêncio*, H.P.B. (2011, p.171) fala acerca do “vazio da plenitude aparente, a plenitude do aparente vazio”.

A ciência confirma agora a insubstancialidade e a transitoriedade do mundo, o que é um postulado há longa data defendido pelas religiões. Os objetos aparentemente sólidos e separados, que experimentamos através dos nossos sentidos, não são realmente sólidos ou separados em sua essência, mas surgem da mesma unidade fundamental, que é a Realidade primordial.

Capra também estabelece paralelos entre a Teoria do Campo e os conceitos orientais de um Fundamento Divino do qual se origina o mundo:

O *Brahman* dos hindus, o *Dharmakaya* dos budistas e o *Tao* dos taoístas talvez possam ser vistos como o supremo campo unificado, do qual se originam não somente os fenômenos estudados na física, mas também todos os demais fenômenos. (CAPRA 1985, p.211)

Tudo contém, ou é interpenetrado, por todas as demais coisas, segundo a visão da escola Kegan do Budismo *Mahayana*(NICHOLSON, 1991, p.59). Nessa mesma linha é debatido amplamente atualmente o conceito da Holística ou do Holismo. Foi primeiramente definido como um processo universal pelo filósofo e estadista sul-africano Jan Smuts em 1926 (WEIL; D'AMBRÓSIO; CREMA, 1993, p.43). Conforme Nicholson (1991, p.61), foi extensamente desenvolvido pelo eminente biólogo Ludwing von Bertalanffy, e mais recentemente pelo químico-físico belga Ilya Prigogine, Prêmio Nobel, que o estendeu para abranger princípios de auto-organização⁸ nas coisas vivas.

8 Prigogine demonstrou matematicamente que sistemas abertos como sementes, ovos ou quaisquer criaturas vivas (estruturas dissipativas) ao atingirem determinado grau de complexidade, tendem a desintegrar-se. A energia que mantém unidas as suas células, partículas subatômicas e outros níveis de organização é ligada de forma menos estável em sistemas complexos. Contudo, os componentes em vez de simplesmente se

O universo teria uma natureza hierárquica⁹, segundo o filósofo britânico da ciência, L.L. Whyte:

A visão holística (...) considera o universo como uma grande hierarquia de unidades, cada uma seguindo a sua própria trajetória de desenvolvimento histórico. Cada padrão, seja um cristal, um organismo, uma comunidade, o sistema solar ou uma nebulosa, possui a sua própria ordem interna e faz parte de uma ordem mais ampla, de modo que o universo é reconhecido como um Sistema de sistemas, um Grande Padrão de padrões. (apud NICHOLSON, 1991, p.61)

De acordo com as palavras do psicólogo americano Lawrence Leshan¹⁰:

[...] realidade individual é essencialmente ilusória. Basicamente, os objetos e acontecimentos fazem parte de um padrão que, por sua vez, faz parte de um padrão maior e assim por diante, até que tudo esteja incluído no padrão do universo. Existem eventos e objetos individuais, mas a sua individualidade é nitidamente secundária à sua existência como parte da unidade do padrão. (apud NICHOLSON, 1991, p.59)

O paleontólogo jesuíta Teilhard de Chardin¹¹ (apud NICHOLSON, 1991, p.64), estava profundamente convencido, tanto pela ciência como pela filosofia, de que o universo é um todo, algo inteiro, quando escreveu em sua obra *O Fenômeno Humano*:

Quanto mais distante e profundamente penetramos na matéria, através de métodos progressivamente mais poderosos, mais somos confundidos pela interdependência de suas partes. Cada elemento do Cosmos foi positivamente tecido por todos os demais [...] É impossível cortar essa teia para isolar uma parte sem que ela fique desemaranhada e rasgada em todas as suas extremidades. (NICHOLSON, 1991, p.82)

Movimento, espaço e tempo, segundo Nicholson, encontram-se entre o restrito número de postulados universais que ultrapassam todos os limites e englobam toda a existência. Místicos e cientistas encontraram dimensões dessas três realidades, que se diferenciam tanto

dispersarem, tendem a se reorganizar num novo todo, porém em um nível de complexidade mais elevado. É como se algum brinquedo se desintegrasse em virtude de seu próprio peso, mas em vez de ficar amontoado, as peças se reagrupassem em uma forma ainda mais complexa (NICHOLSON, 1991, p.189).

9 A analogia com os “fractais” pode ajudar nesse entendimento. Um fractal é um objeto que pode ser dividido em partes, cada uma das quais semelhante ao objeto original. Imaginemos, por exemplo, um gigantesco triângulo equilátero (com todos os lados iguais). Se em cada lado fossem colocados outros dois triângulos equiláteros, somente que com o comprimento igual à metade do triângulo central. Repetamos esse processo dezenas de vezes; mas sempre serão possíveis novas subdivisões. Agora imaginemos que o gigante triângulo central fosse o grande “gerador cósmico”; os 6 triângulos seguintes poderiam ser de “aglomerados de galáxias”; os 24 seguintes seriam de “galáxias”; os 96 seguintes de “aglomerados de estrelas”; os 384 seguintes de “estrelas”; os 1536 seguintes de “planetas”, etc. Ou seja, de uma grande fonte padrão de energia central, a energia poderia ser irradiada por todo o Cosmos mantendo o mesmo padrão, apenas com um potencial mais baixo em cada degrau da escala. Esse é apenas um exercício de imaginação para mostrar possibilidades.

10 Autor do best-seller *HowtoMeditate*.

11 Em sua obra *O Fenômeno Humano*.

da forma como as vivenciamos, projetando-se de modo tão oníbarcante que se revestem de um aspecto divino.

Mas, sugere Nicholson (1991, p.83), seja o que for que conhecemos, e vivenciamos, do movimento, espaço e tempo, isso constitui apenas a aparência externa do mistério subjacente e mais profundo desses três aspectos, pois a Teosofia nos ensina que eles são atributos da Realidade imaterial, do Uno. Na obra *A Doutrina Secreta*, H.P.B. proclama que eles são os três aspectos do Absoluto, a Fonte primordial de tudo. Nas *Cartas dos Mahatmas* (BARKER, 2001, p.52), escritas pelos instrutores de H.P.B., esses três aspectos são apresentados, eles próprios, como a Realidade que gera todas as coisas: “todos os fenômenos procedem do espaço, duração e movimento infinitos”. Em sua forma infinita e ilimitada, movimento, espaço e tempo são idênticos àquele fundamento que dá origem a todos os fenômenos no primeiro plano do nosso conhecimento e experiência. São universais, eternos, sempre presentes, divinos.

Por sua vez Einstein ampliou nossa visão, mostrando como espaço e tempo estão inter-relacionados, compondo um contínuo espaço-temporal quadridimensional. Indo mais longe, John Wheeler (apud NICHOLSON, 1991, p.88), citado como “o grande homem da física teórica”, concluiu que o espaço possui um número muito maior de dimensões. A Teosofia nos ensina que mesmo esse espaço ampliado de Einstein e Wheeler constitui apenas a expressão exterior do Espaço Universal da metafísica. Escrevendo muito antes, H.P.B. implicitamente expressou essas múltiplas dimensões do espaço, quando a ele se referiu como tendo “sete peles”¹².

Esse Espaço Universal não seria apenas o recipiente, mas o gerador de toda a manifestação, da mesma forma que vimos que as partículas podem surgir de um campo fundamental. A Teosofia nos ensina que toda a manifestação emerge do Espaço aparentemente vazio, como “espuma da água”, segundo dizem os *Upanishads*. Para

12 Blavatsky, em sua obra *A Doutrina Secreta (1888)*, descreve o nosso sistema solar como sendo composto de sete planos (ou mundos) distintos, mas coexistindo no mesmo espaço, sendo do mais denso para o mais sutil: o plano físico, o plano emocional (astral), o plano mental (concreto/abstrato), o plano *búdico* (intuitivo), o plano *átmico* (espiritual), o plano *anupadaka* (monádico) e o plano *adi* (divino). Cada plano superior com uma dimensão a mais (e um grau de liberdade) que o imediatamente inferior. Para iniciar o entendimento da matéria desses planos, talvez seja interessante mencionar que os clarividentes Charles Leadbeater e Annie Besant, através da publicação da obra *Química Oculta (1908)*, se anteciparam à descoberta das partículas subatômicas chamadas *quarks*. E foram mais além, ao investigarem o átomo de hidrogênio, quando descreveram os “átomos físicos ultrírrimos” (AFU). Os AFUs seriam “todos semelhantes, apenas que uns são positivos e outros são negativos”. Mas o mais interessante é que, sendo esses AFUs compostos, foram chamados de ‘átomos ultrírrimos’ porque “quando subdivididos tornam-se matéria astral”, ou seja, partículas do plano imediatamente superior. Na ciência atual, conforme o Dr. Stephen Phillips em seu livro *Extra-Sensory Perception of Quarks (1980)*, corresponderiam ao que pode ser denominado *sub-quarks*, as partículas que, combinadas em conjuntos de três, formariam os *quarks*; que, por sua vez, formam os prótons e nêutrons do núcleo do átomo (BURNIER apud LINDEMANN, 2006, p.371).

Nicholson (1991, p.89), este Espaço também constitui a plenitude condicionada, um Pleno, pois nele reside o potencial de tudo o que é, foi ou será. De acordo com H.P.B., esse Espaço pode ser comparado com o “Todo Absoluto”.

Na concepção teosófica, o Espaço – a Fonte divina de toda a existência – se encontra eternamente subjacente ao surgimento e desaparecimento dos mundos, sendo o fundamento estável a sustentar aquilo que é transitório. É aquela Realidade numênica da qual tudo se origina e na qual tudo eventualmente se retrai. Apesar das inúmeras facetas que o espaço nos mostra, não existem vários espaços distintos. Toda a nossa experiência é permeada pela dimensão do Espaço Universal, chamado o “Grande Alento” pelo instrutor tibetano Tarthang (NICHOLSON, 1991, p.90).

Para o físico Bohm¹³ (apud NICHOLSON, 1991, p.79), o que vemos normalmente seria a “ordem explícita” ou “ordem revelada”, a manifestação espaço-temporal de uma realidade de uma outra dimensão mais profunda, que ele chamou de “ordem implícita”. Essa seria muito mais ampla do que aquilo que é revelado ou manifestado no mundo: “esta ordem implícita supõe uma realidade infinitamente além daquilo que chamamos matéria. A própria matéria nada é senão uma ondulação neste princípio (...) e o oceano de energia de forma alguma encontra-se basicamente no espaço e no tempo. ” Como nas palavras de Krishna na *BhagavadGita*: “tendo permeado todo este universo com um fragmento de mim mesmo, eu permaneço. ”

O espaço temporal que experimentamos constitui uma expressão daquele vasto princípio cósmico que jaz em seu coração. Geralmente não nos damos conta desta infinitude porque o nosso enfoque está direcionado para uma perspectiva mais restrita. Mas podemos aprender a ampliar o horizonte da nossa visão.

5. Considerações Finais

*“Não há diferença entre o aforismo do Apóstolo Cristão
'Nele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser' (Atos XVII, 28) e
do Rishi Hindu 'O Universo vive, procede de e retornará a Brahman' (...)
O Deus do Apóstolo-Iniciado e do Rishi é tanto o Espaço Invisível quanto o visível.”*

H.P.B., A Doutrina Secreta

Leibniz (apud WEIL, D'AMBRÓSIO, CREMA, 2003, p.131) predisse que a humanidade ficaria fascinada e seria absorvida pelas faculdades de análise da ciência de tal

13 Em sua obra *The Enfolding-Unfolding Universe: a conversation with David Bohm*.

forma que, durante séculos, dissecaria a realidade e se esqueceria da síntese, do universal. Mas ele previu, também, que a complexidade de nossas descobertas nos forçaria, mais cedo ou mais tarde, a retornar ao universal, à globalidade.

A perspectiva dos “campos” conduz a uma visão do mundo unitiva, que inclui uma ética e um modo de viver que leva em consideração a vida em sua totalidade. Durante séculos a Teosofia e a Filosofia Oriental defenderam uma visão como esta. O novo conhecimento oriundo da física corrobora uma visão antiga, uma formulação precisa para uma intuição muito antiga. A física moderna lança uma nova luz para a nossa compreensão da Realidade fundamental, da Fonte transcendental (NICHOLSON, 1991, p.81).

Assim, a atualidade nos faz presenciar o momento histórico em que a Física corrobora a existência de uma Realidade imaterial da qual surge o mundo físico. Físicos com ampla visão até mesmo divisaram a magnitude desta Realidade fundamental que a Teosofia encara como algo que ultrapassa amplamente o alcance da Física para abarcar todos os reinos da Natureza.

À medida que a ciência contemporânea avança em suas descobertas, convergindo para aquilo que as antigas tradições religiosas afirmavam, abrem-se possibilidades de emergir uma nova visão de mundo, uma visão unificante, de fraternidade, que começa a permear a consciência de um número cada vez maior de seres humanos e que não poderá senão se refletir externamente em nossas vidas, em nossas atitudes para com o mundo.

É o que visa a Sociedade Teosófica, quando estabelece em seu primeiro objetivo (e o único com o qual seus membros devem concordar para se afiliarem): “Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor.” Conforme afirma Sri Ram, ex-presidente internacional, a instituição espalhou-se por todo o mundo e tem membros pertencentes a tão diferentes nacionalidades, adeptos de diferentes religiões, que vieram de diferentes circunstâncias, mas todos se uniram para formar este núcleo. E não se diz que se cria esta Fraternidade, porque “é uma Fraternidade que existe na Natureza”. Seus membros apenas compreendem o fato desta Fraternidade e agem como irmãos com todos, não apenas em relação aos companheiros membros da Sociedade Teosófica, mas com todos os seres humanos.

Entendemos que a ciência acadêmica atualmente é percebida pela maioria das pessoas na sociedade ocidental como se fosse o “Novo Deus” da era moderna. Pois suas afirmativas são consideradas verdades incontestáveis pelas pessoas comuns, a ponto de imaginarem

verdades onde existem meras suposições¹⁴. É de se prever que, a medida que a Ciência for ampliando sua perspectiva, pelo aumento significativo das descobertas, possibilitadas pela aceleração do avanço tecnológico, e mais e mais cientistas, dos mais diversos campos do conhecimento, forem propondo teorias para explicar essa Realidade Suprema, a maioria das pessoas passará também a perceber que, aquilo que suas religiões sempre falaram (por mais diversas que sejam), finalmente encontra correspondência nas novas afirmações da Ciência, sobre os fatos e as leis da Natureza.

Muito provavelmente a Ciência se abrirá para a possibilidade de perceber, não um Deus (mesmo a Teosofia prefere se referir ao “Absoluto”, a “Alma Universal”), porque isso seria quase uma “ruptura” com um grande embate em seu passado não tão longínquo, quando buscava afirmar sua legitimidade se distanciando da Igreja. Mas talvez admita trabalhar com uma “Inteligência” presente em tudo, a “Inteligência da Natureza”. Nesse sentido, alguns cientistas passaram a acreditar firmemente em uma “Inteligência Cósmica” a guiar a criação e o desenvolvimento do Universo. Podemos citar Fred Hoyle em sua obra *O Universo Inteligente* e Jim Lovelock que escreveu sobre a Terra, como a deusa grega “Gaia”. Então talvez os cientistas comecem a deixar de lado o “acaso” para o que ainda não entendem e comecem a perceber em tudo uma relação de causalidade, a Lei da Harmonia de que fala a Teosofia.

Por outro lado, se a Religião encorajar os homens a buscar a verdade, conforme Burnier (2007, p.116), no lugar de lhes dizer no que acreditar, o mundo poderá ser um lugar mais pacífico, pois a tolerância acompanha o desejo de descobrir o que é verdadeiro.

Algumas pessoas já manifestam essa visão de mundo no seu modo de viver, como buscou investigar Pfeifer (2003, p.173), ao pesquisar pessoas com uma abordagem holística tão forte em suas vidas que repercutia no seu ambiente de trabalho. E um dos vários temas que emergiram foi da “percepção de que não se está só, mas que, pelo contrário, existem milhares de pessoas comungando dessa visão de mundo.”

Como na ideia proposta por Marilyn Ferguson (1994, p.38), em sua obra *A Conspiração Aquariana*. Segundo a autora, “vivemos uma revolução da consciência”, que parece se mover “na direção de uma síntese histórica: a transformação social como resultante da transformação pessoal – a mudança de dentro para fora.” Ela alerta que “as primeiras gotas

14 Como, por exemplo, a crença das pessoas de que estão vendo uma ‘foto’ da Via Láctea, nossa galáxia, na “forma espiralada”, quando na verdade aquela é apenas uma “ilustração”, baseada no conhecimento científico. Pois como o Sol e a Terra, por consequência, estão como que “na borda de uma pizza” em relação ao centro da nossa galáxia, não temos como ter uma “visão de cima”, que somente seria possível de uma perspectiva superior.

da grande chuva que virá já estão caindo em todos as áreas do conhecimento, em todas as nações e em todos os meios sociais.” Com esse artigo esperamos contribuir com uma pequena gota para o ressurgimento dessa visão de mundo da Unidade da Vida, de síntese transdisciplinar da religião, da filosofia e da ciência, na busca humana pela Verdade, como nos aponta a Teosofia.

Referências

- BARKER, A. T., compilador. *Cartas dos Mahatmas para A. P. Sinnet*. v. 1 e 2. Brasília:Ed. Teosófica, 2001.
- BETTO, Frei. *A Obra do Artista: uma visão holística do universo*. São Paulo: Ed. Ática, 1995.
- BLAVATSKY, Helena P. *A Chave para a Teosofia. (The Key to Theosophy, 1889)*. Brasília: Ed. Teosófica, 1991.
- _____. *A Doutrina Secreta*. Tradução de Raymundo Mendes Sobral. v.1-6. São Paulo: Ed. Pensamento, 2000.
- _____. *A Voz do Silêncio. (The Voice of The Silence, 1889)*. Brasília: Ed. Teosófica, 2011.
- BURNIER, Radha. *Aprendendo a Viver a Teosofia*. Brasília: Ed. Teosófica, 2007.
- CAPRA, Fritjof. *O Tao da Física*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1985.
- _____. *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1989.
- FERGUNSON, Marilyn. *A Conspiração Aquariana: transformações pessoais e sociais nos anos 80*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1994.
- LINDEMANN, Ricardo. *A Ciência da Astrologia e as Escolas de Mistérios*. Brasília: Ed. Teosófica, 2006.
- LINDEMANN, Ricardo. OLIVEIRA, Pedro. *A Tradição-Sabedoria: uma introdução ao estudo comparado de filosofia oriental e ocidental*. Brasília: Ed. Teosófica, 1993.
- MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 2000.
- NICHOLSON, Shirley. *Sabedoria Antiga e Visão Moderna*. Brasília: Ed. Teosófica, 1991.
- PFEIFER, Adolfo K. *A Atitude Holística do Trabalhador no Ambiente de Trabalho e sua Qualidade de Vida*. Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção/Ergonomia, UFSC. Florianópolis, 2003.
- _____. *Uma Abordagem Holística em Orientação Profissional*. Em *Orientação Profissional em Ação*. Vol. I. LISBOA, Marilu; SOARES, Dulce H.P. (organizadoras). São Paulo: Summus Editorial, 2017.
- RODRIGUES, Aroldo. *Psicologia Social*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1976.
- TAIMNI, I. K. *A Ciência do Yoga*. Brasília: Ed. Teosófica, 1996.
- WEIL, Pierre; D'AMBRÓSIO, Ubiratan; CREMA, Roberto. *Rumo à Nova Transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento*. São Paulo: Ed. Summus, 1993.

A noção teosófica de Espaço como base da unidade das religiões

The theosophical notion of Space as basis for the unity of religions

Cristiane Szynewski¹⁵
cristianeszy@gmail.com

Resumo: As *Estâncias de Dzyan* são um manuscrito arcaico de origem tibetana que foi traduzido e comentado pela teósofa Helena P. Blavatsky, ao final do século XIX. Segundo Blavatsky, o documento pertence a um corpo de conhecimentos anterior aos diferentes sistemas religiosos que conhecemos hoje, nos quais é possível encontrar fragmentos da filosofia original, que seria um tronco comum. Se esse tronco comum existiu, o manuscrito deve fornecer elementos para conciliar os sistemas posteriores. O presente artigo pretende investigar se é possível compor divergências teológicas utilizando como base a noção metafísica de Espaço contida nesse texto tibetano. Analisaremos se essa metafísica é capaz de harmonizar alguns conceitos do *Vedanta Advaita* do *Samkhya*, que são dois dos seis sistemas filosóficos do hinduísmo.

Palavras-chave: Teosofia. Espaço. Religião comparada. Hinduísmo.

Abstract: The Stanzas of Dzyan are an archaic manuscript of Tibetan origin, translated and commented by the theosophist Helena P. Blavatsky, at the end of the 19th century. According to Blavatsky, the document is part of a body of knowledge earlier than the different religious systems we know today, in which it is possible to find fragments of the original philosophy, which would be a common trunk. If this common trunk existed, the manuscript must provide elements to conciliate the later systems. This article intends to investigate if it is possible to reconcile theological divergences, using as a basis the metaphysical notion of Space that is found in this Tibetan text. We shall analyze if this metaphysics is able to harmonize some concepts of the *Vedanta Advaita* and the *Samkhya* systems, which are two of the six philosophical systems of Hinduism.

Key-words: Theosophy. Space. Comparative religion. Hinduism.

Introdução

As *Estâncias de Dzyan* pertencem a uma coleção tibetana denominada *Livros de Kiu-ti*. Elas têm a forma de capítulos com vários versos, e foram traduzidas e comentadas pela primeira vez em língua ocidental pela teósofa Helena P. Blavatsky, ou HPB. As edições que haviam até então estavam em sânscrito, chinês e tibetano. Em 1888 elas foram publicadas em inglês, com comentários, na principal obra de Blavatsky: *A Doutrina Secreta*.

A respeito da origem desse manuscrito, temos como prova apenas o testemunho de Blavatsky (1973, p. 29). Diz a autora tê-lo obtido de uma “coleção de folhas de palmeira impermeabilizadas” em um monastério budista, ao qual teve acesso em suas incursões pelo

¹⁵ Doutoranda em Filosofia (Universidade de Brasília, 2018); Mestre em Filosofia (Universidade de Brasília, 2018).

Tibet. É muito difícil datar textos arcaicos, até mesmo para os historiadores, e essa dificuldade é agravada pela antiga prática da transmissão oral dos textos sagrados, que não deixa muito rastro. Como não temos registro da publicação em folhas de palmeiras, e nem dos textos sânscritos e chineses, tratamos como plausível a declaração de HPB (2000, v. 1, p. 64-65), de que o texto é anterior aos textos budistas e hinduístas os mais antigos a que temos acesso hoje, e que a filosofia ali contida se encontra dispersa nos diversos textos das religiões posteriores. Essa plausibilidade aferimos tendo em vista os indícios, no próprio texto, que nos levaram à hipótese de que a metafísica do Espaço, presente na obra em questão, é capaz de conciliar divergências e solucionar problemas de teologia.

Em 1875 HPB funda, em Nova Iorque, juntamente com o coronel Henry Olcotte outros membros, a Sociedade Teosófica, com os dois primeiros objetivos de formar um núcleo de fraternidade universal da humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor, e encorajar o estudo de religião comparada, filosofia e ciência. É uma instituição que tem pregado a tolerância e o diálogo entre as religiões. As obras de Blavatsky citam uma grande diversidade de textos de religiões e filosofias, antigas e atuais. Nossa intenção, no âmbito da ciência da religião, é investigar o alcance da teosofia de HPB em proporcionar conciliações em nível filosófico ou teológico entre sistemas que se apresentam como divergentes.

De modo imediato, o que queremos explorar é se a primeira noção apresentada nas *Estâncias de Dzyan*, que é a noção de Espaço no sentido metafísico, que possui grande abrangência e complexidade, é capaz de funcionar como um amplo panorama de uma cosmogonia que poderia acomodar e conciliar, como descrições parciais, diferentes visões sobre o mundo e a existência ou inexistência de Deus, veiculadas em religiões diversas. Neste artigo, faremos essa análise com relação a alguns conceitos da filosofia *Vedanta Advaitae Samkhya*, dois dos seis *darshanas*, ou escolas ortodoxas do hinduísmo.¹⁶

Apenas para não causar estranheza ao leitor por trazermos uma investigação com tal base, lembramos que a cosmogonia também faz parte da história filosófica do ocidente, mais especificamente, da filosofia grega pré-socrática (VI e V a. C.). Os pré-socráticos buscavam respostas para questões sobre a natureza (*physis*), seus elementos e seus princípios, o movimento, o Ser, o um e o múltiplo (Martins Filho, 1997).

Posteriormente aos pré-socráticos, é possível ainda encontrar discussões sobre esses temas. Por exemplo, na obra *Metafísica* de Aristóteles, encontramos investigações sobre a existência de uma substância eterna, imutável e independente das coisas sensíveis (*Met.* XII, 6

¹⁶ Os seis sistemas de filosofia ortodoxa, que aceitam a autoridade dos Vedas, são: *Nyaya*, *Vaisheshika*, *Samkhya*, *Yoga*, *Mimamsa* e *Vedanta*.

1071b 5; 1073a 5); a existência de um movimento eterno, que não pode ser gerado ou destruído; a possibilidade do próprio tempo ser gerado e destruído (*Met.* XII, 6 1071b 8-9); bem como referências ateorias ensinadas pelos mitos antigos, como a de que todas as coisas surgiram a partir do Caos ou da Noite (*Met.* XII, 6 1071b 27; 1072a 8).

Foge ao escopo deste artigo apresentar as ideias dos filósofos gregos ou fazer algum estudo comparativo envolvendo-as, o que seria uma investigação em si, com suas próprias dificuldades. Fazemos essa menção apenas com o intuito de remeter o leitor à antiguidade, às origens do pensamento por nós conhecido, e de mostrar que também podemos ver, nos textos gregos, alguns termos e questões que estão presentes na metafísica que apresentaremos, como espaço, movimento e substância primordial. Nós acreditamos que os termos são compartilhados por terem origem remota, embora, naturalmente, cada sistema filosófico apresente o significado que lhe é próprio.

As *Estâncias* que tratam da cosmogênese com a noção de Espaço em questão são sete. São sete seções ou capítulos, cada um com uma quantidade de versos, escritos em linguagem poética, que varia de seis a doze. Para o presente trabalho, citaremos poucos versos.

A respeito da terminologia, destacamos que, mesmo fazendo menção a termos de diversas línguas e religiões, Blavatsky (2000, v. 1, p. 86) justifica o amplo emprego, em sua obra, de termos hindus, por serem mais familiares aos estudantes ocidentais, apesar de não pertencerem à filosofia esotérica das *Estâncias*. Neste artigo, seguimos a mesma preferência dos termos hindus, por uma questão de familiaridade e praticidade.

1. Análise com base na noção de Espaço

Lembrando que estamos tratando de cosmogênese, ou surgimento do mundo, começamos com exame do primeiro verso da *Estância I*, que fala da “noite do universo”, ou *pralaya*, termo hindu que se refere ao período de dissolução de um cosmos. Oposto a *pralaya* temos o conceito de *manvantara*, que é o período no qual um cosmos se manifesta. Essa alternância de períodos de manifestação e dissolução cósmicas, ou atividade e repouso, que têm a mesma duração, corresponde à ideia hindu de Dias e Noites de *Brahmâ*. (Blavatsky, 2000, v. 1, p.105) A cosmogênese das *Estâncias* inicia com a Noite, e o primeiro verso é o seguinte: “O Eterno Pai, envolto em suas Sempre Invisíveis Vestes, havia adormecido uma vez mais durante Sete Eternidades” (Blavatsky, 2000, v. 1, p.101).

As sete eternidades mencionadas nesse verso correspondem ao montante de tempo de sete grandes eras ou períodos em que esse universo fica em repouso, ou dissolvido. A cada

período de repouso corresponde um mesmo período de atividade, ou manifestação cósmica. Esse montante de sete eras é um somatório de ciclos maiores e menores do calendário bramânico,¹⁷ que engloba períodos menores como Anos de *Brahmâ*, compostos, por sua vez, por Dias e Noites de *Brahmâ*. Não vamos detalhar esses ciclos, que envolvem períodos muito longos. Apenas como referência ao leitor, um dia de *Brahmâ* corresponde a 4.320.000.000 anos comuns. O foco da nossa investigação, porém, são os outros dois conceitos do verso.

O “Eterno Pai” é o Espaço, o conceito principal de nossa discussão. Para Espaço usaremos também os termos “Parabrahman”, “Absoluto” e “Brahman”, este último no sentido indeterminado. As “Sempre Invisíveis Vestes” são substância, ou matéria, primordial. Ambos são metafísicos, não são o espaço e matéria como conhecemos concretamente. É importante destacar que são inseparáveis ontologicamente, na realidade não existem separados um do outro. O Espaço sempre está acompanhado dessa substância primordial, também chamada de *Mulaprakriti*. O termo sânscrito *mula* significa raiz, e *prakriti*, natureza. E ambos, que são inseparáveis, são dotados de um movimento perpétuo, também chamado de alento. O alento também é movimento metafísico, eterno e incessante. Ele se distingue do movimento visível ou objeto da percepção, que é finito e periódico (Blavatsky, 2000, v. 1, p. 72, 116).

Em primeiro lugar, queremos destacar que, na metafísica das *Estâncias*, as únicas coisas eternas são o espaço e substância, acompanhados de movimento. Eles são eternos, como número, e se manifestam, periodicamente, como fenômeno. No *pralaya*, Espaço-substância estão “adormecidos”, ou latentes; no início do *manvantara*, eles “despertam”. No despertar do *manvantara*, esse Espaço-substância uno inicia sua expressão em outros seis níveis. Assim diz Blavatsky, utilizando, para essa mesma ideia (Espaço-substância), o termo hindu *Brahman*: “Brahman está em todo o átomo do Universo, sendo os seis princípios da natureza a expressão ou os aspectos vários e diferenciados do Sétimo e Uno, a Realidade única do Universo, (...)” (Blavatsky, 2000, v. 1, p. 85).

Destacamos, agora, a expressão acima: “sétimo e uno”. No universo manifestado, *Parabrahman*, ou *Brahman*, conforme a nomenclatura utilizada, é o sétimo princípio, imanifestado, que é imanente nos outros seis manifestados. Esses sete se expressam como níveis de Espaço-substância, denominados “princípios” ou “planos” na literatura teosófica. Nas palavras de Blavatsky: “Em simbolismo esotérico, o Espaço é chamado ‘Pai-Mãe Eterno de Sete Peles’; e é constituído de sete capas, desde sua superfície não diferenciada até a diferenciada” (Blavatsky, 2000, v. 1, p. 77). São sete planos de manifestação, sendo que o

¹⁷ HPB faz referência a uma antiga cronologia bramânica que consta no atual calendário tamil denominado *TirukkandaPanchanga*. (Blavatsky, 2000, v.3, p. 65, 66, 82)

sétimo é o imanifesto, ou Absoluto, e o primeiro é o universo físico, ou visível. Eles se organizam em uma progressão do mais sutil ao mais denso (Blavatsky, 2000, v. 1, p. 77, 78 e 85).

Parabrahman é um termo vedantino para Absoluto, e significa “além de *Brahman*”. É o *nirguna Brahman* do *Vedanta* monista, ou *Advaita*, de Shankaracharya: o *Brahman* sem qualidades, onde todas as relatividades se dissolvem. No *Vedanta* de Shankaracharya, *Brahman* indeterminado (*nirguna*) distingue-se de *Brahman* determinado (*saguna*), que é *Ishwara*, o Deus criador. Esse *Brahman* determinado é uma combinação do *Brahman* indeterminado com a substância manifestada, e também com *maya*, ou poder que gera a ilusão do mundo manifestado. (Radhakrishnan, 1997, p. 541, 542, 549, 572). Segundo Radhakrishnam (1997, p. 574), *maya* é um poder de auto-expressão de *Ishwara*, que transforma a matéria imanifestada em um *upadhi*, ou limitação. *Upadhi* também é traduzido como base ou veículo para algo mais sutil.

Para Blavatsky (2000, v. 1, p. 75, 81), *Parabrahman*, em síntese, é a “agregação coletiva do Cosmos em sua infinidade e eternidade”, o ‘Aquilão’ e o ‘Isto’ do grande Shankaracharya. A exposição de HPB sobre o conceito segue a visão vedantina, inclusive sobre a inutilidade da especulação sobre o mesmo, tendo em vista que *Parabrahman* está além do alcance do pensamento humano. Ela também faz menção aos termos “inconcebível” e “inefável” da *Mandukya Upanishad*. HPB (2000, v. 1, p. 76, 81) destaca a ausência de atributos e de qualquer aspecto finito ou condicionado para o Absoluto. A Seidade Una, como chama, é, ao mesmo tempo, asseidade. É a raiz sem raiz, a causa infinita e eterna.

Na perspectiva do nível do Absoluto, que é indiferenciado, ou sétimo nível, conforme dissemos, a dualidade sujeito-objeto é vista como ilusória, assim como qualquer manifestação. Essa é a visão teosófica e é a mesma em que se apoia a posição *Advaita* sobre o caráter ilusório de tudo, inclusive de *Ishwara* (o Criador), e bem como a afirmação da unidade de *Brahman* e *atman*. *Atman* é o substrato do *jiva*, homem individual. *Brahman* é substrato para tudo, de modo indistinto. São distinções conceituais de uma realidade única. Ilustramos essa ideia com um trecho do *Vivekachudamani*, de Shankaracharya:

251. Todas as modificações da argila, como a jarra, etc., que têm sido aceitas pela mente como reais, não são (na realidade) nada mais que argila. Do mesmo modo, o universo inteiro, que tem sua origem em *Brahman*, é o próprio *Brahman* e nada mais que Aquele. Não havendo outra existência que *Brahman* e sendo Aquele a única auto-existente Realidade, aquele é nosso verdadeiro Ser. Por isso, tu és aquele Pacífico, Puro, Supremo *Brahman*, o UM sem segundo. Fonte: http://estudantedavedanta.net/A_JOIA_SUPREMA_DO_DISCERNIMENTO.pdf. Acesso em 12 out. 2018.)

Ishwara aparece no período de manifestação cósmica, tanto na visão vedantina como na teosófica. Prosseguimos com as *Estâncias de Dzyan* e o surgimento do mundo. O terceiro verso que trazemos é o primeiro da *Estância III*, que fala sobre o “despertar do Cosmos”, ou início do *manvantara*: “1. A última Vibração da Sétima Eternidade palpita através do Infinito. A Mãe intumesce e se expande de dentro para fora, como o Botão de Lótus”. (Blavatsky, 2000, v. 1, p. 121).

A expressão “sétima eternidade” marca o fim das sete eras de repouso, que é correspondente a sete eras de manifestação, encerrando, conforme Blavatsky (2000, v. 1, p. 121, 122), o tempo incondicionado, eterno e universal (*kâla*), que é a abstração ou númeno do seu fenômeno: o tempo finito e condicionado (*khandakâla*). Esse último aparece como efeito de *Mahat*, ou inteligência universal, que se expressa na natureza, ou *physis*, que é um termo grego também bastante utilizado por HPB. Esse período de repouso, *pralaya*, termina em virtude de, nas palavras de HPB (2000, v. 1, p. 122): “uma Lei eterna e imutável dos grandes períodos de atividade e de repouso, chamados, de modo tão sugestivo e ao mesmo tempo tão poético, os ‘Dias e Noites de *Brahmâ*’”. A existência dessa Lei eterna elucida a expressão do verso seis da *Estância I* (Blavatsky, 2000, v. 1, p. 105): “o Universo, filho da Necessidade”. Entende-se então que, no princípio, existem o Absoluto e a Lei periódica; portanto, havendo um Criador, ele surge em um momento posterior. Quando encerra o *pralaya*, “a Mãe intumesce e se expande”, ou seja, a Substância primordial, as “Sempre Invisíveis Vestes” do “Eterno Pai” (*Espaço*), começa a sair do seu estado latente e a servir de substrato para a objetividade diferenciada do universo fenomenal e visível (Blavatsky, 2000, v. 1, p. 119).

A partir desse momento em que surge a objetividade diferenciada, surge o movimento em seu aspecto relativo, também chamado de ação, ou *karma*. Sobre isso, citamos o trecho de Blavatsky no qual ela se refere à substância primordial com o termo budista:

Nas duas primeiras partes desta obra mostramos que, ao primeiro palpitar da vida renascente, *Svabhavat*, a “Radiação Cambiante das Trevas Imutáveis e inconscientes na Eternidade”, passa, em cada novo renascimento do Cosmos, de um estado inativo a outro de atividade intensa; que ele se diferencia, e então começa a sua obra através desta diferenciação. Essa obra é o carma. (SVABHAVAT2000, v. 2, p. 346)

A partir desse momento podemos abordar a ideia de criação. O início do primeiro verso da *Estância II* (Blavatsky, 2000, v. 1, p. 114) diz: “1. Onde estavam os Construtores, os Filhos Resplandecentes da Aurora do *Manvantara*? (...)”.

Nesse verso da *EstânciaII* ainda estamos no contexto do *pralaya*, mas ali já está contida a ideia da diferenciação, da manifestação do mundo, nessa indicação da existência de seres construtores. É importante ressaltar, desde o início, a visão teosófica de que esses seres construtores, essas inteligências, desenvolveram-se na natureza, no decorrer dos *manvantaras* anteriores. Não são seres emanados diretamente do Absoluto. São seres sencientes, finitos e sujeitos à lei da causalidade, *oukarma* (Blavatsky, 2000, v. 1 p. 306,307). Assim, a metafísica baseada nas *Estâncias* admite um Criador, que representa uma coletividade, ainda que tenha um regente. Esses construtores são equiparados a nomes de diversas tradições, como “Elohim”, “Dhyanis”, “Demiurgo” (Blavatsky, 2000, v. 1 p. 306, 310). Em alguns trechos da obra de Blavatsky, essa coletividade é representada por uma unidade que a abrange, pela expressão “Raio Uno”, ou pelo termo hindu *Brahmâ* (o Criador) ou então, pelo termo grego *Logos*:“(...) Raio Uno (o Logos), que contém em si os outros Sete Raios Procriadores ou Poderes (os Logoi ou Construtores).” (Blavatsky, 2000, v. 1, p. 136).

Destacamos ainda que esse Raio Uno é mencionado, na obra da HPB (2000, v. 1, p. 183), por vários outros nomes, entre os quais, o termo hindu *Ishwara*, que designa, nos textos do hinduísmo, a ideia de um “Senhor”, “Governante” ou “Regente”.

A essa ideia de Raio Uno que agrega outros poderes construtores é possível associar, com as devidas adaptações, a ideia do Deus cristão com suas hostes angélicas, bem como do Deus de toda religião teísta, já que se pensa em conciliar teologias. No momento destacamos apenas que a interpretação teosófica retira todo aspecto de personalidade e qualidade antropomórficas desses seres criadores (Blavatsky, 2000, v. 1 p. 307).

Marcamos, então, a consonância da visão teosófica com a do *Vedanta Advaita* a respeito do Absoluto e do Criador. A interpretação de HPB das *Estâncias de Dzyan* parece adotar a visão de Shankaracharya a respeito de *Parabrahman* (*Nirguna Brahman*) e *Ishwara*). Nas duas visões, *Ishwara* tem um caráter ilusório, por não ser a realidade última e eterna, que é *Parabrahman*. *Ishwara*, que abrange os construtores mencionados nas *Estâncias*, aparece no final do *pralaya*, na aurora do *manvantara*. Assim, o Espaço-substância (Eterno Pai com suas Invisíveis Vestes) permanece como substrato ou raiz de tudo no mundo manifestado, inclusive de *Ishwara*. Por isso Shankaracharya afirma a identidade de *atman*, a subjetividade abstrata, dita do indivíduo, com *Brahman* (*nirguna*), o Ser abstrato. Essa distinção entre os termos *atman* e *Brahman* existe para fins intelectuais, pois não há distinção ou separação em realidade (Radhakrishnan, 1997, p. 538) nesse substrato permanente, como já dissemos. É importante ressaltar que essa identidade entre *atman* e *Brahman* não se aplica a *Ishwara* e

jiva,¹⁸ que são realidades do mundo manifestado, desenvolvidas no processo evolutivo. Em outras palavras, toda identidade, ou unidade, se dá no nível do substrato indiferenciado: *Parabrahman*, a realidade última. Trazemos mais uma citação do *Vivekachudamani*, a qual contém essa distinção que acabamos de mencionar Shankara:

241. -242. Quando o Shruti (os Vedas), pela afirmação “TatTvamAsi” (Tu és Aquele), estabelece repetidas vezes a identidade de Brahman e o *jiva*, o faz despojando estes termos de suas associações relativas, somente para inculcar a identidade dos dois em seu estado puro; pelo contrário, Aquele (como Ishvara, o Todopoderoso) e tu (como *jiva*, o ser individual) são atributos tão distintos como o sol e o vaga-lume, o rei e o criado, o oceano e o poço de água e o monte Meru e o átomo. 243. A diferença entre eles (Brahman e *jiva*) foi criada pelos atributos ilusórios (*upadhi*) que não são reais. O *upadhi* (atributo) de Ishvara (o Senhor) é *maya*, a causa de Mahat (a inteligência cósmica) e os demais (as modificações que procedem de Mahat) e tu deves saber que o *upadhi* do *jiva* são as cinco envolturas. 244. Estes são dois respectivos *upadhis* de Ishvara e o *jiva* e quando eles são eliminados perfeitamente não haverá Ishvara nem *jiva* (para o aspirante monista). O reino é o símbolo do rei e o escudo o do soldado, mas quando são tirados não haverá nem rei nem soldado. Fonte: http://estudantedavedanta.net/A_JOIA_SUPREMA_DO_DISCERNIMENTO.pdf. Acesso em 12 out. 2018.)

No trecho acima Shankara explica que o aspirante espiritual (*jiva*) é uno com *Brahman*, porém apenas quando os *upadhis*, ou envolturas do mundo fenomênico que delimitam a existência de cada ente em separado, são eliminados. Essa eliminação é um ato de percepção, ou conhecimento, ou seja, o conhecimento não dual do monismo vedantino. Então o *jiva* percebe sua unidade com *Brahman*, por meio do conhecimento de *atman*. Nos seus aspectos fenomênicos, *Ishwara*, o construtor cósmico, e o *jiva*, ser humano particular, são tão diferentes quanto o sol e o vaga-lume. Apenas nesse aspecto fenomênico, a teosofia aceita, em seu sistema, o dualismo espírito-matéria, ou criador-criatura. Mas no nível da realidade última, o sétimo princípio onibrangente, sua visão é monista. A partir desse entendimento, nós podemos estabelecer que a visão teosófica, fundamentada na cosmogonia das *Estâncias de Dzyan*, é perfeitamente consonante com a tradução de *darshanas* como pontos de vista. Pontos de vista não apenas sobre os Vedas, mas sobre uma realidade mais ampla e complexa que aquela descrita em um sistema em particular. Monismo e dualismo, neste referencial, se complementam como descrições parciais da realidade, sob a perspectiva da manifestação ou não manifestação do Espaço-substância.

Nessa ótica também é possível integrar o monismo com o dualismo de outro *darshana*: o sistema *Samkhya*. Trazemos, para acomodar nas noções das *Estâncias de Dzyan*,

¹⁸*Jiva*: o ego individual finito associado a um corpo.

alguns fundamentos desse *darshana*. Compartilhamos, até agora, o vocabulário sânscrito para os sistemas teosófico e vedantino, e o mesmo faremos com o sistema *Samkhya*.¹⁹

Os conceitos do *Samkhya* são bastante utilizados por Blavatsky, principalmente para tratar das coisas que existem na natureza, ou universo manifestado, como a filosofia dos *tattvas*, os elementos ou princípios (Blavatsky, 2000, v. 6, p. 138). Chama a atenção a consonância da sua interpretação da cosmogonia das *Estâncias* com fundamentos filosóficos nesse sistema, mesmo com menos referência expressa do faz quando traz os conceitos do *Vedanta Advaita*. A partir de agora, traremos alguns dos fundamentos do *Samkhya* para ilustrar como se harmonizam com a cosmogonia em questão.

A palavra “samkhya”, ou “número”, se ajusta à ideia de enumeração dos princípios do cosmos, que é a marca fundamental dessa filosofia (Radhakrishnan, 1997, p. 249). A tradição remete esse sistema a Kapila, e sua classificação como dualista tem base na relação de conhecimento entre sujeito e objeto, pois o *purusha* (espírito), enquanto alma individual, é capaz de conhecer *prakriti*, substância ou matéria (Radhakrishnan, 1997, p. 248, 279 e 280). Segundo Radhakrishnan (1997, p. 253), o sistema de Kapila enfatiza a existência da pluralidade de *purushas* e sua independência de *prakriti*, e abandona a explicação do Absoluto. A respeito desse dualismo do *Samkhya*, Blavatsky (2000, v. 1, p. 117) o acomoda no universo manifestado, e o mantém sob certa perspectiva, como na seguinte declaração: “O Infinito não pode compreender o finito. O Ilimitado não pode ter relação com o limitado”. Isso parece um pouco dualista no sentido de haver independência entre o imanifestado e o manifestado, mas aqui, na teosofia, não é o imanifestado que conhece o manifestado. Aqui se encaixa a divisão setenária de planos de manifestação da teosofia, como a grande solução. Na interpretação das *Estâncias*, a noção de conhecimento varia conforme o nível de manifestação. No Absoluto, não existe separação entre conhecedor, conhecimento e coisa conhecida. A consciência concreta, na manifestação, não pode ser atribuída à consciência abstrata, segundo HPB (2000, v. 1, p. 117), pois: “Consciência implica limitações e qualificações: algo de que ser consciente, e alguém para ser consciente”. Entre a consciência concreta e a consciência abstrata é preciso haver intermediários, e essa intermediação se dá pelos cinco planos que estão entre o sétimo e o primeiro. No sétimo plano, ou no Absoluto, não existe sujeito e objeto. Mas existe relação de sujeito-objeto entre o *jiva* (expressão fenomênica) e os objetos fenomênicos. No *Samkhya*, *Purusha* é o Eu ilimitado, e *jiva* é o eu que se distingue por ser limitado pelo corpo e pelos sentidos. Então *Purusha* conhece *Prakriti*,

¹⁹Radhakrishnam (1997, p. 25) chama de “dialeto de especulação” os termos compartilhados pelos seis sistemas. A partir do mesmo vocabulário, cada sistema constrói suas diferentes significações.

por meio de sua manifestação em *jiva*, sendo assim o problema acomodado nos planos intermediários da teosofia.

Radhakrishnan (1997, p. 282, 283 e 286) reconhece que a visão do *Samkhya* de *purusha* é determinada pelo conceito de *atman* das *Upanishads*. Em outras palavras, o conceito vedantino. Então, *atman*, e assim, também, *purusha*, é eterno, está além dos sentidos, da mente, das qualidades, do intelecto, do tempo e espaço (manifestados), da causalidade. Ele é ilimitado, imutável e perfeito, é o espectador independente de *prakriti*. Ele é a natureza essencial da alma, a qual é *jiva*, o eu individual ou empírico. *Jiva* é o resultado da combinação de *purusha* com *ahamkara*, ou ego. Portanto, nesse ponto, a visão teosófica também está em conformidade com os dois *darshanas*.

Um conceito bastante desenvolvido no *Samkhya* é a causalidade, na qual o efeito está contido na causa, que pode ser de dois tipos, causa eficiente e causa material. Aquilo que está latente na causa é desenvolvido para tornar-se efeito, ideia que Radhakrishnan(1997, p. 256, 257) compara com a transição de potência a ato, em Aristóteles. Assim, *prakriti*, a substância, não tem causa, mas é a causa (material) de todos os efeitos, é independente, eterna, una e oniabrangente. O mundo deriva dessa substância homogênea, e todas as coisas são apenas diferentes configurações dessa substância (Radhakrishnan, 1997, p. 260, 261, 266). Ele existe nessa substância eterna, que evolui, ou atravessa manifestações transitórias, em um ciclo de evolução que não tem início nem fim. Portanto, o mundo é nem real, nem irreal, pois existe na substância eterna e perece em suas manifestações transitórias, tem uma realidade fenomênica que se transforma (Radhakrishnan, 1997, p. 278). Nessa concepção de substância eterna, o *Samkhya* não difere da visão teosófica, com a seguinte exceção: na teosofia, a substância nunca é separada do Espaço, ou *Parabrahman*.

Radhakrishnan(1997, p. 260, 266, 267) diz que o *Samkhya* reconhece a impossibilidade de deduzir *purusha*, ou o Eu, de *prakriti*, ou o não-Eu. Chama a atenção, no entanto, a informação de que *Mahat*, no sentido cósmico, a causa (provavelmente formal) do universo (criado), também chamado de o Grande, ou Brahmâ, a primeira forma de ser da qual derivam diferentes ordens de existência, é o primeiro produto da evolução de *prakriti*. Em consonância com essa ideia, conforme as *Estâncias*, *Mahat*, a mente universal não existia no *pralaya* pois não existiam veículos para sua manifestação, e esses veículos são a coletividade dos construtores, os quais, como dissemos anteriormente, desenvolveram-se na natureza, ou *prakriti*, e agora possibilitam o despertar de um novo ciclo evolutivo (Blavatsky, 2000, v. 1, p. 102, 132).

O *Samkhya* não é ateísta no sentido de afirmar que Deus não existe. Mas também não é teísta, e um dos elementos dessa análise é que a existência de *purushas* eternos e infinitos é inconsistente com a ideia de serem criados por um Deus, na visão de Radhakrishnan (1997, p. 316, 318). Ainda assim, ele afirma que o *Samkhya* aceita a teoria de um *VyavasthapakaIshwara* (fundador, regente) o qual, no momento da criação, organiza a evolução de *prakriti*. E esse *Ishwara*, por sua vez, emerge de *prakriti*, onde estava anteriormente absorvido.

Tendo o *Yoga* seus fundamentos filosóficos no *Samkhya*, sua usual classificação como teísta se dá, provavelmente, em função das práticas devocionais das diversas linhas e gurus. Patañjali menciona *Ishwara* brevemente, sem muito interesse especulativo. Radhakrishnan(1997, p. 368, 369) afirma que o Deus pessoal serve para propósitos práticos em Patañjali, como auxílio na obtenção da liberação, ou *kaivalya*. Os três sistemas, *VedantaAdvaita*, *Samkhya* e *Yoga*, e as *Estâncias de Dzyan* conciliam-se quanto à existência de uma esfera construtora do universo manifestado, representada por *Ishwara*.

Havendo a possibilidade de a cosmogonia das *Estâncias de Dzyan* integrar sistemas monistas e dualistas, teístas e não teístas, como nos exemplos de nossa análise, talvez seja possível que o referencial teosófico também solucione outros problemas em teologia. Sobre o célebre problemado mal, podemos anunciar, em linhas gerais, o argumento de que essa metafísica que apresentamos não gera o problema da existência do mal tolerado por um Deus bom e onipotente, uma vez que *Ishwara*, ou *Brahman* determinado está submetido à lei *dokarma*(ideia de causa e efeito compartilhada no hinduísmo), portanto não é onipotente para anular os efeitos das ações humanas, que são dotadas de uma esfera de liberdade própria do seu mundo. Do seu lado, *Parabrahman*, ou *Brahman* indeterminado, não é nem bom nem mau, pois não possui atributos, bem como *atman*, o sétimo princípio no homem, que é idêntico a *Brahman*. Assim, *atman*, a realidade última e permanente, não é afligido pelas ações do mundo manifestado, portanto o mal não existe em absoluto. O mal limita-se à existência periódica dos entes manifestados, que produzem causas, em seu âmbito limitado, por meio de seus veículos (*jivas*), e estão vinculados aos seus efeitos, em função do *karma*, ou causalidade, como aspecto do movimento no mundo manifestado, ou ação. As inteligências criadoras são entes desenvolvidos nos universos manifestados, também estão submetidas à causalidade, e não interferem nas causas criadas pelos demais entes (Blavatsky, 2000, v. 1, p. 307). Em outras palavras, o Deus construtor do cosmos não é responsável pelo malcriado pelo homem, e o Absoluto não é atingido por esse mal.

Conclusão

Por fim concluímos que a cosmogonia veiculada pelas *Estâncias*, na interpretação teosófica, facilita a composição de diferentes visões de escolas ortodoxas do hinduísmo, pelo menos nesses aspectos que foram abordados. Nossa abordagem propedêutica indica que uma ampliação e aprofundamento desse estudo são viáveis e úteis. Na hipótese de se verificar, em estudo posterior, uma capacidade maior de harmonização de sistemas conflitantes de teologia, mesmo fora do hinduísmo, isso fortalece a tese de Blavatsky sobre a existência de uma filosofia anterior mais abrangente que se disseminou em textos e escolas posteriores. Segundo Radhakrishnan (1997, p. 18-19) os *darshanass* são tentativas lógicas de reunir, em ideias gerais, concepções dispersas a respeito do mundo. Em sua opinião, uma grande parte desses conceitos são compartilhados por esses sistemas, e todos eles nos ajudam a ver algum aspecto da verdade. A aceitação dos Vedas implica que todos esses sistemas derivam de um reservatório comum de pensamento. Essa concepção, para ele, nos leva a ver que os sistemas aparentemente independentes são, de fato, partes de um esquema histórico mais amplo.

Sob a análise a partir do esquema da cosmogonia, cada ponto de vista possui a verdade até o alcance da sua visão de determinada seção do Espaço, amplo e com manifestações em vários níveis, sem que se caia em um relativismo onde a opinião particular é a medida do saber. A cosmogonia permite a conciliação entre as diferentes doutrinas, de modo racional, sob o prisma da consistência. Uma composição racional viabiliza uma autêntica fraternidade entre as diversas religiões, não apenas pela tolerância do que é diferente, mas pelo reconhecimento espontâneo de uma unidade subjacente a diferenças aparentes, de forma e linguagem, e limites que se encaixam como continentes derivados de um só.

Para teístas e ateístas: conforme as *Estâncias*, Deus existe ou não existe dependendo de qual descrição aplicamos a Ele, e qual a quantidade de tempo que estamos considerando. Pois em uma rápida abstração mental, podemos dizer que uma divindade criadora não é eterna, portanto é ilusória, mas mesmo um período de existência de um único ano de *Brahmâ*, que dura 4.320.000.000 anos comuns, não é tão breve a ponto de ser desconsiderado, na medida em que temos o tempo como referência.

Se pudermos compreender melhor o sentido de *darshanas* como pontos de vista, não apenas a respeito dos *Vedas*, mas a respeito de uma realidade, talvez o mesmo entendimento possa ser aplicado a outras religiões, como o budismo, o cristianismo, o islã, e outras tantas, cada qual com suas tão diversas linguagens, culturas, mitos e enfoques interpretativos de

conceitos filosóficos, os quais, em seu aspecto filosófico propriamente dito, nem são tão diversos assim.

Referências

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução e notas de Edson Bini. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2012.
- BARKER, A. T., compilador. *Cartas dos mahatmas para A. P. Sinnet*. v. 1 e 2. Brasília: Teosófica, 2001.
- BLAVATSKY, Helena P. *A doutrina secreta*. Tradução de Raymundo Mendes Sobral. v. 1-6. São Paulo: Pensamento, 2000.
- BLAVATSKY, Helena P. *Sabedoria eterna*. Tradução de M. P. Moreira Filho. São Paulo: Pensamento, 1973.
- MARTINS FILHO, Ives Gandra. *Manual esquemático da história da filosofia*. São Paulo: LTr, 1997.
- RADHAKRISHNAN, S. *Indian Philosophy*. v. 2. Nova Delhi: Oxford University Press, 1997.
- SHANKARA, *Vivekachudamani: a jóia suprema do discernimento*. Tradução brasileira da versão em espanhol de SwamiVijojananda (Ordem Ramakrishna), [data desconhecida]. Disponível em: http://estudantedavedanta.net/A_JOIA_SUPREMA_DO_DISCERNIMENTO.pdf Acesso em 12 out. 2018.
- TAIMNI, I. K. *A Ciência do Yoga*. Brasília:Teosófica, 1996.

Upâsana Gâyatrî: rito e mito na prática da adoração do mantra Gayatri.

Upâsana Gâyatrî: rite and myth in the practice of Gayatri mantra worship.

Silas Roberto Rocha Lima
Silas.cr.ufjf@gmail.com²⁰

Resumo: Neste trabalho acadêmico, será feita uma breve análise da obra Gayatri, o mantra sagrado da Índia, de I. K. Taimni, um notável teósofo e escritor, que nasceu e viveu na Índia. Focarei minha abordagem na descrição e interpretação da cerimônia denominada Upâsanâ Gâyatrî. Como método científico, utilizarei os conceitos de rito, mito e sagrado presentes em autores como Mircea Eliade, Claude Lévi-Strauss, Émile Durkeim, Rudolfo Otto e Joseph Campbell. A relevância desta comunicação está no fato de trazer a apreciação do ambiente acadêmico, uma visão cosmogônica original exposta através de uma ritualística que envolve a recitação (japa) de um mantra (Gâyatrî). Esta prática expressa uma religiosidade que já ultrapassou as fronteiras de uma nação (Índia) e alcançou o ocidente e este fato se deve a ação da Sociedade Teosófica.

Palavras-chaves: Teosofia Moderna, Upâsana Gâyatrî, I. K. Taimni²¹

²⁰ Licenciando em Ciência da Religião pela UFJF, mestre em Ciência da Religião pela UFJF e bacharel em Direito pela UFJF.

²¹ IK Taimni (1898-1978) nasceu em Lucknow, na Índia, em uma família de Brahman da Caxemira. Seu pai foi Pandit Prem Kishen Taimni. A mãe de Taimni morreu cedo, e ele foi criado por sua avó, que, uma devota do Senhor Rama, carinhosamente o chamou de “Sri Ram”. Com apenas uma irmã mais nova e um pai carinhoso mas reservado, sua infância era solitária.

A família mudou-se para Allahabad, onde Taimni estudou em uma faculdade do governo e ganhou um mestrado em química. Ele tinha um registro acadêmico brilhante e se juntou ao corpo docente da Universidade. Em 1928, ele ganhou um Ph.D. em química inorgânica da Universidade de Londres e continuou a trabalhar na Universidade de Allahabad até sua aposentadoria.

Taimni ingressou na Loja Anand da Sociedade Teosófica em Allahabad com a idade de 21 anos (diploma nº 19388, de 12 de junho de 1919). Talvez uma importante influência em sua vocação teosófica tenha sido seu casamento com KunwarNagu, de Indore, que frequentou a TheosophicalGirl'sSchool, ligado à sede da Seção Indígena em Varanasi e que se juntou à Sociedade Teosófica em 1925.

Taimni foi fundamental na construção da Loja Anand em 1935, e ele contribuiu com sua própria biblioteca para a Biblioteca Memorial Besant localizada na Loja. Ele trabalhou como Secretário da Loja e depois como Presidente. Ele estabeleceu a Editora Anand para a publicação da literatura teosófica. Pessoa de natureza afetuosa e carinhosa, humilde e despretensiosa, ele evitava a publicidade e não gostava de ser fotografado. Ele morreu em Lucknow em 7 de junho de 1976.

A principal contribuição de Taimni para a Teosofia foi através de seus livros, alguns dos quais foram traduzidos para várias línguas. Seus escritos combinam uma profunda percepção da sabedoria oriental, conhecimento da filosofia oculta e uma compreensão das ciências físicas. Ele publicou várias traduções de textos do Saivismismo da Caxemira.

As principais publicações de Taimni pela Editora Teosófica são: Uma Introdução ao Simbolismo Hindu (1965, 1969); A Ciência do Yoga [tradução e comentário sobre os Yoga Sutras de Patañjali] (1961; edição em brochura de Wheaton, 1967); Homem, Deus e o Universo (1969); Gayatri (1974, 1978); Ciência e Ocultismo (1974); O Segredo da Auto-Realização [tradução e comentário do Pratyabhijñahridayam de Ksemaraja] (1974); Auto-Realização através do Amor [tradução e comentário sobre o Bhakti-Sutra de Narada] (1975); Um Caminho para a Autodescoberta [originalmente intitulado Auto-Cultura: O Problema da Auto-Descoberta e Auto-Realização à Luz do Ocultismo(1976)]; e A Realidade e Realização Ultimate [uma tradução e comentário sobre o Siva-Sutra] (1976). (Fonte: https://www.theosophyforward.com/theosophical-encyclopedia/1096-i-k-taimni?fbclid=IwAR262NWjhqw1ZAbJti9fiJw_mHGcOUx-dmenFuUI0ZMZtb4FOxp1OR4UD5g, Acesso: 02/11/2018)

Abstract: In this scholarly work, a brief review of the work *Gayatri*, the sacred mantra of India, by I. K. Taimni, a noted theosophist and writer, was born and lived in India. I will focus my approach on the description and interpretation of the ceremony called *Upâsanâ Gâyatrî*. As a scientific method, I will use the concepts of rite, myth and sacred present in such authors as Mircea Eliade, Claude Lévi-Strauss, Emile Durkheim, Rudolfo Otto and Joseph Campbell. The relevance of this communication is in bringing the appreciation of the academic environment, an original cosmogonic vision exposed through a ritualistic that involves the recitation (japa) of a mantra (*Gâyatrî*). This practice expresses a religiosity that has already crossed the frontiers of a nation (India) and reached the west and this fact is due to the action of the Theosophical Society.

Keywords: Modern Theosophy, *Upasana Gayatri*, I. K. Taimni

1. Introduzindo o tema: o ritual do *Upasana Gayatri*, contextualizando sua relevância na Teosofia Moderna.

O presente trabalho acadêmico apresenta a descrição e analisar um conjunto de práticas ritualísticas, que segundo o prof. Taimni, se originaram na literaturavédica, ou seja dos Vedas²², sendo fundamental para se atingir o que ele denomina como um estado de consciência chamada de auto-realização. Estas práticas ritualísticas alternam-se entre a recitação de mantras, exercícios de visualizações imagéticas e técnicas de meditações conduzidas, sendo que em seu conjunto são definidas em sânscrito como: *Upâsanâ Gâyatrî*²³. Este corporitualístico está roteirizado no apêndice, que fica nas últimas páginas do livro *Gayatri*, o mantra sagrado da Índia. Nesta obra, de pouco mais de 192 páginas, I. K Taimni desenvolve uma teoria que explica tanto a eficácia destes mantras²⁴ no desenvolvimento da “evolução espiritual” dos adeptos destas práticas; quanto qual seria a melhor forma de praticá-las, com o fim de aproveitar melhor seus efeitos positivos.

Preliminarmente, para melhor situar o papel, desta obra, dentro do contexto teosófico, devemos apontar que este autor ingressou na Sociedade Teosófica em 1919, tendo participado desta até o ano de seu falecimento em 1978. Desta forma, podemos categorizá-lo como um teosofista da era moderna. O Movimento Teosófico Moderno, fundado em 1875, foi

²² “Basicamente os Vedas são as quatro escrituras básicas (Rg, Yajur, Sama e Atharva-Vedas), os Puranas (cujo principal é o *SrimadBhagavatam*), os épicos – o *Mahabharata* (do qual o *Bhagavad-gita* é a seção mais importante) e o *Ramayana*, os *Upanishads*, os *Sutras* (mais famosos sendo o *Vedanta Sutra* e o *Yoga Sutra*), as ciências auxiliares (*ayurveda*, *astrologia*, etc.) e os comentários ou livros escritos pelos grandes mestres baseado nesses textos. As quatro escrituras, Rg, Yajur, Sama e Atharva-Vedas, descrevem os elaborados rituais e mantras usados na religião do povo nos tempos védicos, que se centrava na adoração de semideuses (ou deuses da natureza) [...]”. Fonte: <http://giridhari.com.br/o-que-sao-os-vedas/> Acesso: 01/10/2018

²³ *Upâsanâ Gâyatrî* e a grafia adotada pelo Glossário Teosófico de H. P. Blavatsky, respectivamente nas págs. 720 e 205. E como trabalho este tema pela ótica teosófica, escolhi adotar esta forma escrita. No entanto, nas citações e trechos do autor mantive a grafia própria deste, ou seja, *Upâsanâ Gâyatrî*.

²⁴ Mantra: “uma combinação particular de sons cuja repetição pode representar produzir resultados definidos” (TAIMNI, 1991, P.186)

responsável, segundo a autora Sylvia Cranston (1997), pela abertura do Ocidente para conceitos comuns das espiritualidades e tradições religiosas do Oriente, especialmente as de origem indiana. Conseqüentemente, podemos afirmar que Taimni foi um dos autores da teosofia moderna, que contribuiu, significativamente, para a difusão da percepção de uma presença do sagrado imanente (oriental) em contraposição à visão transcendental do divino, que predomina nas instituições religiosas ocidentais.

Para Taimni, o objetivo do homem, como ser consciente de sua própria natureza, seria alcançar a auto-realização. Para tanto, seria necessário envolver-se em uma busca espiritual batizada, pelo autor de Autocultura ou sãdhana, ou seja, exercitar práticas que conduzam à “iluminação espiritual”, também definido como auto-realização. (Taimni, 1991, p.188). Diz este autor: “ o edifício da Autocultura, que conduz finalmente à iluminação, sustenta-se em três pilares: formação do caráter, upâsana (adoração, veneração) e yoga” (Taimni, 1991, p.9). Taimni esclarece que a “formação do caráter” e a “adoração” são necessárias para que a terceira, isto é, a prática da “Ciência da Yoga”.

Nas próximas páginas, apresentarei conceitos e princípios gerais ligados ao imaginário e a ritualística do Upâsana Gâyatrî, para, a seguir, descrever e analisar de forma sucinta as recitações em que se desdobra esta prática, que se revela uma etapa essencial, segundo Taimni, para alcançar o estado de samádhi, “o último estado de realização yóguica” (Taimni, 1991, p. 189).

O Upâsana Gâyatrî está estruturado em seis práticas ritualísticas que combinam exercícios de meditação conjugadas à recitação de mantras dotados de simbologia e mitos próprios. Ao executar a sequência de ritos, obedecendo a métrica e as condições prescritas no Upâsana, cria-se as condições, para que o devoto possa se aproximar mentalmente do “objeto de sua adoração”, pela força de nele meditar, segundo um ensinamento estabelecido (Blavatsky, 2012, p. 720). No caso do Gâyatrî, o foco da adoração é Sâvitri, o deus védico solar, que representa, na verdade, “um poder além do sol”, tendo a função de “ser o estimulador de tudo”. (Campbell, 2008, p. 144, 169 e 170).

No Glossário Teosófico, encontramos a seguinte definição:

Gâyatrî (sânscrito) também chamado de Sâvitri. Um verso muito sagrado dirigido ao Sol, no Rîg Veda, e que brahmanes tem de recitar mentalmente todos os dias, pela manhã e ao final da tarde, durante suas devoções[...] Personificada como deusa, Gâyatrî é uma forma métrica, que consta de três divisões de oito sílabas cada. É a principal, segundo Sankarâcharya, porque conduz o conhecimento de Brahman. (Blavatsky, 2012, p.205)

Ao analisar a descrição, é possível perceber uma dupla função no mantra Gâyatrî, primeiro como instrumento que evoca a presença de uma divindade, no caso Sâvitri e, em segundo lugar, na construção de uma “métrica”, isto é, de uma forma imagética composta de uma deusa que intermediará a relação entre Sâvitri e o seu devoto. Esta “manifestação divina” no espaço mental seria, segundo o professor Taimni, essencial para manter contato com o conhecimento pertencente a Brahman²⁵, isto é, da Realidade não-manifesta (Taimni, 1991, p. 183). Para Taimni, a etimologia deste termo remete a ação de sentar próximo, ou seja, ao ato do aspirante estabelecer contato direto com a divindade escolhida, desenvolvendo, gradualmente, o hábito de sentar-se próximo dele.

A “pronúncia meditativa ou repetida; repetição articulada ou mental de mantras” (Taimni, 1991, p. 185), o assim chamado Japa do mantra Gâyatrî, segundo a obra referência do tema, desenvolveria progressivamente o estado de consciência do adepto, permitindo que o mesmo possa receber a luz espiritual advinda dos recessos mais íntimos do devoto. Para o autor, a potencialidade espiritual do adepto, geralmente, é ofuscada pelas impurezas e distrações que impedem sua manifestação integral no devoto. O Glossário teosófico assim define o japa:

Prática mística de certos yogis. Consiste em recitar de memória vários mantras e fórmulas mágicas. [Oração em voz baixa; recitação de memória (silenciosa ou mental)]. M. Dvivedi, em seu comentário dos Aforismos de Patañjali, diz: “japa significa recitação, porém esta deve ser acompanhada da devida meditação sobre o significado das palavras ou sílabas recitadas”. A melhor maneira de recitar, recomendada pelos Tantras, é a mental, de modo que não seja interrompida um momento sequer durante o trabalho nem tampouco dormindo (Blavatsky, 2012, p. 263).

A obra Gayatri afirma que o objetivo da meditação, em si, seria a percepção direta da realidade que está oculta por detrás de qualquer forma, ideia ou ideal concebido apenas no plano do intelecto, sobre o qual o mantra entoado. Segundo Taimni, não basta saber o sentido literal do mantra, é necessário, também, conhecer o Rishi, isto é, o sábio que revela o mantra, assim como a métrica na qual os versos se organizam. Revelar o Devata (divindade mítica) a quem se dirige, seria outro fator que define e direciona os efeitos do mantra. Ao longo do roteiro do Upâsana, descrito nesta obra, pode-se verificar a preocupação de apontar quem é o

²⁵ Brahman: [...] “é o impessoal, supremo e incognoscível Princípio do Universo, de cuja essência emana tudo e ao qual tudo retorna, e que é incorpóreo, imaterial, inato, eterno, sem princípio nem fim. É onipresente, onisciente, anima desde o deus mais elevado até o átomo mineral mais diminuto. (Blavatsky, 2012, p.85).

personagem²⁶, mítico ou real que o revela, qual a forma de métrica que foi utilizada na sua construção, além de nomear a divindade a quem se dirige.

2. Roteiro do Upâsana Gâyatrî

O Upâsana Gâyatrî é um ritual que conta com um total de quinze mantras, que se dividem na função de preparar o devoto para entoar o japa do mantra Gâyatrî, que segundo a tradição indiana, deve ser repetido em um ciclo de 108 vezes. Durante o Upâsana, há práticas contemplativas que evocam a presença de deidades do panteão Indiano que tem o papel de inspirar e direcionar o foco da atenção de quem executa este rito de adoração. A ritualística completa demora entorno de 40 minutos e pode ser dividida em seis práticas complementares e dotadas de sentido e representações próprias:

1ª Prática: Cerimônias purificadoras ou Bhuta Shuddhi. No texto do livro é recomendado que seja realizado pelo menos duas destas cerimônias, sendo que, no roteiro, são descritos três mantras utilizados para purificação. Destes, dois são votados para Vaishnâvi, uma das representações de Vishnu²⁷; enquanto o terceiro é focado em Rudrâni, um dos aspectos de Shiva. Nesta fase, entoa-se mantras visualizando os Devas escolhidos, procurando situá-los em um lugar no espaço cosmogônico, bem como seus atributos e influências sobre a consciência de quem está meditando. Os Shuddhi Mantras voltados para Vaishnâvi são:

A) *Om apavitrah pavitro va sarvavastham gato pivayah smaret pundari kaksam as bahyabhyantarah suh.*

Cuja tradução, realizada pelo autor é a seguinte: “Em qualquer condição que esteja um homem, quer pura ou impura, ele se purifica, tanto externa quanto internamente, no momento em que volta sua mente para Vishnu, aquele que tem olhos de lótus”.

B) *Om, tad visnoh paramam padam sadapasyanti surayah divi va caksur atatam.*

Cuja tradução, realizada pelo autor é “Aquela morada mais elevada de Vishnu sempre é vista pelos homens sábios como um olho que tudo vê nos céus” (Taimni, 1991, p. 120 e 125)

Com características diferentes, o mantra de purificação voltado para Rudrâni ou Bhuta Shuddhi, também traduzido como “Purificação dos elementos dos corpos”, prioriza descrever a condição divina do devoto e fazer correlação desta com sua contraparte que habita Surya ou o Sol Espiritual entorno do qual o nosso mundo orbita.

²⁶ Rishi

²⁷ Vishnu, assim como Shiva e Brahma, formam o Trimûrti ou Trindade hindu que representa aspectos do logos do universo ou Íshvara. (Blavatsky, 2012, p. 85, 635 e 744)

C) Om bhutasrngatac chirah susumnapathenajivasivamparamasivapade yojayami svaha.Omyamlingasariramsoyayasosaya svaha.Om ramsamkocasariramdahadahavahaOmparamasivasusumna-pathena mula-srngatamullasaullasajvalajvalaprajvalaprajvalaso 'hamhamsah svaha.

Cuja tradução feita pelo autor é: “Om. Por meio do caminho do sushumna, que se estende desde a entremescla dos elementos (bhutasrngata) até a cabeça (o centro Sahasrara), eu uno o Shiva microcósmico (a Mônada individual) com o estado do Supremo Shiva. Svaha.Om. Secai, secai completamente este corpo sutil, svaha. Om ram. Queimai, queimai o corpo que tem forma contraída, svaha. Om. Supremo Shiva, iluminai, iluminai o ápice sahashara no alto da cabeça através do caminho do sushumna.Aquele sou eu (so' ham). Eu sou Aquele (hamsa). Svaha”.(Taimni, 1991, p. 132 e 133)

Em uma leitura analítica, deste Suddhi, encontramos uma descrição do processo purificação dos corpos ou veículos de consciência que formam a alma individual ou Jivatma.(TAIMNI, 2007 p. 25). Segundo Taimni, dois Devatas são evocados mentalmente durante a recitação para a purificação destes corpos. O primeiro é Vāyu²⁸, que deve secar os quatro corpos inferiores que formam a personalidade mutável da Jivatma, enquanto que o segundo é Agni²⁹, que queima as impurezas dos corpos superiores que formam a individualidade imortal alma individual. Por fim, nesta recitação, o devoto identifica sua natureza divina chamada Jîvasivam com “o estado do Supremo Shiva ou Paramasiva”, ou seja, o devoto une sua personalidade mortal com uma das manifestações de divindade solar eterna.

2º Etapa: Invocação ao Sol Espiritual ou Avahana Sûrya. Neste momento, da prática ritualística do Upâsana, o devoto ento a mantra, enquanto em uma meditação direcionada constrói, mentalmente, a imagem de um “sol” na cavidade do coração, no qual, na fase seguinte, será o espaço imagético onde será evocado a presença de Gâyatrî.

A)Om Namovivasvatebrahmanbhasvatevisnutejase, jagatah savitre sicaye savitre karmadayine. Om ehisuryasahasramsotejorasejagatpate, anukampaya mam bhaktam grhanarghyam divakara. Eso'rghyah. Om sri suryaya namah.

Tradução do autor: “Saudação a Vivasvat, Oh Brahman, saudação ao Ser Luminoso que possui a energia de Vishnu. Saudação ao Criador do Mundo, Àquele que é puro, ao Doador da vida, ao Guardião do fruto das ações.Venha, Oh Sûrya (Sol) de mil raios, fonte de todas as energias, o Senhor do mundo, tenha piedade de mim, teu devoto; aceite esta oferenda, Oh Criador do dia.Para ti é esta oferenda, Om Saudação a Sûrya. ”

B)Om japakusumasamkasam kasyapeyammahadyutim,dhvantarim sarvapapagham pranato 'smidivakaram. Om namah savitre jagadekacaksuse Jagatprasutisthitinasahetave, trayi mayaya trigunatmadharine virincinarayanamkaratmane namah.

²⁸Vāyu: “ar, deus do ar, um dos tattvas (correspondente ao tato)” (Taimni, 1991, p. 191)

²⁹ Agni: “divindade do fogo, que nas chamas das lareiras protegia as famílias e nas chamas dos altares recebia a honra de seus sacrifícios, que ele próprio levava em sua boca inflamada até os deuses. (Campbell, 2008, p. 146)

Tradução do autor: “Om. Saudação ao Criador do dia, cuja cor é como a da flor Japa, que possui uma luz imensa, que é o filho de Kashyapa e é o Inimigo da escuridão, o Destruidor de todos os pecados. Reverentemente me curvo diante do Criador do dia. Saudação a Savatri, ao Olho que tudo vê, à Causa da criação, preservação e destruição do mundo, a Ele que se compõe de três Vedas, que mantém Prakriti com as três gunas e que contém Virinchi (Brahma), Narayana (Vishnu) e Shamkara (Shiva). Om. Saudação ao Senhor Sûrya”. (Taimni, 1991, p. 173)

No corpo do texto, deste mantra, são relacionados os atributos espirituais do Sol espiritual, ou seja, como “causa da criação”, relacionado Virinchi ou Brahma, preservação associado a Narayana ou Vishnu e a destruição do mundo, que se refere a Shamkara (Shiva). Estes três aspectos cósmicos referem-se ao ciclo de criação, desenvolvimento, preservação e destruição e renovação do universo. Para Taimni, “dentro do Sol físico, e interpenetrando o sistema solar, estão ocultos mundos mais sutis de inimaginável esplendor e poder” (TAMNI, 1991, p. 81). Analisando o discurso deste texto, pode-se perceber que, para os místicos e Rishis hindus, o Sol físico é a cobertura externa de uma realidade espiritual que se correlaciona com a estrutura da natureza espiritual dos seres que são autoconscientes. Esclarece o autor: “Portanto, podemos entrar em contato com esta Consciência (**realidade espiritual que subjaz no Sol**)³⁰ em diferentes níveis, penetrando nas camadas mais profundas de nossa consciência” (Taimni, 1991, p. 87).

3ª Etapa: Invocação à Gayatri Devi. Ao realizar esta meditação, o devoto deve focar seu pensamento na métrica e qualidades de Gayatri. Esta prática é uma forma de preparação para a evocação de uma “imagem idealizada” e descrita na próxima etapa do Upâsana.

A) Om ayahi varade devi tryaksare brahma-vadini, Gayatri chandasam matar brahmayone mano ‘stu te.

Tradução do autor: “Om. Oh Deusa, dai-nos Tuas abundantes dádivas. Oh tu que és referida por três sílabas. Oh tu que és Reveladora de Brahman, Oh Gayatri, mãe das métricas. Oh tu, fonte dos Vedas. Te saudamos.”

B) Om ayahi varade devi Japye me sannidhau bhava, Gayantam trayase yasmad Gayatri tvam tatah smrta.

Tradução do autor: “Om. Vinde Deusa de abundantes dádivas e esteja presente em minha prece. Oh Tu, que salvas ao seres entoadada e que por isso mesmo, és chamada Gayatri”. (Taimni, 1991, p. 175 e 176)

Na descrição feita, no texto da tradução do mantra, é declarado tanto a origem quanto a importância deste mantra. Tal conhecimento parece ser essencial para que o adepto receba as benesses. Observa-se que para Taimni, em todos os mantras citados no Upâsana, há três fases em sua compreensão e assimilação pela consciência do devoto. Na primeira fase, o devoto

³⁰ Destaque do autor do artigo.

assimila um entendimento literal e conceitual, ou seja, este se apropria do sentido intelectual e simbólico do mantra e o registra em sua memória. A segunda fase da aprendizagem consiste na “ideia geral” que é descrita e apresentada pelo mantra. Desta forma, o adepto constrói um “modelo mental” de realidade e crença que independe das palavras do mantra bem como dos seus significados. Na derradeira terceira fase, do processo de apropriação e utilização do mantra, a realidade que é objeto do Japa encontra-se armazenada no inconsciente do indivíduo. A partir deste registro (no inconsciente), é que se cria a possibilidade de fazer manifesta, na consciência imediata do devoto, a presença de uma realidade divina. Através da recitação automática, os limites entre estes dois entes (o Divino e o Mundano) se desfaz, criando uma forma de experiência direta entre o humano e o sagrado, sem precisar passar por um processo de racionalização intelectual do agente (o devoto). Ao atingir este estágio, o adepto da recitação atinge um estado supra mental que está além da imaginação humana.

Segundo Taimni:

Quando não apenas as palavras e seus significados desaparecem da consciência, mas a consciência do sādha³¹ funde-se de tal modo com a ideia global que ele não permanece consciente de si mesmo, o estágio referido em I-43³² é alcançado. Neste estágio a realidade que é o objetivo do mantra desponta na consciência e o estágio final é alcançado. (Taimni, 1991, p. 52)

4ª Etapa: Mantra para meditação em Gâyatrî. Ao se entoar este mantra, o devoto concentra-se em cada aspecto da consciência divina (Shiva) que possui uma potencialidade, projetando em seu campo mental a figura de uma divindade mítica feminina do panteão hindu (Shakti) dotada de valores e atributos correspondente a estes aspectos divinos do Deus Solar (Sûrya). Esta forma imagética de Gâyatrî é formada, em um exercício de imaginação do devoto, no orbe solar, idealizado durante a etapa da Avahana Sûrya. Desta maneira, ao projetar em sua consciência a imagem e os princípios de uma deidade, o adepto conseguiria manifestar em sua subjetividade estas potencialidades que detém reflexos físicos ou psicológicos na realidade objetiva daquele que recita o mantra.

Mantra da manhã (Sarawasti): Udyadadityasamkasam pustakaksakaram
Smaret, Krsnainadharam brahmi m dhyayet tarakite 'mbare.

³¹Sādha: “aquele que procura trilhar a senda espiritual e adota os meios necessários para alcançar a meta”. (Taimni, 1991, p. 188).

³²Sutra I -43 do Yoga-Sutra de Pantañjali: “ Na clarificação da memória, quando a mente perde sua natureza essencial (subjetividade), por assim dizer, e somente o conhecimento real do objeto brilha (através da mente), nirvitarkasamādhi é atingido” (Taimni, 2006, p. 96)

Tradução: “ De refulgente vermelho como o Sol nascente, com livro e rosário nas mãos; és a força de Brahma, envolta numa pele de cervo, sob tal forma Te venero, enquanto as estrelas ainda brilham”.

Mantra do meio-dia (Lakshmi): Syamavarnam caturbahum sankhacakra-Lasatkaram, Gadapadmakaram devi m suryasanakrtasrayam. Tradução: “ De cor azul-celeste e com quatro braços, sentada no orbe solar, a Deusa segura a concha, o disco, a clava e o lótus, um em cada mão”.

Mantra da noite (Kali): Suklam suklambaradharam vrsasanakrtasrayam, Trinetrām varadam pasam sulam ca nrkarotikam.

Tradução: “De cor branca, num vestido branco como a neve, sentada no Touro do Poder, de Três olhos, com dádiva e laço nas mãos, armada com lança e tambor”.

Dhyana-mantra Universal: Svetavarna samuddista kauseya-vasana tatha, Svetair vilepanaih puspair alamkarais ca bhusita. Aditya-mandalastha ca brahmaloka-gata tatha, Aksasutradhara devi padmasanagata subha. Tradução: “ De tez branca, dizem, é Gayatri, envolta numa veste de seda brilhante. Creme de sândalo branco perfuma sua pele, adornada de flores brancas e joias. No orbe Solar encontrarás seu lar, no mundo de Brahma Ela também reside. Ela, que é auspiciosa, está na flor de lótus com o rosário na mão. ” (Taimni, 1991, pps. 176, 177 e178)

Nesta fase do Upâsana são descritas quatro formas ou imagens pelas quais a Devi Gâyatrî deve ser evocada pelo adepto, dependendo do momento do dia em que ele pratica o ritual de adoração. De manhã, se evoca a Devi Sarawasti, que simboliza o conhecimento, sendo a consorte de Brahma, enquanto ao meio-dia é a evocação Lakshmi, Deusa da fortuna e a consorte de Vishnu. Por fim, se o Gâyatrî for entoado ao entardecer, a Devi evocada seria Kali, a que ajuda em grandes calamidades, sendo a consorte de Mahesha. Há um quarto mantra que descreve uma Devi que habita tanto o orbe solar quanto o mundo de Brahma e que carrega o rosário em uma clara referência ao japamala³³. Para Taimni, o ideal seria que o adepto realizasse Upâsana, pelo menos três vezes ao dia, para manter uma constante presença do sagrado no cotidiano do sâdhaka, garantindo uma estabilidade emocional e racional deste devoto.

5ª Etapa: Japa do Mantra Gayatri. Nesta etapa, o sâdhakarecita dois mantras: um que explica a estrutura e aplicação do Gâyatrî e outro que compõe o corpo textual deste mesmo mantra. O primeiro mantra é recitado uma vez como uma forma de entendimento e preparação para a recitação do mantra principal. Segundo a tradição hindu, o Gâyatrî deve ser repetido 108 vezes, iniciando a sua recitação em voz alta, que evoluirá para um murmúrio e finalizado com uma recitação silenciosa, na qual os versos são repetidos mentalmente.

Mantra Vini yoga: Omkarasya brahma rsi Gayatri chandoagnir devata. Mahavyahrti nam prajapatir rsir gayatri-usniganustubhas chandamsi agnivayvaditya Devatah Gayatrya visvamitra rsir Gayatri chandah Savita devata.

³³ Um cordão com 108 peças usado em práticas devocionais de natureza indiana, para contar o número de vezes que um mantra deve ser recitado.

Tradução do autor: "Da sílaba Om, o Rishi é Brahma, a métrica é Gayatri e o Devata é Agni. Dos três Maha Vyahritis, o Rishi é Prajapati, as métricas são respectivamente Gayatri, ushnik e anushtup e seus respectivos Devatas são Agni, Vayu e Aditya. Do Gayatri, o Rishi é Vishvamitra, a métrica é gayatri e o Devata é Savita".

Mantra Gayatri: Om bhuh bhuvah suvah. Tat savitur varenyam bhargo devasya dhi mahi, Dhiyo yo nah prachodayat. Om.

Tradução do autor: " Om é bhuh, bhuvah, suvah (Três planos da existência). Meditamos sobre a Luz Divina do adorável Sol da Consciência espiritual. Que Ele estimule nosso poder de percepção espiritual". (Taimni, 1991. pps 178 e 179)

O Mantra Vini yoga explica a organização o Gâyatrî, o mantra núcleo e principal do Upâsana, que pode ser categorizado em três partes distintas, mas complementares, Pranava é a parte inicial do mantra Gâyatrî e se expressa pelo termo e som OM³⁴ que se pronuncia Aum. Segundo Swami Kriyananda, o som oculto desta sílaba permite que o universo se manifeste, o mesmo esclarece:

Aum pode ser ouvido principalmente na meditação. Sua vibração permite que todo universo se manifeste. Quando o Espírito Supremo, Purusha, decidiu produzir a Criação, [...] (Kriyananda, 2014, p.59)

Na tradução de Taimni, fica indicado que o Pranava é revelado por Brahma, isto é, o primeiro aspecto do Trimûrti solar, e que a métrica que configura a manifestação desta sílaba é o próprio Gâyatrî. Devata responsável é Agni, a divindade mitológica que intermedia a relação entre os deuses do panteão hindu e os devotos destes.

O mantra MahãVyāritis está relacionado com as deidades dirigentes dos planos de existência de natureza análoga aos veículos da consciência humana. Sendo que estes serão estimulados a um "despertar" pela recitação do mantra principal, ou seja, o Gâyatrî, que influencia os planos físico, astral e mental. Sobre a função do MahãVyāritis na ritualística da Upâsana Gâyatrî, esclarece Taimni:

A upâsanã de Gâyatri tem como seu objetivo a percepção de verdades nos níveis mais profundos de nossa consciência. A percepção envolve todos os três tattvas³⁵ - Agni quanto à vibração, Vāyu quanto à sensação e Tejas quanto à percepção mental e espiritual. Assim todos os três Devatãs devem ser invocados para obter-se percepção espiritual ou desenvolvimento de nossa consciência. (Taimni, 1991, p. 118).

³⁴ Os Vedas citam sílaba Om da seguinte forma: " Esta sílaba imortal é tudo isso. O que quer dizer: tudo o que é Passado, Presente e Futuro é Om; E o que está além dos três Tempos é Om" (Campbell, 2008, p. 156).

³⁵ Tattvas: "Verdade, princípio fundamental da Natureza". (Taimni, 1991, p. 191)

O Rishi deste mantra é Prajapati, uma das representações de Brahma, ou seja, o aspecto mítico do criador ativo Universal (Chatuvde;Mathur, 2008, p.40).O mantra Gayatrié um mantra oração,cujo objetivo é:

[...] uma invocação a Savitã por mais Luz e que pretende avivar a centelha da aspiração espiritual nosãdhaka, transformando-a numa chama resplandecente. É um chamado da alma individual para os Ser Universal, que é a fonte e a meta da sua vida. Não um pedido por alguma coisa, por objetos físicos ou mesmo por felicidade. É um pedido por iluminação da mais alta ordem, por aquele conhecimento que o fará realizar sua unidade com Ele, que é a fonte de todo conhecimento, poder e glória. (Taimni, 1991, p. 79 -80).

A prática da meditação, com a recitação do Gâyatrî, segundo Taimni, deve ser precedido por um estudo da literatura em que está baseado os conceitos cosmogônicos que fundamenta o rito, como condição para um exercício eficaz do Upâsanã. Este conteúdo teórico está desenvolvido, em uma forma sintética, na obra em que se baseia este trabalho acadêmico, sendo que o objetivo final da meditação e do japa é “conhecer a realidade oculta por detrás da forma do mantra, por meio da fusão da consciência do sãdhaka com aquela de seu IshtaDevatã³⁶” (Taimni, 1991, p.171).Para este mesmo autor, apenas através de uma espécie “fusão” é possível para o devoto conhecer diretamente o objeto de sua devoção.

Oração à devi Gâyatrî. Este mantra encerra o japa com um ato de aceitação e reconhecimento da natureza imanente da Devi Gâyatrî, e capacidade desta de intermediar a relação entre o devoto e o sagrado.

Om guhyatiguhya-goptri tvamGrhanasmatkrtam japam,Siddhir bhavatu me devi tvatprasada mahesvari.

Tradução de autor: “Oh Luz! Tu que estás oculta, que és a mais oculta Salvador, aceite esta minha prece. Conceda-me a perfeição, através da Tua graça, Oh Grande Deusa”. (Taimni, 1991, p. 180)

6ª Etapa: Visarjana³⁷ ou despedida à Gayatri Devi e ao Surya Devata. Com a recitação destes mantras, a ritualística é encerrada.

A)Despedida à Gayatri: Om mahesavadanotpanna visnor hridayasambhava,brahmana samanujnata gaccha devi yatheccchaya.

Tradução do autor: “ Oh Deusa, Tu que viestes da boca de Mahesha e habitas no coração de Vishnu, tendo sido isto permitido por Brahma. Que partas agora, quanto isto Te aprover”.

³⁶IshtaDevatã: “ Divindade escolhida, a forma particular em que Deus é adorado por um indivíduo” (Taimni, 1991, p. 184).

³⁷Visarjana: “ Soltar, libertar” (Taimni, 1991, p. 192).

B) Saudação a Surya: Om eka-cakro ratho yasya divyah kanakabhusitahsa me bhavatu supri tah padmahasto divakarah.

Tradução do autor: “ Que possa o Criador do dia, o Sol com o lótus em suas mãos, estar satisfeito comigo – Ele cuja carruagem tem uma roda refulgente de ouro brilhante.” (Taimni, 1991, p. 180 e 181)

3. Conclusão

Ao estudar as obras de Max Weber, podemos verificar que este categoriza a manifestação divina em duas formas: uma seria a imanente e outra transcendente. A característica imanente situa o sagrado presente no aqui, onde o seu adepto e a sua comunidade religiosa se encontram presentes. Este paradigma predomina na construção histórico religiosa do oriente, especialmente nas religiões da Índia. No ocidente, em contrassenso, predomina a ótica transcendente, no qual sagrado, no além apartado de sua obra consubstanciada na realidade imediata e sensível. No entanto, segundo Colins, comentando Weber, afirma:

“ [...] podemos ver que os séculos XVII, XIX e XX testemunharam um abandono progressivo desta teodiceia ocidental, na medida que essa tem sido repetidamente abalada por ideias que tem mais afinidade com o modelo oriental” (Campbell, 1997, p. 7)

Este processo é considerado como uma orientalização do ocidente, no qual a versão ocidental de um Deus transcendente, tem perdido espaço na sociedade para a teoria do Deus imanente. Nesta visão de mundo, o sagrado está próximo ao homem e podendo, inclusive, fazer parte da subjetividade daquele que crê. Meditar, orar, recitar, entre outros rituais intimistas das profissões de fé, passam a assumir um papel importante na busca de uma reconexão entre o humano e o divino. A fagulha divina que habita o homem, segundo uma teodiceia orientalista, possibilita uma comunhão entre o indivíduo e a consciência cósmica responsável pela criação, preservação, destruição e renovação da ordem universal.

A Teosofia Moderna, cujo marco inicial foi a fundação em 1975 em Nova York, EUA, fez parte deste processo de orientalização através da publicação de obras e palestras que divulgaram teorias consolidadas no oriente. Dentre estas crenças, há aquela que defende que todos seres finitos têm sua existência no divino, que é o fundamento ou a alma original de todas as criaturas, estando todos unidos em uma fraternidade cósmica. Outro aspecto destas crenças, é que há uma escala de espiritualidade que atribui graus de avanço em relação à alma (Atma) que se desloca em aproximação ao seu Criador Divino (Brahman). Esta postura deixa claro que há uma concepção necessariamente imanentista, na Teosofia Moderna, que se opõe

ao dualismo da tradição religiosa ocidental. O Professor Taimni, com suas obras voltadas para a autorrealização (sādhana), podem ser enquadrados nessa proposta que revê a relação entre o sagrado e mundano tornando uma realidade una.

O Upāsana Gâyatrí, como um conjunto de práticas ritualísticas preconizadas no livro Gayatri, o mantra sagrado da Índia, é formado por uma sequência de recitações realizadas dentro de uma postura de meditação contemplativa, todas focadas em elementos e conceitos mitológicos e cosmogônicos. O objetivo destas práticas é aproximar, de forma íntima e intrínseca, o devoto de seu objeto de adoração. Esta aproximação, segundo Taimni, deve ser de forma direta indo além da racionalização dos processos intelectuais em uma espécie de experiência numinosa (Otto, 2007). Mas este despertar deve ser progressivo e atingir todos os estados de consciência, que forma a realidade espiritual da autoconsciência humana. Neste processo de autoconhecimento, os segmentos da consciência humana são correlacionados com as expressões de uma realidade espiritual mítica multifacetada formado por um divino uno, que se manifesta em três aspectos funcionais. Completando esta relação intermundos, há a mediação realizada por uma métrica que assume a forma de três divindades femininas que consubstanciam a possibilidade do sagrado se manifestar no mundano.

Desta forma, concluo que a recitação do Gâyatrí, observando os preceitos, ritos e mitos previstos no Upāsana, reflete a busca humana de um sentido que indique qual é o seu lugar na ordem cósmica ou que lhe garanta uma melhor compreensão de seu papel em uma realidade que é ao mesmo tempo sagrada e profana.

Bibliografia:

- BLAVATSKY, Helena P. *Glossário Teosófico*. 6. ed. São Paulo, SP: Ground, 2012.
- CAMPBELL; Joseph. *As Máscaras de Deus, mitologia oriental*. São Paulo: Palas Athena Editora: 6ª Edição, 2008.
- CHATURVEDI B. K; MATHUR Suresh Narain. *Deuses e Deusas Hindus, sua hierarquia e outros assuntos sagrados*. São Paulo, SP. Madras Editora Ltda: 2008.
- CRANSTON, Sylvia. *Helena Blavatsky, a vida e influência extraordinária da fundadora do Movimento Teosófico Moderno*. Brasília, DF. Editora Teosófica: 1997.
- CAMPBELL, Collin. *A Orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodiceia para um novo milênio*. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, v.18, n.1, p.5-21. 1997.
- DURKHEIM; Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Livraria Martins Fontes São Paulo, Editora Ltda: 4ª Edição, 2009.
- ELIADE; Mircea. *O Sagrado e o profano, a essência das religiões*. São Paulo, SP. Editora WMF Martins Fontes Ltda: 3ª Edição, 2013.
- KRIYANANDA, Swami. *Desmistificando os Yoga Sutras de Patanjali*. São Paulo, SP. Ed Pensamento: 2014.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. São Paulo, SP. Cosacnaify: 1ª Reimpressão, 2014.

MARTINS; Roberto de A. *Mundaka-upanisad, o conhecimento de Brahman e do Atman*. Rio de Janeiro, RJ. Corifeu: 1ª Edição, 2008.

OTTO; Rudolf. *O Sagrado*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

TAMNI, I.K; *Gayatri, o mantra sagrado da Índia*. Brasília: Teosófica, 1991.

_____; *Autocultura, à luz do ocultismo*. 3. ed. Brasília: Editora Teosófica, 2007

_____; *A Ciência do Yoga*. 4. ed. Brasília: Teosófica, 2006

Yoga para jovens com necessidades educacionais especiais: Uma iniciativa da Escola de Yoga da Loja Teosófica Campo Grande - MS

Yoga for young people with special educational needs: An initiative of the Yoga School of Theosophical Store Campo Grande - MS

Erlinda Martins Batista³⁸
erlindabatista@gmail.com

Solange Conceição Pina Ferreira³⁹
solferreira@fazenda.ms.gov.br

Resumo: Este trabalho aborda o estágio em Yoga realizado na Associação Educacional de Atendimento ao Deficiente Mental – ASEADEM, como uma iniciativa da Escola de Yoga da Loja Teosófica Campo Grande – MS, no período de abril a junho de 2018, cujo objetivo geral foi analisar os resultados da aplicação de aulas de yoga para pessoas jovens e adultas com necessidades especiais. Foi desenvolvido na metodologia de pesquisa qualitativa em educação (LÜDKE E ANDRÉ, 1986), na qual a observação e a coleta dos dados ocorreram a partir do registro dos depoimentos e atitudes dos estudantes com deficiência intelectual. As análises dos resultados evidenciaram haver benefícios cognitivos e melhor concentração nas aulas após as práticas de Yoga. Concluiu-se que a plena relaxação propicia a emoção, organizadora do comportamento.

Palavras-chave: Necessidades especiais. Yoga. Loja Teosófica.

Abstract: This work deals with the Yoga stage carried out at the Educational Association of Attention to the Mentally Deficient - ASEADEM, as an initiative of the Yoga School of the Theosophical Store Campo Grande - MS, from April to June 2018, whose general objective was to analyze the results the application of yoga classes for young and adults with special needs. It was developed in the methodology of qualitative research in education (LÜDKE AND ANDRE, 1986), in which the observation and data collection occurred from the record of the testimonies and attitudes of students with intellectual disabilities. The analysis of the results showed that there were cognitive benefits and better concentration in the classes after the practices of Yoga. It was concluded that full relaxation propitiates emotion, which organizes behavior.

Keywords: Special needs. Yoga. Theosophical Store.

Introdução

Este trabalho se constitui um relato de experiência com análises do estágio realizado no período de abril a junho de 2018, com pessoas jovens e adultas, estudantes da Associação Educacional de Atendimento ao Deficiente Mental – ASEADEM. Tal instituição atende

³⁸Doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/2013, Membro da Sociedade Teosófica, Professora Formadora do Curso de Formação em Yoga da Universidade Livre para a Consciência – UNICONSPORTAL.

³⁹Analista de Sistemas da Secretaria de Fazenda do Estado de Mato Grosso do Sul e Professora de Yoga formada pela UNICONSPORTAL em julho de 2018.

pessoas com NEE – necessidades educacionais especiais, em caráter de escola pública, em Campo Grande - MS, e é mantida pelo poder municipal, cuja manutenção, conforme depoimento do diretor, se realiza com dificuldades, em função dos limites dos recursos financeiros repassados pela prefeitura à referida escola.

Entre outros objetivos específicos, espera-se com a continuidade do referido projeto; identificar condições favoráveis à prática de meditação durante as aulas de Yoga; e averiguar a partir das práticas de pranayamas (controle da respiração), alterações físicas, emocionais e mentais, as quais podem propiciar um estado de disposição nos mencionados estudantes, bem como um cérebro mais oxigenado reduzindo assim as dificuldades cognitivas que os mesmos apresentam em razão da natureza de sua deficiência; a intelectual.

As professoras estagiárias aceitaram o desafio de realizar o estágio com os jovens especiais e a partir desse aceite pesquisaram sobre asanas que sejam adequados para jovens que sobrepujam a deficiência intelectual, ao apresentarem também deficiência física, e ou visual, e ou ainda auditiva.

No mês de abril de 2018 foi realizada uma aula inaugural de yoga, com todas as estagiárias acompanhadas pela professora responsável pelo estágio com o objetivo de averiguar a adequação do espaço, e a aplicação dos asanas e pranayamas.

Observou-se durante a realização das aulas que aproximadamente 20 estudantes com necessidades especiais se esforçavam para praticar as posturas e respirações (pranayamas), da melhor forma possível. Era notória a alegria deles quando as professoras de Yoga chegavam, segundo depoimentos de pelo menos duas professoras que acompanharam todas as aulas de Yoga e do coordenador pedagógico da escola citada. Segundo esse coordenador, no mínimo duas professoras mencionaram que os estudantes apresentaram melhor performance em suas atividades após participarem das aulas de Yoga.

Considerando que o Yoga se constitui uma prática milenar e está fundamentada nos princípios da teosofia antiga, acredita-se que este trabalho se adequa ao GT 25 – teosofia moderna e antiga e considerando ainda que o projeto continuará a ser executado na referida escola sob pedido da assistente social e direção da mesma, justifica-se esse relato no sentido de se fazer uma reflexão mais aprofundada a fim de promover benefícios e melhor qualidade de vida para os estudantes com deficiência intelectual, física, e visual, entre outras, a fim de reduzir suas dificuldades.

Para o alcance desses objetivos propõe-se o estudo de dois referenciais fundamentais; o primeiro se relaciona às ideias de Taimni (2006) e comentários dos Yoga-Sutras de Patañjali à luz do pensamento moderno, pois se trata da base norteadora do Yoga clássico e que,

portanto, embasaram os planos de aulas do estágio realizado na ASEADEM. O Yoga é definido por Taimni (2006, p. 19) como “a inibição das modificações da mente”. Nesse sentido, categorizou-se os discursos dos professores sobre as mudanças observadas no comportamento dos estudantes, após as aulas de Yoga, conforme as ideias de Bardin (2006). As análises foram fundamentadas na teoria de Vygotsky (2004), da emoção como organizadora interna do comportamento (p.139-143).

O referencial teórico de Vygotsky (2004), mais especificamente suas ideias analisadas em psicologia pedagógica, do capítulo que trata a educação no comportamento emocional, no subitem: ‘a natureza psicológica das emoções’, cuja subseção trata a “educação dos sentimentos” (p.140), fundamentou as análises que se referem à relevância da emoção prazerosa no processo educativo, como organizadora do comportamento e favorecedora da memória, sobre o que se discute na seção do referencial teórico a seguir.

Referencial Teórico

Em primeiro lugar é preciso definir o termo: “Yoga”. Taimni (2006) afirma que esse termo em sânscrito tem uma grande variedade de significados. E conceitua Yoga a partir de sua raiz; “*Yuj*”, que significa “unir” (p.19). Destaca que a ideia de unir se apresenta em todos os significados. A união a que se refere o termo, se faz da alma à superalma, ou *Jivãtmã* à *Paramãtmã*. No “sutra I-2 – Yoga é a inibição das modificações da mente” (IDEM). Portanto, a união da alma à superalma inibe a agitação mental e pode propiciar uma mente calma e tranquila ao praticante do Yoga. Taimni (2006, p. 80), no Sutra I-35, afirma: “A ativação dos sentidos (superiores) também ajuda a estabelecer firmeza na mente”. A concentração em centros vitais do corpo, como por exemplo, no processo de respiração, técnica empregada durante as práticas de Yoga com os estudantes com NEE da ASEADEM, leva à firmeza mental e se torna “útil no trabalho preliminar de tornar a mente calma e tranquila” (IDEM).

No segundo referencial escolhido, considerou-se adequado discutir as ideias do psicólogo russo, Vygotsky (2004), em razão de suas obras escritas após os estudos e pesquisas com deficientes mentais na Rússia, no início do século XIX, e que, entretanto, continuam atuais, porque ainda não foram exploradas o suficiente por estudantes da psicologia atual.

Vygotsky (2004, p. 143), afirma que: “Devemos considerar as emoções como um sistema de reações prévias, que comunicam ao organismo o futuro imediato de seu comportamento e organizam as formas desse comportamento”. Observou-se que após as práticas de Yoga, os estudantes com deficiência intelectual apresentaram um comportamento

de maior concentração nas aulas, portanto, um comportamento intelectual mais organizado. Segundo Vygotsky (2004, p. 143), “As reações emocionais exercem a influência mais substancial sobre todas as formas do nosso comportamento e os momentos do processo educativo”. Nesse pensamento, não é difícil de supor o quanto se organizou os pensamentos e comportamentos dos estudantes com deficiência intelectual. O prazer correspondente às emoções manifestadas por eles foi notório e não há dúvida de que a aula de alfabetização foi muito mais produtiva após uma aula prazerosa de yoga, na qual se praticou concentração na respiração (pranayama⁴⁰) e posturas (asanas)⁴¹ que trabalhavam a ansiedade, ao se conduzir a permanência em cada uma delas.

Vygotsky (2004, IDEM), destacou ainda que se queremos uma melhor memorização dos estudantes ou um “trabalho melhor sucedido no pensamento”, devemos organizar para que as atividades que conduzimos sejam prazerosas emocionalmente a fim de serem estimulantes e resultarem na consequente memorização.

Metodologia

A experiência de estágio enfocada se realizou na ASEADEM, instituição pública com atendimento específico às pessoas com NEE, no período de abril a junho de 2018, cuja entidade, atende além de pessoas com deficiência intelectual, também estudantes com baixa visão, baixa audição e deficientes físicos. O projeto de estágio foi elaborado de acordo com o cronograma da mencionada escola e nele se planejou um total de 28 a 30 horas/aula, observando-se e respeitando-se o período letivo. As aulas de Yoga foram ministradas durante dois meses, nas terças, quartas e quintas, no horário das 14h às 15h.

Tais aulas foram conduzidas por três estagiárias sob a coordenação da Professora Coordenadora da disciplina Estágio em Yoga, do Curso de Formação em Yoga, em cuja grade curricular, prevê-se a realização de 50 horas de estágio. O curso em questão à época do estágio citado, encontrava-se em sua terceira edição que foi ofertada no período de 2017 a 2018, pela Universidade Livre para a Consciência – UNICONS. Para o desenvolvimento dessa disciplina, após convite da assistente social da ASEADEM, decidiu-se pela conclusão do projeto de estágio, nesta instituição.

⁴⁰ Pranayama, termo sânscrito que significa: controle da respiração.

⁴¹ Asana, é um termo sânscrito que significa postura.

Análises Da Experiência

Nesse item apresenta-se os relatos de quatro profissionais que atuaram junto aos estudantes, e cujos sujeitos são a saber: O coordenador pedagógico nomeado aqui como CP; a assistente social, codificada como AS; a estagiária E1, e a estagiária E2, que ministraram as aulas de yoga, que compunham seus estágios supervisionados, cujos relatórios de estágio vão a seguir apresentados na forma de citação direta de E1 e de E2.

Excerto do texto intitulado: Relatório de estágio de E1:

Ao chegar à escola para as primeiras aulas de yoga encontrei os alunos curiosos pra conhecerem um pouco sobre esta arte milenar, alguns bem-dispostos, outros nem tanto. A maioria demonstrava interesse em realizar as posturas, alguns conseguiam na primeira tentativa, outros iam tentando construir o asana. Optamos em repetir a mesma aula, para que os alunos pudessem treinar e memorizar os ásanas. Ao longo dos dias, observei que houve uma evolução considerável, os alunos ficavam esperando as aulas de yoga e demonstravam satisfação com a nossa chegada. Durante a aula, participavam por vezes sugerindo alguma posição, ao ouvirem o nome da postura, alguns prontamente executavam, outros iam driblando suas limitações e mesmo com alguma dificuldade aproximavam-se do que fora proposto. Foi uma experiência agradável e enriquecedora para mim, pois durante estes dois meses, pude entrar em contato com a diversidade, a diferença de cognição, de habilidades, de compreensão. E verifiquei que estas diferenças não são obstáculos para administrar aulas de yoga, pois o mesmo abrange uma linguagem universal entendida por todos. A linguagem do amor e da união entre os seres. (Relatório de estágio de E1, enviado por e-mail em 04/09/2018).

O relatório de E1, mostra quanto foi prazeroso para essa estudante do Curso de Formação em Yoga. Seu depoimento evidencia o aprendizado ocorrido tanto pelas professoras estagiárias quanto pelos praticantes, os estudantes com NEE, a saber os alunos da ASEADEM, alguns com necessidades de atendimento para suas deficiências físicas específicas, outros com deficiências visuais e a maior parte, entre 10 e 15 estudantes, com deficiências intelectuais entre outras. A análise desses depoimentos de E1, sob a luz da teoria dos Yoga Sutras de Patanjali, em *Ciência do Yoga*, Taimni (2006), confirma a afirmação de que yoga é união. Não apenas a união da alma com a superalma, mas também propicia a união entre os seres que praticam e entre os que conduzem as práticas de Yoga conforme se vê na Figura 1 a seguir.

Figura 1 - Alunos da ASEADEM relaxando em Yoga Nidrã



Fonte: Registro de aula de E1.

A postura propicia reações no sistema nervoso parassimpático no sentido de acalmar e relaxar. Nessa postura o praticante tem novas células neurológicas criadas. A postura da paz profunda conforme se exhibe na figura 1 era a postura utilizada para acalmar a mente e preparar os estudantes para a aula de Yoga.

Excerto do texto do Relatório de E2:

Em um primeiro momento ministramos uma aula experimental que foi o primeiro contato desses alunos com a prática do yoga, assim, puderam conhecer. A maioria se mostrou bem interessada, apenas um rapaz, o Diozer não quis participar. Apesar das dificuldades de cada um, incluindo aí a dificuldade de noção de lateralidade, concentração e relaxamento, ao final da primeira aula eles já se mostravam mais tranquilos, interessados e ansiosos pela próxima aula. Esse momento nos permitiu observar as limitações daquela turma e traçar um plano de aula que melhor os atendesse. Acordamos em trabalhar com um único plano de aula para facilitar a memorização e aprendizado por parte desses alunos. A atitude do aluno Diozer nos surpreendeu ao longo do estágio, ele era aquele que não quis participar no primeiro dia de aula. Pois é, na aula seguinte ele chegou já com o colchonete na mão dizendo que queria fazer o relaxamento e daí para frente não parou mais, participou de todas as aulas. Os alunos nos aguardavam todos os dias ansiosos pela aula, nos recebiam com muita alegria e logo tratavam de arrumar seus colchonetes no lugar para que pudéssemos iniciar a prática. Durante as aulas alguns alunos mostraram mais facilidade para desenvolver os ásanas, outros tinham mais dificuldades e para uma outra parte, por questão de limitações físicas mesmo, precisamos adaptar e auxiliar de forma mais direta; com isso, tivemos tempos de preparação mais longos para montar os ásanas e tempo de permanência mais curtos nos ásanas, que em um curto período evoluiu para ásanas com um tempo maior de duração e mais equilibrados, chegando ao ponto de aumentarmos o número de ásanas e mais variações de ásanas em pé. Participar do estágio no Aseadem foi um desafio e ao mesmo tempo uma experiência única, maravilhosa e gratificante em minha vida. Poder observar de perto as dificuldades e limitações daqueles alunos no dia a dia e vê-los desafiando suas limitações e evoluindo a cada dia foi uma experiência que não tem preço e que

guardarei para sempre em minha mente e coração. (Relatório de Estágio de E2, em 16 de set/2018).

O depoimento de E2 evidencia que o trabalho foi instigador ao afirmar que precisaram acordar sobre um tipo de aula específica para aqueles estudantes, tendo em vista que eles possuíam dificuldades de lateralidade, e outros apresentaram dificuldades por decorrência de deficiência física e até mesmo ainda devido à própria deficiência intelectual.

Na fotografia representada pela Figura 2a seguir, observa-se que a estagiária E3 ao ministrar uma postura de meditação, obteve de apenas sete estudantes, entre 20 que estavam presentes nessa aula, a prática da postura e aproveitamento desse momento. Embora a maioria não estivesse em situação de percepção dessa postura de meditação, e um deles até permaneceu deitado, verifica-se que há um esforço por parte daqueles que não montaram a postura, em permanecer na postura de meditação – sidhasana.

Rohit Mehta (2010) afirma que a respiração e a meditação têm sido utilizadas em universidades da América do Norte no sentido de reduzir o stress dos acadêmicos do Curso de Medicina, os quais enfrentam provas e estágio em caráter de residência, estressantes. A figura 2 a seguir mostra a aula de Yoga no espaço ao ar livre nas dependências da Escola ASEADEM.

Figura 2 – Aula de Yoga para alunos da Associação Educacional do Deficiente Mental



Fonte: foto da aula de estágio em abril de 2018 fornecida por E2

Taimni (2006, p. 80), no Sutra I-35, afirma: “A ativação dos sentidos (superiores) também ajuda a estabelecer firmeza na mente”. A montagem da postura e o esforço por se

manter concentrados foi o diferencial ao longo da realização do estágio. A cada aula, esses estudantes demonstravam menores dificuldades e sua concentração se apresentava ainda maior conforme depoimentos do CP – Coordenador do Curso e também das Professoras da Escola que após as aulas de Yoga, obtinham melhores resultados com eles nas atividades acadêmicas.

Para a terceira estagiária, E3, a experiência foi motivadora ao ponto de a mesma manifestar interesse em continuar ministrando as aulas na referida escola, mesmo após a conclusão do estágio. A seguir, parte do depoimento de E3:

No detalhe de cada asana, estagiando sentia a emoção e a certeza de que toda a prática fazia um bem enorme a mim como estagiária e (...) a cada aluno, pois me aprimorava nas posturas e observava desde a interiorização como os alunos olhavam para si simplesmente focados naquele momento como se o mundo não existisse lá fora e seus corpos pouco a pouco conseguiam se aproximar das posturas e em seguida um sorriso, um brilho no olhar e um momento de paz e felicidade no semblante de seres já tão marcados e rotulados, demonstrando que o contato com sua essência perfeita sobrepõe aos modelos engessados de uma sociedade. (Excerto do Relatório de E3, Nov/2018).

A figura 3 a seguir, mostra a atenção dos estudantes e as tentativas da maior parte deles, no sentido de montar a postura e se concentrarem.

Figura 3 – Aula de Yoga para alunos da Associação Educacional do Deficiente Mental



Fonte: Registro da aula de yoga em caráter de estágio, realizado por E3.

Na Figura 3 acima, observa-se que a estagiária E3 ao ministrar uma postura de meditação, obteve de aproximadamente sete estudantes, entre 20 que estavam presentes nessa

aula, a prática da postura e aproveitamento desse momento. Embora a maioria não estivesse em situação de percepção dessa postura de meditação, e um deles até permaneceu deitado, verifica-se que há um esforço por parte daqueles que não montaram a postura, em permanecer na postura de meditação – sidhasana. Como a própria E3 afirmou em seu depoimento, eles foram gradativamente modificando-se e assimilando as posturas. Taimni (2006, p.80) afirma que “Também através de estados experimentados interiormente, serenos ou luminosos”, se alcança a firmeza da mente. A seguir o depoimento de E3

Ao aplicar os primeiros asanas e analisando o contexto, pensamos em levar imagem dos asanas mas, definimos (...) dentro de nossas possibilidades, demonstraríamos os asanas fisicamente, observávamos os esforços, um a um, em conseguir a maior aproximação dos asanas propostos e demonstrado, orientando que ficassem se possível com os olhos fechados no momento em que conseguissem estar, no limite de cada um, (...) fizessem três respiração concentrados no ar(prana) na ação de inalar e exalar, e ao voltar na posição original observassem seus corpos: músculos, coração e sentisse paz. (...) Momentos em que aluna chorou com se arrancasse de si dores já há muito arraigadas no encerrar uma aula em momento de meditação e ao finalizar a pratica a mesma se encontra sorrindo como a dizer a vida continua. (Depoimento, extraído do Relatório de estágio de E3, Nov/2018).

Os depoimentos do coordenador pedagógico, e da assistente social da ASEADEM, mostraram a relevância da experiência, e a perspectiva de continuidade do projeto. No segundo semestre de 2018, a assistente social por meio de telefonema à coordenação do Curso de Formação em Yoga, solicitou informações sobre a continuidade do projeto. Foi acordado que a próxima turma de estagiários que resultará do Curso de Formação em Yoga – Edição 4, continuará a realização do projeto citado a partir de fevereiro de 2019. Na figura 4 a seguir, observa-se o avanço da turma na postura de meditação. Diferentemente da Figura 3, na Figura 4, verificou-se que a maior parte da turma está concentrada na elaboração de Sidhasana (postura de meditação).

Figura 4 – Aula de Yoga para alunos da Associação Educacional do Deficiente Mental



Fonte: registro de aula da estagiária E2.

O Yoga é definido por Taimni (2006, p. 19) como “a inibição das modificações da mente”. Após um mês de aula, eles conseguiram montar a postura e permanecer nela.

Taimni (2006, p. 80), no Sutra I-35, afirma: “A ativação dos sentidos (superiores) também ajuda a estabelecer firmeza na mente”.

E Taimni (2006, p.130), reafirma: “Suas modificações ativas devem ser suprimidas pela meditação”. Para que esses estudantes alcancem o estado de supressão da mente, é preciso a disciplina da prática. E o mesmo autor ainda afirma: “Isto porque não é a mera realização externa do ato que traz o resultado desejado, mas a concentração interior no propósito e a mente alerta subjacentes ao ato”(IDEM). Portanto, é preciso que a realização da postura seja destacada a partir da concentração, e o resultado desejado será alcançado.

Na figura 5 observa-se que a Professora Estagiária E1 ajuda a cada estudante na montagem da postura. Essas dificuldades foram bastante percebidas nas primeiras aulas na Escola ASEADEM. Ao final do estágio, verificou-se que entre 20 estudantes, 80% apresentavam dificuldades na montagem da postura. O mesmo autor afirma que “aqueles pensamentos, sentimentos e ações que são virtuosos geram experiências agradáveis, enquanto os viciosos dão lugar a experiências desagradáveis” (TAIMNI, 2006, p. 134).

Portanto, a figura 5 a seguir mostra um trabalho virtuoso, que em sua natureza leva a um resultado virtuoso. As mudanças decorrentes dessas práticas foram evidenciadas pelos depoimentos das Professoras P1, P2 e P3.

Figura 5 – Professora estagiária – E 1, acompanhando a montagem da postura.



Fonte: Registros extraídos do relatório de E1.

As gunas ou tendências da natureza são evidentes neste trabalho. Todavia, observou-se que ao longo de dois meses de execução do curso, o retorno foi a montagem das posturas de modo mais fácil e mais preparado para a aula de Yoga.

Na filosofia do Yoga, o Sutra II-29 “Auto-restrições, observâncias, postura, controle do prana pela respiração, abstração, concentração e êxtase são as oito partes da autodisciplina do Yoga. Nesse sentido, buscou-se trabalhar tais observâncias, no sentido de dar aos estudantes, ferramentas para as suas práticas de Yoga.

Mencionar a pureza, o contentamento, a austeridade, auto-estudo, e a auto-entrega, isto é, as observâncias, pode ter validado para alguns daqueles estudantes, como um chamado para a mudança e o auto percebimento.

Ressalta-se aqui que o contentamento foi a primeira observância averiguada com as práticas de Yoga ministradas. Taimni (2006, p. 180), afirma no Sutra: II-32: “O cultivo desse supremo contentamento e conseqüente tranquilidade da mente é o resultado de prolongada autodisciplina (...). Eis porque são necessários um constante estado de alerta e o treinamento da mente”. Portanto, a organização da aula mostrada na figura 6 reflete um resultado ainda

que rápido, isto é, em apenas dois meses de estágio com três horas semanais de aula de Yoga, e os estudantes já mostravam saber qual a postura que deviam adotar no momento da meditação.

Figura 6 – Postura de meditação, conduzida por E2.



Fonte: Relatório de estágio em Yoga de E2 na ASEADEM em Campo Grande - MS.

Praticar Yoga é necessário não apenas para os estudantes especiais, mas para as pessoas comuns, em seu cotidiano de vida atribulada. Tais práticas são necessárias porque a partir delas pode se estabelecer um novo estado da mente conforme Lindemann (2015, p. 31) afirma na Revista TheoSophia.

Taimni (2006, p. 276) afirma no Sutra III – 47: “Beleza, compleição excelente, força e solidez adamantina constituem a perfeição do corpo”. Para este autor, as fealdades e imperfeições no corpo físico, são resultantes de desarmonias e obstruções e estágios primitivos de evolução. Assim, os estudantes especiais mostraram que é possível superar as obstruções e estágios de evolução primitiva ao iniciar as práticas com dedicação e assiduidade, bem como com o desejo de superarem as dificuldades.

CONCLUSÃO

Um novo estado da mente conforme Lindemann (2015, p. 31) afirma na Revista TheoSophia, pode ser obtido pelo esforço sincero de pessoas comuns que desejam evoluir e alcançar um estado de mente espiritual e perfeita.

Lindemann (2015, p.32) afirma ainda que o homem comum está acomodado, sem uma real intenção de promover sua evolução. Esse autor destaca também as ideias de Taimni na obra: A preparação para o Yoga, e enfatiza que é preciso um curso preparatório de Yoga para a prática do Yoga como um caminho espiritual.

Segundo Taimni (2006, p. 320), Sutra: IV- 22, “O conhecimento de sua própria natureza, através da autocognição, é obtido quando a consciência assume aquela forma na qual não muda de lugar para lugar”. Assim, a mente dos estudantes especiais pode receber um treinamento tal no qual esses estudantes desenvolvem o autoconhecimento a partir da sua autocognição. Num primeiro momento essa ideia parece ser estranha, entretanto, dado o progresso que realizaram com o Yoga, acredita-se que o autodesenvolvimento para esses estudantes se constitui uma consequência de seu treinamento mental, físico e emocional.

Conclui-se que a continuidade do referido projeto pode propiciar aos estudantes especiais, situações de aprendizagem diferenciada e reduzir as dificuldades de concentração às quais esses estudantes são acometidos ainda em maior grau, dada a sua situação especial.

Espera-se que esse relato de experiência, e sua discussão possa contribuir para o campo da educação – mais especificamente para as práticas pedagógicas de professores que se deparam com dificuldades no cotidiano escolar ao se depararem com as necessidades especiais de estudantes cujas singularidades requer uma educação especial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2006.
- LINDEMANN, R. A urgência por uma nova mente. *Revista TheoSophia*. Brasília: Sociedade Teosófica no Brasil, 2015.
- LÜDKE, H. A.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MEHTA, R. *Yoga a arte da integração*. Tradução de Marly Wincler. Brasília: Teosófica, 2012
- TAIMNI, I. K. *A Ciência do Yoga – Comentários sobre os Yoga-Sutras de Patañjali à luz do pensamento moderno*. Tradução: Milton Lavrador. Revisão Técnica: Alcyr A. Ferreira e Ricardo Lindemann. 4. ed. Brasília: Teosófica, 2006.
- VYGOTSKY, L. S. *Psicologia Pedagógica*. Edição comentada. Tradução do russo e introdução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Yoga como essência da Teosofia Yoga as the essence of Theosophy

Ricardo Lindemann⁴²
ricardolindemann@uol.com.br

Resumo: Patañjali em seu milenar *Yoga-Sūtra*(YS) compilou um método experimental em oito partes, como um tipo especial de ciência que busca o autoconhecimento e a libertação do sofrimento. Sua técnica essencial é o Êxtase ou *Samādhi*, como uma espécie de perfeita concentração da mente, que é um meio de obter conhecimento e de desenvolver *siddhis* ou poderes de percepção extra-sensorial (PES). A Teosofia moderna, a partir do século XIX e das obras de Blavatsky, Besant e Leadbeater, reapresenta estes antigos métodos do *Yoga*, da meditação e do uso da clarividência, exemplificada em 1908 no livro *Química Oculta*. Tenta demonstrar uma hipótese de religião científica, encorajando o estudo de religião comparada, filosofia e ciência, como a Teosofia antiga ocidental de Alexandria, e a Teosofia oriental.

Palavras-chave: *Yoga*, Teosofia, Filosofia Antiga e Oriental

Abstract: Patañjali in his millenarian *Yoga-Sūtra* (YS) compiled an eight-part experimental method, as a special kind of science that seeks self-knowledge and freedom from suffering. Its essential technique is Ecstasy or *Samādhi*, as a kind of perfect concentration of the mind, which is a means of gaining knowledge and developing *siddhis* or powers of extra-sensory perception (ESP). Modern Theosophy, from the nineteenth century and the works of Blavatsky, Besant, and Leadbeater, raises again these ancient methods of *Yoga*, meditation, and the use of clairvoyance, exemplified in 1908 in *Occult Chemistry*. It attempts to demonstrate a hypothesis of scientific religion by encouraging the study of comparative religion, philosophy, and science, as the ancient Western Theosophy of Alexandria, and Eastern Theosophy.

Key-words: *Yoga*, Theosophy, Ancient and Eastern Philosophy

Introdução

Historicamente, a primeira grande codificação do *Yoga* é considerada como sendo o clássico *Yoga-Sūtra*(YS) de Patañjali, cuja data, conforme afirma Zimmer, “é bastante questionável [...] Os eruditos ocidentais o situam no século 2º a.C., mas o sistema cuja fundação lhe é atribuída certamente já existia nos séculos anteriores.” (Zimmer, 2012, p. 209 – 210)

A palavra *Yoga* é originada do sânscrito e tem vários significados, deriva-se da raiz *yuj* que significa ‘unir’, mas “a ideia de ‘união’ está presente em todos os significados.” (Taimni, 1996, p. 20) Refere-se mais propriamente à união de *Jīvātmā* ou alma humana, às vezes também chamada espírito (*puruṣa*), com *Paramātmā* ou a Superalma, a Divina Realidade, da qual está apenas subjetivamente separado.

⁴² Doutorando em Ciência da Religião – UFJF, Mestre em Filosofia – UnB, Engenheiro Civil – UFRGS.

Portanto, segundo o *Yoga*, a causa do mal ou do sofrimento é esta separação subjetiva chamada *deavidyā* [YS II: 4], geralmente traduzida como ignorância. Não exatamente a falta de conhecimento intelectual ou erudição, pois então não poderia gerar efeitos ou afetar aos eruditos ou instruídos (Vivekananda, 1982, p. 174 [YS II: 9]), mas antes a falta de sabedoria espiritual causada por uma espécie de ilusão ou confusão cognitiva, conforme Patañjali define: “*Avidyā* é tomar o não-eterno, impuro, mal e não-*Ātman* como sendo o eterno, puro, bem e *Ātman*, respectivamente.” (Taimni, 1996, p. 119 [YS II: 5])

No mínimo é importante ressaltar que muitos sábios⁴³ também parecem concordar nessa questão da ignorância ser a causa do mal ou do sofrimento. O fato é que de um bom diagnóstico da causa do mal ou sofrimento depende a sua cura, e a solução sugerida por Patañjali é a prática da meditação até atingir o *Samādhi*, ou Êxtase, que é um estado tão perfeito de concentração da mente que ultrapassa até a Contemplação (*Dhyāna*). E convém salientar que na Contemplação as distrações da mente já foram superadas e o fluxo de concentração para o objeto de meditação já é ininterrupto. [YS – III: 2]

Para alcançar o Êxtase ou *Samādhi*, o oitavo e último membro ou parte da técnica do *Rāja-Yoga*, é ainda necessário vencer um último obstáculo: a sutil subjetividade da própria mente, como definido por Patañjali: “A mesma [contemplação], quando há consciência somente do objeto de meditação e não de si mesma (a mente), é *Samādhi*.” (*Ibidem*, p. 221. [YS – III: 3]) Portanto, a concentração da mente necessita ser tão perfeita de modo que se dissolva, pelo menos temporariamente, o relacionamento sujeito-objeto. Então, como comenta Taimni, torna-se “possível conhecer a mais íntima natureza de um objeto de meditação pela fusão da mente com ele.” (Taimni, 1996, p. 222)

1.0 - *Yoga* como método ou ciência do autoconhecimento

O *Samādhi* ou Êxtase possibilitaria, dessa forma, o conhecimento direto, e embora seja a técnica essencial e culminante do *Rāja-Yoga*, é o oitavo membro desse método de autoconhecimento que pode ser considerado como uma Ciência do Ser, por isso também

⁴³Por exemplo, neste tema da ignorância ser a causa do mal parecem concordar Shankara (Sankara, 1992, p. 72 [s. 171]), Buddha (Zimmer, 2012, p. 338 [I *Nidana*]), Krishna (Besant; Lindemann, 2014, p. 106 - 163 [*BhagavadGita* IV: 42, IX: 1]), Platão [*Protágoras* § 357d – 358c], embora aqui não se tenha espaço para desenvolver esse importante ponto comum, mas apenas para sugerir pesquisa futura. Poderia parecer até que também Cristo concorda neste tema quando afirma “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.” [*João* VIII: 32]

chamado de *Aṣṭāṅga-Yoga*, ou seja, *Yoga* dos oito membros ou partes assim denominados por Patañjali: “Auto-restrições, observâncias, postura, controle da respiração, abstração, concentração, contemplação e êxtase são as oito partes (da autodisciplina do *Yoga*).” (*Ibidem*, p. 166 [YS II: 29]) Deste modo, os membros anteriores podem ser vistos como preparatórios para o atingimento do *Samādhiou* Êxtase, que proporciona o conhecimento direto.

Similarmente, Swami Vivekananda afirma que a religião depende do conhecimento direto, e não pode basear-se apenas na revelação ou crença na experiência de tempos antigos, pois “nenhum homem pode ser religioso até que ele tenha as mesmas percepções por si mesmo.” (Vivekananda, 1982, p. 4) Portanto, considera o *Yoga* como Ciência: “Por milhares de anos tais fenômenos tem sido estudados, investigados, e generalizados, todo o território das faculdades religiosas do homem tem sido analisadas e o resultado prático é a ciência do *Rāja-Yoga*.” (*Ibidem*, p. ix – x)

Segundo este ponto de vista, as grandes e clássicas questões religioso-filosóficas não necessitariam incidir em território de superstições ou crenças que não pudessem ser investigadas racional e diretamente, mas antes o *Rāja-Yoga* se oferece como um método ou uma espécie de hipótese de uma religião científica para investigar tais questões, como também questionava Vivekananda: “Que direito tem um homem de dizer que tem uma alma se ele não a sente, ou que existe um Deus se não pode vê-Lo? Se existe um Deus nós temos de vê-Lo, se existe uma alma, nós temos de percebê-la...” (*Ibidem*, p. 4)

Sua técnica essencial é o *Samādhiou* êxtase, que pode ser considerado como uma técnica progressiva de perfeita concentração mental [YS III: 1] e um meio de se obter conhecimento direto, tanto num aspecto primário para a descoberta da essência de nossa própria consciência [YS I: 51; IV: 29], como também num aspecto secundário para se obter conhecimento referente ao mundo que nos rodeia por meio de *siddhis* ou poderes de percepção extra-sensorial (PES) que podem ser desenvolvidos pelo *Samādhi* [YS IV: 1].

Para atingir o *Samādhiou* Êxtase no seu mais elevado estágio, Patañjali afirma: “a prática ininterrupta do percebimento do Real é o meio para a dispersão (*deavidyā*).” (Taimni, 1966, p. 162 [YS II: 26]) referindo-se ao atingimento do *Dharma-Megha-Samādhiou* à dispersão da última nuvem de ignorância, pois “*megha*” em sânscrito significa nuvem. (*Ibidem*, p. 329 [YS IV: 29]) Assim o *yogi* obtém o autoconhecimento: “Naquele tempo (o período de concentração) o vidente (*Puruṣa*), está estabelecido em seu próprio (não-modificado) estado.” (Vivekananda, 1982, p. 120 [YS I: 3]) Esse percebimento do Real é um tipo de *viveka* ou discernimento entre o Real e o ilusório, entre o que é duradouro e o que é transitório, no mais alto grau, chamado *viveka-khyāti* [YS II: 26].

Em suma, segundo Patañjali, é pela prática da meditação em seus três estágios progressivos, a saber: concentração [YS III: 1], contemplação [YS III: 2], e Êxtase ou *Samādhi*[YS III: 3], que é atingida a libertação (*kaivalya*) da ignorância (*avidyā*) e suas outras aflições (*klesas*) dela decorrentes, como afirmanosūtraII: 11, a saber: “Suas modificações ativas devem ser suprimidas pela meditação.”(Taimni, 1996, p. 130[YS II: 11]). Dessa forma, fica evidenciado como a meditação, segundo o *Rāja-Yogade* Patañjali, é o caminho para a reversão deste estado subjetivo de ilusão ou servidão do espírito (*puruṣa*) à matéria (*prakṛti*) [YS II: 17].

2.0 - Teosofia antiga e moderna

A Teosofia Moderna surge principalmente a partir das publicações de Helena Petrovna Blavatsky (1831 – 1891), particularmente *A Doutrina Secreta*, sua magna obra publicada em 1888, e da fundação Sociedade de Teosófica em New York, USA, em 1875, encorajando o estudo comparado de Religião, Filosofia e Ciência. Seus principais fundadores foram o cel. H.S. Olcott(1832 – 1907) e a Sra. H.P. Blavatsky.

Posteriormente, foram também publicadas as *Cartas dos Mahatmas*, abrangendo temas como a relação entre o Absoluto, o *Logos* ou Deus, as Leis de Periodicidade, Reencarnação, *Karma*, Evolução e o Plano Divino; surgindo outras gerações de autores como Annie Besant (1847 – 1933), Charles Webster Leadbeater (1847 – 1934), C. Jinarajadasa (1875 – 1953), N. Sri Ram (1889 – 1973), I.K. Taimni (1898 – 1978), Jiddu Krishnamurti (1895 – 1986), entre outros. Em língua portuguesa, surgem clássicas traduções de Fernando Pessoa (1888 – 1935) de *A Voz do Silêncio* de H.P. Blavatsky, e de *Os Ideais da Teosofia*, e de *Introdução ao Yoga*, ambos de autoria de Annie Besant, etc.

Em outra obra fundamental, publicada em 1889, chamada *A Chave para a Teosofia*, Blavatsky afirma: “Teosofia é Ciência ou Conhecimento Divinos [...] ‘Sabedoria Divina’, Θεοσοφία (*Theosophia*) ou Sabedoria dos deuses. [...] Teosofia é o equivalente a *Brahmā-Vidya*, conhecimento divino.” (*op. cit.*, p. 15 – 16) Nestas poucas linhas introdutórias já aparecem, desde a definição do termo Teosofia, as suas origens remotas em língua grega, caracterizando a Teosofia ocidental antiga, e em sânscrito, caracterizando a Teosofia oriental antiga.

Nesta obra, entretanto, a autora parece mais focalizada na Teosofia ocidental antiga, com suas origens nos filósofos neoplatônicos de Alexandria, no Egito, mas já em seu período helenístico no século III d.C., quando afirma sobre a origem do nome:

Ele nos foi transmitido pelos filósofos alexandrinos, conhecidos como os amantes da verdade, *Philaleteus*[...] O nome Teosofia data do terceiro século de nossa era, e foi introduzido por Amônio Saccas e seus discípulos, os quais iniciaram o sistema Teosófico Eclético. (*Ibidem*, 15)

O tema é ainda complementado em nota de rodapé, relacionando a antiga Teosofia ocidental com a oriental: “O sistema de meditação usado pelos filaleteus foi o êxtase, um sistema semelhante à prática do *Yoga* indiano. Tudo o que se sabe sobre a Escola Eclética deve-se a Orígenes, Longino e Plotino, os discípulos imediatos de Amônio Saccas.” (*Ibidem*, p. 17)

Outras menções à Teosofia neoplatônica foram feitas também pelo discípulo de Plotino, chamado Porfírio, por Jâmblico, e por Proclo, conforme foi definida por *Dicionário de Filosofia*: “Este termo já era usado pelos neoplatônicos para indicar o conhecimento das coisas divinas, proveniente de inspiração direta por Deus.” (Abbagnano, 1999, p. 954) Reale prefere considerar como tendência já presente no neoplatonismo tardio: “consistindo particularmente na transposição em termos ocidentais de crenças orientais.” (REALE, 1995, v. 5, p. 254.) O *Dicionário de Filosofia de Cambridge* parece tentar uma definição mais abrangente sobre Teosofia:

Qualquer misticismo filosófico, especialmente as formas que pretendem ter bases matemáticas ou científicas como o pitagorismo, o neoplatonismo e o gnosticismo. Também o hinduísmo védico e certos aspectos do budismo, do taoísmo e do sufismo islâmico podem ser considerados teosóficos. (Audi, 2006, p. 941)

Talvez a forma mais fácil de tentar definir Teosofia seja lembrar que não se trata de uma religião convencional, mas antes de uma busca pela verdade, que pode ser pedagogicamente dividida em seus dois aspectos clássicos de verdade absoluta (*Pāramārthika Satya*), e verdade relativa (*Vyāvahārika Satya*), com apoio no próprio folheto oficial do departamento de divulgação da Sociedade Teosófica no Brasil (*Apud* Lindemann; Oliveira, 2011, p. 34 – 35). Em seu aspecto de verdade absoluta, a Teosofia é uma sabedoria universal e vivencial, além do intelecto, como dizia Blavatsky: “o verdadeiro Ocultismo ou Teosofia é a ‘Grande Renúncia ao eu’, incondicional e absolutamente, tanto em pensamento como em ação – é Altruísmo.” (Blavatsky, 2001, p. 174 - 175) E ainda complementa: “‘Teosofia é sinônimo de Verdade Eterna’ Divina, Absoluta, *Pāramārthika Satya* ou *Brahmā-Vidya*, que são seus equivalente muito mais antigos na filosofia oriental.” (Lindemann; Oliveira, 2011, p. 34).

Por outro lado, por sua pálida imagem refletida na esfera do limitado pensamento humano, a palavra Teosofia adquiriu também um significado secundário que seria preferível denominar de Pensamento Teosófico ou Filosofia Esotérica. Parece atribuída à Annie Besant a definição desta Teosofia secundária como sendo constituída “daquele corpo de verdades que forma a base de todas as religiões e que não pode ser reivindicado como posse exclusiva de nenhuma.”(*Ibidem*, p. 35) Também parece ser apresentada nas Cartas dos Mestres como uma espécie de Sabedoria Esotérica comum a todas as religiões:

As doutrinas fundamentais de todas as religiões se comprovarão idênticas em seu significado esotérico, uma vez que sejam desagrilhoadas e libertadas do peso morto das interpretações dogmáticas, dos nomes pessoais, das concepções antropomórficas e dos sacerdotes assalariados. (*Ibidem*, p. 35).

Tal ideia parece estar implicada na primeira destacada por Blavatsky como sendo a Unidade Fundamental de Toda Existência, em suas próprias palavras:

Fundamentalmente existe Um Ser [Vida Una], que possui dois aspectos: positivo e negativo. O positivo é o Espírito [*Puruṣa*] ou Consciência; o negativo é Substância [*Prakṛti*], o objeto da consciência. Esse Ser é o Absoluto em sua manifestação primária. (Blavatsky, 2011, p. 91 – 92)

Neste sentido talvez fosse possível resumir esse aspecto secundário de verdade relativa ou pensamento teosófico, numa tentativa de expressar uma livre interpretação do segundo objetivo da ST, a saber: a Teosofia é uma Sabedoria Esotérica comum a todas as Religiões, que está de acordo com a lógica da Filosofia, e os fatos e as leis da Natureza estudados pela Ciência.

3.0 – Râja-Yoga como prática essencial da Teosofia

Parece importante salientar que desde a fundação da Sociedade Teosófica (ST) houve pelo menos duas linhas ou tendências distintas de trabalho representadas pela ênfase dos seus principais fundadores. Uma mais externa e universalista, representada por seu Presidente Fundador, o cel. Henry Steel Olcott que afirmava que o segredo do crescimento da ST dependia da sua Constituição e da simplicidade de seus objetivos, quando afirmava: “Não contaminados pelo sectarismo, desprovidos de toda ofensividade dogmática, eles [seus objetivos] não repelem quem os examina com imparcialidade.”(Harris, 2006, p. 465)

Tamanha é a força desta tendência na Sociedade Teosófica que nem sequer a palavra Teosofia é mencionada em seus objetivos atuais, aliás nunca foi, embora na versão de 1888, enquanto Blavatsky ainda estava viva e provavelmente no auge de sua influência pela publicação de *A Doutrina Secreta*, a versão de seu segundo objetivo era: “Promover o estudada literatura Ariana [da Índia] e outras literaturas orientais, religiões, filosofias e ciências” (*Ibidem*, p. 632), o que obviamente incluía o *Yoga* e sua Filosofia. Tal destaque diminuiu na versão atual usada a partir de 1896, quando Blavatsky já havia falecido: “Encorajar o estudo de religião comparada, filosofia e ciência.” (*Ibidem*, p. 632), que parece mais corresponder ao que Blavatsky chamava de “Ocultismo teórico.” (Blavatsky, 2011, p. 107 – 108)

Por outro lado, a história indica o surgimento de uma Seção Interna como outra linha complementar de trabalho na ST: “Em 1888, a resposta de Blavatsky a isto foi constituir declarada a formação de uma Seção Esotérica da Sociedade” (Harris, 2006, p. 465), que visaria uma introdução ao Ocultismo prático ou Ciência Oculta (Blavatsky, 2001, p. 107 – 108). Esta Seção Interna, com seu caráter introdutório ao Ocultismo prático, seria reservada e de ingresso voluntário, mas não secreta, como se torna óbvio por sua publicação no livro *A Chave para a Teosofia* de autoria da própria Sra. Blavatsky: “A maioria, senão todos, dos que entram para a nossa Seção Interna são apenas principiantes, preparando-se nesta vida, para entrar naquela Senda, realmente, em vidas futuras” (Blavatsky, 1991, p. 227), “...seu propósito geral é preparar e adequar o estudante para o estudo do Ocultismo prático ou *Rāja-Yoga*” (Blavatsky, 1964, v. XII, p. 488). Talvez se possa inferir que sua prática predominante fosse apenas o *Yoga* Preliminar ou *Kriyā-Yoga* (Taimni, 1966, p. 109 – 110 [YS II: 1])

Tudo parece indicar que o caráter reservado, opcional voluntário desta prática, pois nem todo membro da ST teria de ingressar na sua Seção Interna, também pudesse ter relação com possíveis preconceitos e dificuldades a superar para se solicitar a ocidentais mesmo uma introdução à prática do *Yoga* com suas exigências disciplinares [que depois culminam em práticas mais avançadas de castidade e outras purificações *emyama* e *niyama* (*Ibidem*, p. 166 - 185)] no remoto ano de 1888, quando o *Yoga* ainda era praticamente desconhecido na Europa ou na América. Entretanto, talvez se possa também depreender tal ideia de que o ensinamento dos Mahatmas visava gradualmente preparar os estudantes ocidentais para a prática monástica do *Rāja-Yoga* da instrução de uma de suas cartas a A.P. Sinnett:

É verdade que o homem casado não pode ser um Adepto [*Jivanmukti* ou *Yogi* Perfeito e Liberado], no entanto, sem esforçar-se para ser um ‘*Rāja-Yogi*’, ele pode adquirir certos poderes e fazer o mesmo bem pela humanidade e, frequentemente mais, pelo fato de permanecer dentro dos limites do seu mundo. (Barker, 2001, v. 1, p. 60)

Na verdade, foi somente em 1893, no Parlamento Mundial das Religiões em Chicago, que um *yogi* indiano falou pela primeira vez nas Américas, na pessoa de Swami Vivekananda, que o jornal *The Critic* considerou “a figura mais impressionante do Parlamento”(Cranston, 1997, p. 468). Tal sucesso esteve visivelmente relacionado aos esforços da ST em abrir espaço e trazer oradores orientais ao Parlamento, e ainda anteriores da Sra. Helena P. Blavatsky (HPB), como é lembrado em sua biografia:

Isto parece algo muito diferente da visão prevalecente no Ocidente dezoito anos antes, quando HPB começou seu trabalho público para desfazer a noção de que os asiáticos eram selvagens ignorantes e suas religiões apenas um amontoado de crenças supersticiosas.(Cranston, 1997, p. 468)

O fato é que tais citações explicitam claramente o *Rāja-Yoga*, que Blavatsky igualava ao Ocultismo prático, como prática essencial da Teosofia na Seção Interna da ST. Isto se aprofunda em seu livro intitulado *Rāja-Yoga ou Ocultismo* (Blavatsky, 1973), que constitui-se numa coletânea de seus artigos sobre o tema. Convém lembrar que a *Enciclopédia Teosófica* também considera que a meditação é a prática principal do *Rāja-Yoga*, “disciplina que é baseada nos *Yoga-Sūtras* de Patañjali, e envolve um tipo de meditação designada para controlar os movimentos (*vṛttis*) da mente e realização do Ser” (Harris, 2006, p. 683). Tal prática culmina nos mais altos estágios de *Samādhi* ou Êxtase e de percepção direta da unidade da vida, ou superação daquela separação subjetiva de *Jīvātmā* ou alma humana, às vezes também chamada espírito (*puruṣa*), com *Paramātmā* ou a Superalma, como foi mencionado na definição de *Yoga*. O ensinamento dos Mahatmas em uma de suas cartas a A.P. Sinnett também enfatiza o *Samādhi* ou Êxtase como caminho desta percepção direta da Superalma (o Senhor ou *Īśvara*):

‘*Īśvara*’ [...] significa, quando corretamente interpretado, em um sentido, ‘o Eu divino percebido ou visto pelo eu’, o *Ātman* ou sétimo princípio livre de sua diferenciação *maivāca* [ilusória] da sua Fonte Universal – que se torna objeto de percepção para e pela individualidade [...], algo que só acontece no mais alto estado de *Samādhi*. (Barker, 2001, v. 2, p. 211)

Em *O Lado Oculto das Coisas*, Leadbeater chega a considerar que a meditação é o melhor meio para desenvolver seus veículos mais sutis e que “aqueles que pertencem à Sociedade Teosófica sabem que há nela uma escola que ensina tais práticas, podendo a ela dirigir-se quem desejar outras informações”(Leadbeater, 2017, p. 274), reconhecendo também a meditação como prática essencial de sua escola ou seção interna. Ele também parece definir

Ocultismo de uma forma moderna, como sendo: “o estudo do lado oculto da Natureza; ou melhor, [...] o estudo da Natureza em sua totalidade, e não apenas daquela parte mínima que é objeto de investigação da ciência moderna” (*Ibidem*, p. 22).

Leadbeater atribui à meditação pelo menos quatro principais objetivos. Estes são: “primeiro, assegurar que pelo menos uma vez por dia ela [a pessoa] pensará em tais coisas [santas], e que seus pensamentos estarão, pelo menos uma vez em cada vinte e quatro horas, libertos do círculo da vida quotidiana mesquinha, de suas frivolidades e de suas preocupações.” (*Ibidem*, p. 275) Uma vez que a ilusão cognitiva ou *avidyā*, ou causa do mal e do sofrimento, está basicamente relacionada a hábitos mentais ou condicionamentos, tal prática da meditação é o caminho de sua reversão cultivando outros hábitos mentais [YS II: 11 – 33].

Nessa linha de raciocínio, Leadbeater prossegue: “segundo, habituar-se a pensar naquelas coisas, de modo que no fim de algum tempo estejam sempre presentes no fundo de sua mente, como segundo plano de sua vida diária – algo a que o seu espírito retorne com prazer quando esteja livre das questões imediatas dos negócios.” (*Ibidem*, p. 275) Busca assim desenvolver uma espécie de círculo virtuoso por meio de um hábito meditativo permanente que seria como uma atividade mental de fundo ou supraconsciente. Tal desenvolvimento já evidencia progresso na prática da meditação.

Leadbeater ainda acrescenta: “terceiro, conforme principiei dizendo, como uma espécie de ginástica astral [emocional] e mental, para conservar a saúde destes corpos mais elevados e manter circulando a corrente de vida divina (e, para tanto, cumprirá ter presente que a regularidade dos exercícios é de capital importância)” (*Ibidem*, p. 275). Novamente, a importância de se criar perseverantes hábitos mentais, comparados à ginástica física, é enfatizada.

Leadbeater conclui:

quarto, porque esse é o meio – mesmo que apenas o primeiro passo hesitante no caminho – que conduz ao desenvolvimento superior e a um conhecimento mais amplo, a porta [ou o portal] da estrada que, através de muita luta, muito esforço, propicia chegar à clarividência e, em última análise, à vida superior além deste mundo. (*Ibidem*, p. 275)

Nesse último objetivo, Leadbeater conclui de modo mais enfático que o próprio Patañjali que a maestria na meditação é o caminho para o desenvolvimento dos *siddhis* ou poderes psíquicos e da consciência superior, pois Patañjali admite a existência de outros

caminhos: “Os *siddhis* (poderes) são obtidos por nascimento, meios químicos, poder das palavras, mortificações [austeridades], ou concentração [*Samādhi*].” (Vivekananda, 1982, p. 245) Entretanto, Patañjali também parece admitir que somente pelo controle da técnica de *Samādhi* ou Êxtasese podem adquirir resultados que não dependam de estímulos externos e sejam de fato permanentes, como comenta Taimni: “a menos que resultem de um desenvolvimento geral da consciência pela prática do Yoga, [os *siddhis*] são de natureza restrita e não duram mais que uma vida.” (Taimni, 1996, p. 293) Se faltar também desenvolvimento moral, os *siddhis* poderão tentar a pessoa a fazer mau uso deles, podendo ainda acarretar “para si mesma muito sofrimento e um mau *karma*.” (Taimni, 1996, p. 293)

4.0 - Evidências do *Siddhis* (PES) em *Occult Chemistry* (Química Oculta)

Em 1908, com a publicação do livro *Occult Chemistry* (*Química Oculta* – 1994), de autoria da Dra. Annie Besant e do Bispo Charles W. Leadbeater, foi oferecida ao mundo uma das maiores evidências de percepção extrassensorial (PES) em linguagem cientificamente verificável. Esses renomados clarividentes, usando o clássico *siddhi* chamado *añimā*, que capacita conhecer o que é pequeno [YS III: 26], se anteciparam à descoberta de partículas subatômicas chamadas quarks em pelo menos 55 anos, como sustenta o Dr. Phillips em sua obra *Extra-Sensory Perception of Quarks* (*Percepção Extrassensorial de Quarks*) publicada em 1980, uma vez que a ciência oficial só descobriu os quarks em 1963. Extraordinária, também, foi a descoberta, publicada na revista científica *Physics World* (Mundo da Física) de setembro de 2003, de que o Dr. F. W. Aston, o próprio cientista que descobriu oficialmente o Metaneon, e assim ganhou o Prêmio Nobel de Química em 1922, admitiu a antecedência da descoberta de Besant e Leadbeater e até mesmo ter adotado o próprio nome deste isótopo a partir do livro *Química Oculta*, embora tivesse dificuldades de compreender o método clarividente de investigação, conforme foi citado no resumo acima. (Hughes, 2003, p. 32)

Uma das principais observações feitas por Besant e Leadbeater foi a de que o átomo de hidrogênio era composto por 18 subpartículas, chamadas por eles de Átomos Físicos Ultrírrimos [Ultimate Physical Atoms – UPAs – ainda não descobertos pela ciência oficial, mas que Phillips propõe renomear como “subquark” (Srinivasam, 2002, p. 13)], e Leadbeater os considerava os últimos compostos tridimensionais: “Esses átomos ultrírrimos são complexos. Nós os chamamos de átomos físicos ultrírrimos porque, quando são subdivididos tornam-se matéria astral.” (Leadbeater, 1994, p. 147) Os autores identificaram também os átomos microfísicos (MPAs), que eram composições dos UPAs correspondentes aos elementos

químicos da tabela periódica, classificados segundo sete formas geométricas por eles observadas. Pela comparação do número de UPAs de cada elemento e sua correspondência proporcional com o Hidrogênio [$H = 1$, portanto, 18 UPAs = Peso Atômico 1], eles determinaram inclusive o peso atômico de isótopos e até de cinco elementos então desconhecidos pela ciência oficial da época [os nomes entre parênteses eram os designados pelos autores em *OccultChemistry* (1908)]: Promécio – Pm (“Illenius”), Atrato – At (“Elemento nº 85”), Frâncio – Fr (“Elemento nº 87”), Protoactínio – Pa (“Elemento nº 91”), e Tecnécio – Tc (“Masurium”). (Srinivasam, 2002, p. 9)

Dr. H. J. Arnikar relembra a história da ciência na descoberta do Deutério (2D), o isótopo pesado do Hidrogênio (1H) por Urey, Brickwedde e Murphy aproximadamente na mesma época em 1932, e o Trítio (3T), seu isótopo radioativo, que foi descoberto por Rutherford em 1934, e comenta:

De fato, o devido crédito tem de ser concedido a Besant e Leadbeater que desembocaram previamente na descoberta dos isótopos⁴⁴, quando eles relataram o Adyarium (2D) e o Occultum (3T), além dos átomos do Neon de duas diferentes massas ^{20}Ne e Metaneon ^{22}Ne em 1907, i.e., uns quatro anos antes de Sir J.J. Thompson ter relatado duas parábolas para o Neon de massa 20 e 22 em seu trabalho clássico na análise do raio positivo [ou catódico] em 1911, seguido pelo trabalho de Aston e Soddy. (Arnikar, 2000, p. 70 - 71)

Dessa forma, por meio de uma espécie de reinterpretação da química, Leadbeater sustenta a partir da matéria astral, ou seja, da quarta dimensão ou plano astral, que os gregos chamavam de *Hades* (invisível), que o mundo dos assim chamados mortos (que ele descreve detalhadamente no seu livro *O Plano Astral*, 2014) ou plano astral contém ou interpenetra o mundo físico dos vivos, por assim dizer, pois cada átomo do mundo físico seria constituído da condensação de matéria astral que é mais sutil. Portanto, tudo que existe no plano físico está contido e tem uma contraparte astral, mas como o plano astral tem mais dimensões, existem muito mais seres e coisas nele que não existem no físico. O mesmo raciocínio se aplica às

⁴⁴Arnikar contextualiza tal descoberta antes da ciência oficial ter elaborado o conceito de isotopia [isótopo significa literalmente “mesmo lugar”, na tabela periódica] que se refere aos diferentes tipos possíveis de núcleos atômicos de um mesmo elemento, devido ao seu diferente número de nêutrons, apesar de terem o mesmo número de prótons: “Embora os ocultistas não estivessem informados do conceito de isotopia, quando eles observaram uma amostra com propriedades similares àquelas do hidrogênio, mas com o dobro de massa daquele, e o número de UPAs também duplo (36 ao invés de 18), eles o designaram como *adyarium* e o posicionaram com o hidrogênio na classificação periódica [no mesmo lugar], sem procurar uma posição diferente para ele...” (ARNIKAR, 2000, p. 70)

dimensões ainda superiores⁴⁵, ou seja, o ser humano vive dentro de Deus (a última dimensão) sem percebê-Lo: “Nele vivemos, e nos movemos e temos o nosso ser.” (*Atos XVII: 28*)

Considerações Finais:

Evidencia-se, por meio da literatura teosófica, o *Rāja-Yoga*, incluindo sua prática de meditação, como prática essencial da Teosofia. Também se evidencia a possibilidade de uma religião científica fundamentada na pesquisa sobre o *Samādhi*, particularmente no *Yoga-Sūtrade* Patañjali, enquanto técnica essencial do *Yoga*, na medida em que há indícios de poder ser usado como meio de conhecimento direto. Tais possíveis evidências obtidas pelos *siddhis*, como a percepção extrassensorial (PES), são exemplificadas pela aplicação da clarividência no livro *Occult Chemistry*. (Besant&Leadbeater, 1994)

Referências Bibliográficas:

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ALMEIDA, João Ferreira de, trad. *A Bíblia Sagrada*. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- ARNIKAR, H.J., PhD. *Essentials of Occult Chemistry and Modern Science*. Chennai (Madras), Índia: Theosophical Publishing House, 2000.
- AUDI, Robert, org. *Dicionário de Filosofia de Cambridge*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BARKER, A.T., comp. *Cartas dos Mahatmas para A.P. Sinnett*. Brasília: Teosófica, 2001.
- BESANT, A.; LEADBEATER, C.W. *Occult Chemistry*. 3. ed. Chennai (Madras), Índia: Theosophical Publishing House, 1994.
- BESANT, A.; LINDEMANN, R. (trad.) *Bhagavad Gita*. Brasília: Teosófica, 2014.
- BLAVATSKY, H. P. *A Chave para a Teosofia*. Brasília: Teosófica, 1991.
- _____. *Fundamentos da Filosofia Esotérica*. Brasília: Teosófica, 2011.
- _____. *Ocultismo Prático*. Brasília: Teosófica, 2001.
- _____. *Collected Writings*. Wheaton, Ill, USA: Theosophical Publishing House, 1964.
- _____. *Raja-Yoga, or Occultism*. Bombay: Theosophy Company, 1973.
- CRANSTON, Sylvia. *Helena Blavatsky: a vida e a influência extraordinária da fundadora do movimento teosófico moderno*. Brasília: Teosófica, 1997.
- HARRIS, P.S., org. *Theosophical Encyclopedia*. Quezon City, Philippines: Theosophical Publishing House, 2006.
- HUGHES, Jeff. Occultism and the Atom: the curious story of isotopes. *Physics World*. Sep. 2003, p. 31 – 35. [ISSN: 0953-8585]
- LEADBEATER, C.W. *A Gnose Cristã*. Brasília: Teosófica, 1994.

⁴⁵Leadbeater reinterpreta os antigos sete *Lokas* ou mundos da tradição hindu renomeando-os com nomes ocidentais (LEADBEATER, 1994, p. 46), a saber: *Bhurloka* ou Plano Físico, *Bhuvarloka* ou Plano Astral ou Emocional ou Purgatório, *Svarloka* ou Plano Mental ou Céu, *Maharloka* ou Plano Intuicional, *Janarloka* ou Plano Espiritual ou Nirvana, *Taparloka* ou Plano Monádico, e *Satyloka* ou Plano Divino. (LINDEMANN; OLIVEIRA, 2011, p. 41)

- _____. *O Lado Oculto das Coisas*. Brasília: Teosófica, 2017.
- _____. *O Plano Astral*. Brasília: Teosófica, 2014.
- LINDEMANN, R.; OLIVEIRA, P. *A Tradição-Sabedoria: uma introdução ao estudo comparado de filosofia oriental e ocidental*. 5. ed. Brasília: Teosófica, 2011.
- PHILLIPS, Stephen M., PhD. *Extra-Sensory Perception of Quarks*. Chennai (Madras), India: Theosophical Publishing House, 1980.
- SANKARA. *Viveka-Chudamani: a joia suprema da sabedoria*. Brasília: Teosófica, 1992.
- REALE, G. *História da Filosofia Antiga*. 5. v. São Paulo: Loyola, 1995.
- SRINIVASAN, M., PhD. *Introduction to 'Occult Chemistry'*. Chennai (Madras), India: Theosophical Publishing House, 2002.
- TAIMNI, I.K., PhD. *A Ciência do Yoga*. Brasília: Teosófica, 1996.
- VIVEKANANDA, Swami. *Raja-Yoga*. Calcutta, India: Advaita Ashrama, 1982.
- ZIMMER, Heinrich. *Filosofia da Índia*. São Paulo: Palas Athena, 2012.

As bases fundantes de uma teosofia prática. Das peias do medo às raias da liberdade. Percepção, expressão e realização da natureza divina, através de uma ética universal.

The founding bases of a practical theosophy. From the tracks of fear to the rays of freedom. Perception, expression and realization of the divine nature, through a universal ethic.

Otávio Ernesto Marchesini⁴⁶
otaviomarchesini@hotmail.com

Resumo: Para além de fomentar um estudo comparativo de Ciência, Religião e Filosofia, há, na Sociedade Teosófica, um exortar à formação vivencial de um núcleo da Fraternidade Universal. Daí a ter-se o que se pode denominar como Teosofia Prática, ou seja, a realização de um viver baseado no primado de uma Ética Universal, estabelecida na premissa da Unidade da Vida. Em *A Chave para a Teosofia*, Blavatsky enumera as bases fundantes de uma Teosofia Prática em quatro princípios, quais sejam: unidade e causação universais; solidariedade humana; a lei do *karma*; a reencarnação (Blavatsky, 2004, p. 204). À vista disso, através de uma revisão bibliográfica, o presente artigo se propõe investigar em que consiste uma prática teosófica, qual sua base fundante e como realizá-la.

Palavras-chave: Teosofia Prática. Unidade da Vida. Ética Universal.

Abstract: In addition to promoting a comparative study of Science, Religion and Philosophy, there is in the Theosophical Society an exhortation to the experiential formation of a nucleus of the Universal Brotherhood. Hence we have what can be called Practical Theosophy, that is, the realization of a living based on the primacy of a Universal Ethics, established in the premise of the Oneness of Life. In *The Key to Theosophy*, Blavatsky enumerates the foundational bases of a Practical Theosophy on four principles, namely: universal unity and causation; human solidarity; the law of karma; the reincarnation (Blavatsky, 2004, p. 204). In view of this, through a bibliographical review, the present article proposes to investigate in what consists a theosophical practice, what its founding base and how do to it.

Keywords: Practical Theosophy. Unity of Life. Universal Ethics.

1. Introdução

No último quartel do Século XIX, mais precisamente em 1875, surgiu, em Nova Iorque, a Sociedade Teosófica, fundada que foi por Helena Petrovna Blavatsky, Henry Steel Olcott e William Quan Judge, em um grupo de 16 (dezesesseis) pessoas⁴⁷, alinhadas no

⁴⁶Especialista em Teoria Geral do Direito, com ênfase no Direito Internacional dos Direitos Humanos, pela UNIBRASIL. Bacharel em Direito pela UNICURITIBA. Atua como livre pesquisador no âmbito da Sociedade Teosófica, dedicando suas pesquisas às causas do aprisionamento da consciência humana e aos meios para obtenção de libertação.

⁴⁷Acerca do surgimento da Sociedade Teosófica, Sylvia Cranston, in *Helena Blavatsky – A Vida e a Influência Extraordinária da Fundadora do Movimento Teosófico Moderno* descreve: No dia 7 de setembro de 1875,

propósito de criar uma organização voltada ao estudo compreensivo da verdade (de modo amplo e oníabrangente) e à formação de um núcleo da fraternidade universal. Colhem-se, dos escritos a tanto associados, referências acerca de seus propósitos institucionais, nos seguintes termos:

O movimento teosófico tem três objetivos... São os seguintes: 1. Formar o núcleo de uma fraternidade universal da humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor; 2. O estudo de religiões, filosofia e ciências antigas e modernas e a demonstração da importância de tal estudo; e 3. A investigação das leis inexplicadas da natureza e dos poderes psíquicos latentes no homem. (Cranston, 1997, p. 170 - 171).

Nesta toada, tem-se que a fundação da Sociedade Teosófica eclode, de um lado, como possibilidade de revisitar o cânone das diversas tradições religiosas no mundo, ensejando, especialmente, acesso à plúrima expressão da religiosidade humana, vindicando, todavia, a origem comum de todas as religiões, escandidas que estão na prístina Teosofia⁴⁸; e, de outro, de modo a concitar a vivência da Fraternidade Universal, sugerindo que a plena compreensão da vida se dá por meio de uma experimentação direta e fusionada com seu fluxo, redirecionando um mero viver pessoalizado-egoístico, para uma expressão impessoal-altruística daquilo que se percebe ao sintonizar o ser no tempo com o inefável.

No que atine à ideia de Teosofia – em si indefinível – tem-se que o vocábulo é adotado para referenciar a sociedade então nascente, como expressão do que possa ser a verdade última. Sob tal enfoque, Teosofia é sinônimo de Verdade Eterna, Divina, Absoluta, *Paramarthika Satya* ou *Brahma Vidya*, que são seus equivalentes muito mais antigos na Filosofia Oriental. Há, porém, uma significação secundária, associada à ideia de uma verdade relativa, conhecida na filosofia oriental como *Vyavaharika Satya*, que, no caso, soa como pálida imagem daquela Sabedoria Divina e Eterna refletida na limitada esfera do pensamento humano e sua história, que seria preferível denominar de Filosofia Esotérica, Filosofia Oculta

dezesseis ou dezessete pessoas reuniram-se na casa de HPB em *Irving Place 46* para ouvir uma conferência de George H. Felt, um engenheiro e arquiteto, sobre *O Cânone Perdido das Proporções dos Egípcios, Gregos e Romanos*. A palestra foi recebida entusiasmamente, e Olcott escreveu num pedaço de papel: “Não seria uma boa ideia formar uma sociedade para este tipo de estudo?”. Ele passou o papel a Willian Q. Judge que o passou a HPB, e ela acenou com a cabeça concordando. Judge sugeriu que Olcott fosse o presidente, e este, por sua vez, sugeriu Judge como secretário. (Cranston, 1997, p. 167).

⁴⁸ A palavra teosofia é resultado da aglutinação de dois vocábulos gregos, THEOS (divino) e SOPHIA (sabedoria), querendo significar primária e literalmente, Sabedoria Divina, expressando a ideia de algo que transcende ao intelecto humano, donde advém a multifacetada congregação dos fenômenos manifestados. Demais disso, tem-se que a Sociedade Teosófica adota como lema a expressão “*SatyatNásty Paro Dharmah*”, ou, “Não há Religião Superior à Verdade”, buscando demonstrar a existência de uma verdade última, fonte pura que alimenta, perpassa e permeia todas as tradições religiosas, as quais, no tempo-espaço, irradiam parte da imarcescível realidade transcendente, refulgindo luz teosófica passível de ser compreendida por aqueles a quem ilumina, como se infere em *A Doutrina Secreta* (Blavatsky, 2008, v. I, p. 64).

ou Pensamento Teosófico, para melhor distingui-la da sua significação primária, como ressaltam Lindemann; Oliveira.⁴⁹

Percebe-se, pois, que o exurgir da Sociedade Teosófica em seu ciclo moderno se faz com a expressão de objetivos que ladeiam: a) a investigação da verdade, propugnada através de um estudo comparativo de Religião e Filosofia e Ciência (o que se exara como método compreensivo acerca do que possa ser o Divino, o Humano e o Cosmos), assim como do perscrutar dos recônditos lindes da natureza; com, b) a realização transformativa do Ser Humano, instado que o é pela compreensão plena da vida por meio da Fraternidade Universal.

No que se refere a isto – o pendor da regeneração humana -, tem-se o que se pode denominar como Teosofia Prática, ou seja, a realização de um viver baseado no primado de uma Ética Universal, estabelecida na premissa da Unidade da Vida, para além de uma aferição intelectual do que seja ou possa ser a verdade.

A consecução expressiva de uma filosofia ético-prática é ressaltada por Blavatsky, em carta de 1888, destinada à Convenção Anual dos Teosofistas Norte-Americanos, quando expressa que o propósito para o qual a Sociedade Teosófica foi criada, não é outro, senão auxiliar o Ser Humano a perceber sua natureza essencial e realizá-la de modo vivencial. Confira-se, como apresentado por Cranston in *Helena Blavatsky – A Vida e a Influência Extraordinária da Fundadora do Movimento Teosófico Moderno*:

A função do teosofista é abrir os corações e as mentes dos homens para a caridade, a justiça e a generosidade, atributos que pertencem especialmente ao reino humano e são naturais no homem, quando ele já têm desenvolvidas as qualidades do ser humano. A teosofia ensina o homem-animal a ser um homem-humano; e quando as pessoas tiverem aprendido a pensar e a sentir da forma como verdadeiros seres humanos devem sentir e pensar, eles agirão humanitariamente, e trabalhos de caridade, justiça e generosidade serão feitos espontaneamente por todos. (Cranston, 1997, p. 170).

Discorrendo acerca da Teosofia Prática, em *A Chave para a Teosofia*, Blavatsky enumera as suas bases fundantes em quatro princípios, quais sejam: unidade e causação universais; solidariedade humana; a lei do *karma*; a reencarnação (Blavatsky, 2004, p. 204).

Pois bem, à vista disso, através de uma revisão bibliográfica, o presente artigo se propõe investigar em que consiste o que se indica como uma prática teosófica, qual sua base fundante e como realizá-la, ao que se debruça com base nos escritos deixados por Blavatsky no evolver dos tópicos que seguem. Veja-se, pois.

⁴⁹LINDEMANN, Ricardo; OLIVEIRA, Pedro. *Tradição-Sabedoria*, Brasília: Editora Teosófica, 2006, p. 34-35.

2. Teosofia Prática

No assim chamado proêmio de sua obra maior, *A Doutrina Secreta*, Blavatsky discorre acerca de um princípio último, de uma realidade transcendente, incognoscível, algo a que ela denomina como sendo raiz sem raiz de tudo que foi, é ou será, o que não se pode adjetivar ou atribuir qualidades, porque isso seria apenas diminuir o que não tem limite, algo fora do tempo e do espaço, que se mantém no seio da não existência e que, por falta de forma ou modo com os quais possa ser referido se diz apenas ser Aquilo, ou o Absoluto. Lê-se, com efeito, a partir de Blavatsky, o seguinte, acerca do que ali se tem como a primeira proposição fundamental:

I) Um princípio Onipresente, Sem Limites e Imutável, sobre o qual toda especulação é impossível, porque transcende o poder da concepção humana e porque toda a expressão ou comparação da mente humana não poderia senão diminuí-lo... (Blavatsky, 2008, v. 1, p. 81).

A partir disso, Blavatsky segue aduzindo que este Algo Inimaginável, de tempos em tempos, expressa-se naquilo que passa a ser passível de cognição, vindo de Si a produzir universos, que nada mais são do que uma diminuta sombra no tempo de sua Glória Inefável, veste perceptível no espaço do Absoluto Incondicionado, alimentada por sua puraasiedade. Confira-se, *ex vi* da segunda proposição fundamental da Doutrina Secreta:

II) A Eternidade do Universo *in toto*, como plano sem limites; periodicamente “cenário de Universos inumeráveis, manifestando-se e desaparecendo constantemente”... a universalidade absoluta da lei de periodicidade, de fluxo e refluxo, de crescimento e decadência, que a ciência física tem observado e registrado em todos os departamentos da Natureza... (Blavatsky, 2008, v.1, p. 84).

Vindo, subsequentemente, a apresentar a terceira proposição fundamental da Doutrina Secreta, no sentido de que a Realidade Una Insubstancial, de uma atemporal imanifestação se faz perceptível e fragmentada em tudo o que é componente do mundo manifestado e consciente, guardando-se, porém, uma identidade fundamental de cada parte que compõe o todo, sob a ilusória ciência da existência apartada, com aquilo incompreensível de onde provém e para o qual retorna, elevando-se da multidão, na qual grassa a ignorância acerca de Si, até o Mistério Maior da Unidade que tudo abarca, em perene onisciência. Ei-la, pois:

III) a identidade fundamental de todas as Almas, com a Alma Suprema Universal e a peregrinação obrigatória para todas as Almas, centelhas daquela Alma Suprema, através do Ciclo de Encarnação, ou de Necessidade... (Blavatsky, 2008, v. 1, p. 84).

De modo a buscar aclarar uma possível percepção acerca do movimento eterno no espaço incondicionado, fomentando o Todo, de um Nada Incompreensível, que permanece desde antes do tempo e *ad eternum*, Blavatsky escande resumo, associando dinâmica acerca do Absoluto (Vazio Incognoscível) com o Logos (Universo, desde o germen imagético – Imago Dei – que prenuncia o porvir, até sua plena manifestação trina e subsequente retorno dissolutivo no Silêncio que o faz Uno com Aquilo que Nada É), da seguinte maneira:

1. O ABSOLUTO: O Parabrahman dos Vedantinos ou a Realidade Una, Sat, que é, como disse Hegel, ao mesmo tempo Absoluto Ser e Não-Ser.
2. O *Primeiro Logos*: o impessoal e, em filosofia, não manifestado; o Logos precursor do Manifestado. É a “Causa Primeira”, o “Inconsciente” dos panteístas europeus.
3. O *Segundo Logos*: Espírito-Matéria, Vida; o “Espírito do Universo”, Purusha e Prakriti.
4. O *Terceiro Logos*: A Ideação Cósmica; Mahat ou Inteligência, a Alma Universal do Mundo; o Númeno Cósmico da Matéria, a base das Operações inteligentes da Natureza; também chamado Mahâ-Buddhi. A REALIDADE UMA; seus aspectos duais no Universo condicionado. (Blavatsky, 2008, v.1, p. 83 - 84).

A busca compreensiva do que possa ser essa Realidade Transcendente, imanifestada, que possibilita a manifestação de tudo que expressa o que está além da expressão, bem como a tentativa perceptiva da unificação onibarcante do Cosmos multiforme, na consecução consciente da Unidade da Vida, com retorno à fonte donde promana, são propósitos pelos quais a Sociedade Teosófica surge, estimulando um estudo comparativo das diversas tradições religiosas, do Ocidente e do Oriente, dos sistemas de pensamento filosófico de cá e de lá no orbe geotemporal da Terra, à guisa de suas sucessivas civilizações, permeados e justificados pelo alcance das descobertas e proclamações da ciência.

2.1 O Dever como Expressão Essencial da Teosofia Prática

Inobstante o faça, como se diz, estimulando uma busca da Verdade, através de uma metodologia de estudo comparativo, buscando acessar o que possa ser a Teosofia, em sua perspectiva última e inominável, a partir do passível de conhecimento, Blavatsky ressalta, *inOcultismo Prático*:

...Não leias em demasia. Se leres por dez minutos, reflete por tantas outras horas. Habitua-te à solidão e a permanecer só com os teus pensamentos. (Blavatsky, 2011, p. 21).

Isso porque, a efetiva compreensão do que possa ser a Teosofia, ou, em outras palavras, o que aqui se busca expressar como a Verdade Última, não se alcança apenas com exercício intelectual, através de estudo racional, dicotomizado entre o cognoscente e o cognoscível, mas está à mercê de sugerida fusão, gerada a partir de um amálgama que imiscui o estudante no objeto de seu estudo, o buscador na fonte de sua busca, o ser no Ser, todas e cada uma das almas na Alma Cósmica Universal, estando o possível (e fusível) encontro, demarcado através de uma reflexão meditativa, atividade na qual o estudante-buscador-meditador despe-se de suas certezas, desfaz-se de suas idiossincrasias, libera-se de suas convicções e do conhecimento apriorístico, para apenas contemplar.

Tal constatação transborda das assertivas colhidas em meio à coletânea conhecida como *Cartas dos Mahatmas para A. P. Sinnett*⁵⁰, transcritas e compiladas por A. T. Barker, em meio ao que se encontra a seguinte afirmação:

...Ideias novas têm de ser plantadas em lugares limpos, porque estas ideias abordam os assuntos mais importantes. O que nós estudamos não são fenômenos físicos, mas essas ideias universais, e para compreender os primeiros é preciso antes entender as últimas...” (Barker, 2001, v. 1, p. 87).

O que se pode perfazer da seguinte maneira:

Em uma pequena medida esta percepção pode ser adquirida pelos europeus através do estudo e da meditação...” (Barker, v. 1, 2001, p. 97).

Nesta toada, pode-se perceber que os propósitos associados às atividades difundidas pela Sociedade Teosófica, mesmo quando alentam à busca da verdade, através do estudo comparativo de Ciência, Religião e Filosofia, ou incentivando a compreensão acerca das leis ocultas na Natureza e o potencial todo do Ser Humano, não se limitam ao estudo e à investigação *per se*, mas, antes, os adotam como método para possível alcance da Sabedoria Divina, a qual, quiçá, possa ser tocada, experimentada, vivida, por meio da consecução de uma Teosofia Prática, alinhada sob o prumo declarado da Fraternidade Universal.

Ao se referir à Teosofia, Blavatsky afirma, *in Ocultismo Prático*:

⁵⁰Entre 1870 e 1900 foram produzidas, por meio de precipitação – técnica desconhecida, até o presente, pela Ciência – uma série de comunicações escritas, por meio de cartas emanadas de misteriosos Seres, a quem Blavatsky atribui terem sido os reais e internos fundadores da Sociedade Teosófica. Parte substancial deste conjunto encontra-se catalogada e arquivada na British Library, em Londres. Em língua portuguesa, o conjunto encontra-se formado pela obra intitulada *Cartas dos Mahatmas Para A. P. Sinnett*, em dois volumes, e pela obra *Cartas dos Mestres de Sabedoria*, transcritas e compiladas por C. Jinarajadasa.

O verdadeiro *Ocultismo* ou *Teosofia* é a “Grande Renúncia ao eu”, incondicional e absolutamente, tanto em pensamento como em ação. É ALTRUIÍSMO. (Blavatsky, 2011, p. 174 - 175).

Vai-se, pois, além, para aduzir que o propósito maior pelo qual surge a Sociedade Teosófica é o de auxiliar a humanidade a perceber sua natureza divina e realizá-la, por meio do alcance iluminativo das luzes da Teosofia, a ser irradiada a todos que compõem a família humana, segundo a percepção alcançada por aqueles que se a buscam e a partilham, a partir de suas experiências empíricas-sociais. Confira-se, com efeito:

...você só percebeu a luz de um novo dia. Se fizer um esforço, poderá ver... o sol do pleno meio-dia quando ele atingir o seu meridiano. Mas você tem que trabalhar para isso, e trabalhar para que essa luz chegue a outras mentes por intermédio da sua. (Barker, 2001, v. 1, p. 194.).

Já em *A Chave para Teosofia*, Blavatsky assevera que a Sociedade Teosófica é internacional em seu mais enlevado sentido, congregando, de modo indistinto, todos os homens e mulheres que a ela acorrem, sem qualquer discriminação, unidos em um ideal de trabalhar:

...juntos por um objetivo, o progresso da humanidade... (Blavatsky, 2004, p. 203).

Porquanto:

é a “Humanidade” que é a grande Órfã, a única deserdada desta Terra, meu amigo. E cada homem capaz de um impulso altruísta tem o dever de fazer alguma coisa, mesmo que pouco, pelo bem-estar dela. Pobre humanidade! (Barker, 2001, v. 1, p. 101).

Percebe-se, portanto, que a Sociedade Teosófica atua de modo a fazer um chamado à ação, em face das pessoas que a ela chegam, demonstrando que há algo a ser cumprido, um dever a ser realizado, por cada um dos que compõem a Fraternidade Universal.

Neste sentido vê-se, mais uma vez, em *A Chave para Teosofia*, contundente afirmação apresentada por Blavatsky, acerca da conotação prática da Teosofia: “A Teosofia é a quintessência do *dever*”. (Blavatsky, 2004, p. 201).

Prenunciada a ideia de dever, que toca e afeta cada uma das pessoas que compreende a grande família humana, ilustrando a praticidade da teosofia, a ser executada, dia-a-dia, de modo altruísta, vem à mente indagação quanto ao que pode ser tomado como o dever *in concreto*, para o estudante-buscador da Sabedoria Divina, justamente para consecução objetiva da Teosofia Prática.

Longe de estabelecer metas que transcendem a materialidade perceptível da *praxis* cotidiana, os escritos teosóficos ressaltam que o cumprimento do dever passa pela percepção

clara daquilo que cabe a cada um em cada momento, segundo as circunstâncias externas vivenciais, mas não se encerra na percepção em plano de pensamento, ensejando, como conseqüência, sua realização efetiva.

Daí a se ler, em *A Chave para Teosofia*, a seguinte asserção:

O primeiro dos deveres teosóficos é cumprir com os deveres, para com *todos* os homens, e especialmente para com aqueles a quem devemos responsabilidades específicas, seja porque voluntariamente as assumimos, tais como ligações conjugais, ou porque o destino nos ligou a elas; refiro-me àquelas que devemos aos nossos pais ou parentes. (Blavatsky, 2004, p. 209-210).

O que se robustece com outro trecho das *Cartas dos Mahatmas*, assim transcrito:

“...Parece pouco a você que o ano anterior tenha sido empregado apenas em seus “deveres familiares”? Não; que melhor causa para recompensa, que melhor disciplina que o cumprimento do dever a cada hora e a cada dia? Creia-me, meu “aluno”, o homem ou a mulher que é colocado pelo Carma no meio de deveres, sacrifícios e amabilidades pequenos e definidos irá, através do fiel cumprimento deles, erguer-se à dimensão maior do Dever, do Sacrifício e da Caridade para com toda a humanidade. Que melhor caminho, para a iluminação buscada por você, que a vitória diária sobre o Eu, a perseverança apesar da ausência de progresso psíquico visível, o suportar da má-sorte com aquela serena resistência que a transforma em vantagem espiritual – já que o bem e o mal não podem ser medidos por acontecimentos do plano inferior ou físico?...” (Baker, 2001, v. 2, p. 269 – 270).

Isso porque a observância escorreita do cumprimento do dever para com os outros, leva aquele que o realiza a um certo esquecimento ou desocupação com suas inclinações ou buscas pessoais, passando a dedicar sua existência para a realização daquilo que percebe seja-lhe cabível, em benefício de todos os seres, aspecto a ensejar a superação da ilusão acerca do que seja e alcançar efetivamente o que se é.

Afirma Blavatsky, acerca disso, o seguinte, em *A Chave para Teosofia*:

Controlar e conquistar o *eu inferior através do Eu Superior*. Purificar-se interiormente e *moralmente*; não temer a ninguém e a nada, a não ser o tribunal de sua própria consciência...É dever do teósofo aliviar seu peso lembrando-se do sábio aforismo de Epictetus que diz: “*Não te desvies de teu dever por qualquer reflexão leviana que o tolo mundo possa vir a fazer de ti, pois suas censuras não estão sob teu controle, e conseqüentemente não deveriam fazer parte de tuas preocupações*”. (Blavatsky, 2004, p. 210).

O que, mais uma vez, ressalta-se, é edificado diuturnamente, na fluência da vida cotidiana, conquanto a motivação existencial esteja centrada no cumprimento do dever que ela traz. Daí a se ter o seguinte extrato das *Cartas dos Mahatmas*:

É verdade que o homem casado não pode ser um adepto, no entanto, sem esforçar-se para ser um “Raja iogue”, ele pode adquirir certos poderes e fazer o mesmo bem pela humanidade e, frequentemente mais, pelo fato de permanecer dentro dos limites do seu mundo. (Barker, 2001, v. 1, p. 60).

A partir das linhas e trechos aqui apresentados, faz-se possível perceber o espírito do que Blavatsky afirma ser uma Teosofia Prática, aquilo que permite perceber e realizar a Sabedoria Divina, no cumprimento essencial do dever cabível a cada ser humano, componente inextricável do Todo Maior em que inserido, verdadeiro fio de Ariadne⁵¹, que o leva da obscuridade ilusória acerca do que seja e onde se encontra, até o luminescente espaço sem espacialidade da Realidade que o faz Uno com a essência invisível e insubstancial que lhe dá a vida e onde tem (sem apego) o Ser que É.

2.2 As Bases Fundantes da Teosofia Prática

Ao vislumbre perceptivo em face de que consiste a Teosofia Prática (cuja plena constatação escapa de um bosquejo, ou mesmo de um aprofundamento de estudo acerca do tema, mas concita e exige sua vivência efetiva), cumpre-nos, doravante, apresentar suas respectivas bases fundantes, as quais, como antes destacado, foram enunciadas por Blavatsky, em *A Chave da Teosofia*, da seguinte maneira, *in verbis*:

P: Como, então, os princípios teosóficos deveriam ser aplicados de forma que a cooperação social possa ser promovida, e esforços verdadeiros para o melhoramento social possam ser levados adiante?

T: Permita-me lembrá-lo quais são estes princípios: unidade e causação universais; solidariedade humana; a lei do *karma*; a reencarnação. Esses são os quatro elos da corrente de ouro que deveria unir a humanidade em uma só família, uma Fraternidade Universal. (Blavatsky, 2004, p. 204).

Acerca disso, podemos discorrer, desde logo, quanto ao denominado primeiro *elo da corrente de ouro*, fundado nas premissas basilares de unidade e causação universais, ressaltando o primado da Unidade da Vida, mesmo em meio à multiplicidade das formas que forjam a expressão passageira da realidade, ao longo do tempo, em um espaço cósmico.

Pois bem, é a própria Blavatsky que descreve a Unidade da Vida como sendo a primeira lição do Ocultismo, em *Fundamentos da Filosofia Esotérica*, ressaltando o seguinte:

A unidade radical da essência última de cada parte dos elementos compostos da Natureza, desde a estrela ao átomo mineral, desde o mais elevado *DhyânChohanao*

⁵¹ Na mitologia grega, Ariadne oferta a Teseu um novelo de lã que, desvelado a cada passo, se lhe permitiu realizar o caminho de retorno, que o liberou do labirinto, à salvo do Minotauro

mais humilde dos infusórios, na completa acepção da palavra, quer se aplique ao mundo espiritual, intelectual ou físico – esta é a lei fundamental da Ciência Oculta. (Blavatsky, 1993).

Em suas asserções acerca da Unidade da Vida, Blavatsky destaca que tal unidade não se faz com pura junção aditiva de componentes diversos, mas sim se constitui em um Ser, uma existência, ainda que formada por muitas partes constitutivas, átomos e seres humanos, cada qual a própria expressão do Grande e Único Ser. Aduz Blavatsky que, fundamentalmente, há um Ser, composto por dois aspectos, um Espiritual e um Material, conquanto, para além de dualidades, a matéria seja o veículo de expressão do espírito, e o espírito seja a própria matéria, em si densificada; conquantoeste, por sua vez, o espírito, seja o algo que significa e anima a matéria, ou a própria matéria, sutilizada.

Sob tais ilações, tem-se aquilo atinente às proposições fundamentais da Doutrina Secreta, no sentido de que a expressão no tempo-espaco da Realidade Insubstancial e subjacente faz-se múltipla, sem nunca ter deixado sua unidade essencial, a partir de uma causação universal que, na Eternidade, desde o sem tempo, vem possibilitar novas e novas expressões, *ad infinitum*, por meio de universos, filhos daqueles que o precederam.

Similarmente, em perspectiva microcós mica, a exemplo do que seja e ocorra em âmbito cosmogônico, tem-se o ensejo do humano, ou antropogênese, em face de que se aduz haver um enlace inexorável, forjado a partir dos desejos pessoais que aprisionam, gerando necessidade de permanência para fruição de seus rebentos consecutórios, sejam eles doces ou amargos, proclamado sob a máxima de que somos escravos de nossos desejos e filhos da necessidade.

Referida inferição toca, a um tempo, os três outros princípios fundantes de uma Teosofia Prática, como apresentados por Blavatsky, seja sob o pálio da solidariedade humana (que concita compaixão a todos que sofrem, sabendo ou não), seja sob a análise do *karma* (que suscita o efeito indelével de retorno a todo movimento impulsionado sob o mote de interesse pessoal, reequilibrando e restabelecendo a harmonia universal), seja mesmo sob o crivo de uma reencarnação, que possibilita o retorno fruento, de tudo que se desejou e continua a se desejar particularmente, até a edificação da estatura plena e irretorquível da perfeição humana, na qual não mais se deseja para si, mas apenas se cumpre, com liberdade, o que se lhe cabe fazer.

Confirmam-se, a propósito, as afirmações de Blavatsky, acerca destes princípios fundantes da Teosofia Prática, em *A Chave para Teosofia*:

É a própria lei do *karma* que dá força a tudo o que eu tenho dito. O indivíduo não pode separar-se da raça do indivíduo. A lei do *karma* se aplica igualmente a todos, embora nem todos estejam igualmente desenvolvidos. Ao ajudar o desenvolvimento dos outros, o teósofo acredita que está não apenas os ajudando a cumprir com seu *karma*, mas também, no sentido mais estrito, cumprindo o seu próprio. O que ele tem sempre em vista é o desenvolvimento da humanidade, da qual tanto um quanto os outros são partes integrantes, e ele sabe que qualquer fracasso de sua parte em responder ao que é superior dentro de si retarda não somente a si mesmo, mas a todos, em sua marcha progressiva. (Blavatsky, 2004, p. 206).

E mais, agora especificamente quanto à reencarnação:

Se nossas vidas presentes dependem do desenvolvimento de certos princípios, que são um crescimento a partir dos germes deixados por uma existência anterior, então a lei é válida com relação ao futuro. Uma vez compreendida a ideia de que a causação universal não é meramente presente, mas também passado, presente e futura, cada ação em nosso presente plano cai natural e facilmente em seu verdadeiro lugar, e é vista em sua verdadeira relação com nós mesmos e com os outros. Toda ação mesquinha e egoísta nos lança para trás, e não para a frente, enquanto todo pensamento nobre e todo ato altruísta são degraus para os superiores e mais gloriosos planos de ser. Se essa vida fosse tudo, então, em muitos aspectos, seria de fato pobre e mesquinha; mas vista como uma preparação para a próxima esfera de existência, pode ser usada como o portal de ouro através do qual podemos passar, não egoisticamente e sozinhos, mas na companhia de nossos companheiros, para os palácios que se situam além. (Blavatsky, 2004, p. 206 - 207).

Aludidas afirmações demonstram que a Teosofia Prática, passível de ser realizada por meio do cumprimento cotidiano do dever associado à experiência temporal diária do estudante-buscador, faz-se sob premissas de que, como partícipe da Unidade da Vida, há coisas e demandas que aguardam realização e resposta, sendo-lhe dado realizar e responder a partir de uma percepção de que seus atos e respostas eclodem auxiliando ou prejudicando o desenvolvimento de todos os seres, ligados que estão em uma teia de causa e efeito não tão claramente perceptível, mas convergente no sentido de moldar subsequentes oportunidades, que se renovam até o alcance de plena realização de sua natureza.

2.3 A Realização da Teosofia Prática

Expostas as bases fundantes da Teosofia Prática, e, sendo esta expressada no que se tem como o cumprimento do dever, sói concluir que a questão atinente a sua realização estaria em si respondida, o que, contudo não se revela correto, de modo apriorístico, porquanto dependa e esteja à mercê dos motivos que determinam seu cumprimento.

Neste sentir, tem-se que a suposta descoberta do método que leve à libertação da consciência, que desagrilhoie o ser do tempo, içando-o à eternidade, levando-o da morte à

imortalidade, das trevas da ignorância, à luz da sabedoria, garantiria o resultado de modo inequívoco, desde que cumprido de modo diligente e esmerado.

Sucedo, no entanto, que o mero cumprimento do dever, ainda que da melhor forma possível, observando-se, diligentemente, *pari passu*, o que se lhe cabe, não enseja, em si, o que se possa denominar como o que aqui se apresenta sendo a Teosofia Prática, e, por corolário, não implica em resultado.

Aliás, a própria expectativa de resultado é em si elemento mordaz a macular e impedir a pristina efetivação do que possa ser Teosofia Prática, na medida em que essa eclode de modo espontâneo e natural, encerrando-se no próprio cumprimento do dever, a cada momento, em cada instante.

Veja-se, a propósito, excerto das *Cartas dos Mahatmas*, tratando dessa questão da motivação:

as mais elevadas aspirações pelo bem-estar da humanidade ficam manchadas pelo egoísmo se na mente do filantropo ainda houver uma sombra de desejo de autobenefício ou uma tendência para fazer injustiça, mesmo quando ele é inconsciente disso. (Barker, 2001, v. 1, p.44).

Também Blavatsky toca na questão, em *A Chave para Teosofia*, afirmando, de modo peremptório, que o cumprimento obrigatório do dever não decorre do atingimento de expectativas ou metas pessoais, que tingem sua realização, assim:

Em primeiro lugar, porque para com todos os homens, e por último para com nós mesmos, não é o atingimento da felicidade pessoal, mas sim da felicidade dos outros; o cumprimento do que é correto porque é correto e não pelo fato que nos pode trazer. A felicidade, ou antes o contentamento, pode de fato seguir-se ao desempenho do dever, mas não é e não deve ser o motivo para ele. (Blavatsky, 2004, p. 200).

Importa acrescer que a expectativa de resultado, a ânsia de atingimento de meta, seja ela vislumbrável em perspectiva sensível, ou quiçá em arremedo de desejo de libertação pessoal, com acesso ao Paraíso Deífico, encerra mesmo mote atinente à raiz enclausurada do sofrimento, matizado pelo temor, ainda que reverencial, à ideia de um deus externo, que pune aqueles que descumprem seus preceitos e recompensa os que se dedicam a cumprir o que se lhes disserem deveria ser feito.

A fim de libertar a humanidade dos grilhões da ignorância, exsurge o primado da Teosofia, pois, segundo textos extraídos das *Cartas dos Mahatmas*:

Nossa principal meta é libertar a humanidade deste pesadelo, ensinar o homem a virtude pelo bem da virtude, e ensiná-lo a caminhar pela vida confiando em si

mesmo, ao invés de depender de uma muleta teológica que por eras incontáveis foi a causa direta de quase toda a miséria humana. (Barker, 2001, v. 1, p. 55).

Assim estabelecido, assentando no cumprimento do dever pelo que é em si, tem-se possivelmente a realização da Prática Teosófica, engendrada no que se entende como puro altruísmo, cuja consecução implica na participação ativa e consciente na Unidade da Vida, por meio de espontâneo agir, sem querer pessoal.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente artigo vieram a ser apresentados conceitos atinentes aos propósitos basilares da Sociedade Teosófica, escandidos no sentido de promulgar e difundir a Teosofia, seja estimulando um encontro com a verdade, por meio de estudo comparativo de Ciência, Religião e Filosofia, seja concitando a formação de um núcleo da Fraternidade Universal, como preceito para edificação do se chama Teosofia Prática.

Estabelecida a prática teosófica, consistente que é no cumprimento do dever que cabe a qual que participa da Unidade da Vida, como membro constitutivo da humanidade, viu-se que suas bases fundantes exsurgem em quatro princípios teosóficos, que soam como unidade e causação universais, solidariedade humana, lei do *karma* e reencarnação, a justificar a consecução da Teosofia Prática.

Sob tais perspectivas, foram respondidas questões tais ao que consiste a Teosofia Prática e quais suas bases fundantes, complementando-se o texto sob linha de raciocínio a perscrutar como se faz possível a realização de uma prática deste jaez, cujo resultado, acaso alcançado, liberta quem o realiza dos grilhões do medo, alocando-o em uma tópica não local, em uma não espacialidade, sob o primado da expressão da natureza divina, liberada de modo espontâneo, a partir da percepção e expressão da Vida Una.

À vista deste questionamento último, souu perceptivo que a realização do dever, como mote instrumental de libertação da consciência, não se alcança, de modo primário, com adoção de determinado método, ainda que observado de modo absolutamente escorreito, mas sim, estando, antes, à mercê da motivação impessoal que incline o realizador a sua consecução, sob inefável prumo de um real altruísmo.

A edificação que forja a libertação sob a senda da Teosofia Prática implica, destarte, em uma espécie de querer sem querer pessoal, ou naquilo que se costuma definir como reta ação, cujo ato se encerra no exato momento de seu cumprimento, com uma prática da virtude por amor à virtude e não como meio que garanta resultado almejado, seja ele qual for.

A síntese disso pode ser expressada, como fecho deste, por meio do seguinte trecho das *Cartas dos Mahatmas*:

Aquele que busca SABER não deve ser indulgente com as paixões e afetos, porque eles “desgastam o corpo terrestre com o seu próprio poder secreto, e aquele que deseja alcançar o seu propósito – *deve ser frio*”. Não deve nem mesmo desejar demasiado intensamente ou demasiado apaixonadamente o objetivo que aspira alcançar: do alcançar, o próprio desejo impedirá a possibilidade da sua realização, e na melhor das hipóteses – o retardará e o pressionará para trás. (Barker, 2011, v. 1, p. 224 - 225).

Sob o primado da Teosofia, o humano tende a encontrar sua natureza divina, percebendo-a pulsar em tudo que vive, ecoando em tudo que é. Descobrimo-nos uno com a vida, o estudante-buscador passa a ser pura e livre expressão da vida.

Referências bibliográficas

- BLAVATSKY, Helena Petrovna. *A Chave para a Teosofia*. Brasília: Teosófica, 2004.
- _____. *A Doutrina Secreta*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- _____. *Fundamentos da Filosofia Esotérica*. Brasília: Teosófica, 1993.
- _____. *Ocultismo Prático*. Brasília: Teosófica, 2001.
- BARKER, A. T., comp. *Cartas dos Mahatmas Para A. P. Sinnett*. Brasília: Teosófica, 2001.
- JINARAJADA, C., comp. *Cartas dos Mestres de Sabedoria*. Brasília: Teosófica, 1996.
- CRANSTON, Sylvia. *Helena Blavatsky. A Vida e a Influência Extraordinária da Fundadora do Movimento Teosófico Moderno*. Brasília: Teosófica, 1997.
- LINDEMANN, Ricardo; OLIVEIRA, Pedro. *A Tradição-Sabedoria*. Brasília: Teosófica, 2006.

Real aceitação: meditação real

Real Acceptance: Real Meditation

Luciane Mendes da Silva⁵²
Marialuciadutra46@gmail.com

Resumo: Este trabalho enfoca a utilização do Upanixade Chandogya, como uma ferramenta para trazer um estado de realidade à mente concreta, cuja natureza é um continuum mental. O objetivo deste artigo foi analisar a finalidade real da meditação por meio do Yoga. Logo, esse caminho trilhado pelo estudante de yoga rumo ao desconhecido (na esfera mental), serve de farol em meio à névoa criada pela ignorância que distancia o ser humano da Real percepção. Para Mehta (2003, p.208), “Uma mente que se move em torno de suas próprias conclusões ou ideias está presa”. Compreender um pouco da natureza humana pode ajudar a deixar de lado as imagens e entender mais o Absoluto. Para Burnier(2015) a percepção pode ser tanto consciente quanto instintiva, nesse sentido deve-se perceber a vida. Possa esse artigo trazer uma visão mais clara do Real.

Palavras-chave: Meditação. Processos mentais. Aceitação.

Abstract: This work focuses on the use of the Chandogya Upanishad as a tool to bring a state of reality to the concrete mind, whose nature is a mental continuum. The purpose of this article was to analyze the real purpose of meditation through Yoga. Therefore, this path traversed by the yoga student towards the unknown (in the mental sphere) serves as a beacon in the mist created by the ignorance that distances the human being from Real perception. For Mehta (2003, p.208), "A mind that moves around its own conclusions or ideations is trapped." Understanding a little of human nature can help to put aside the images and understand the Absolute more. For Burnier perception can be both conscious and instinctive, in this sense one must realize life (Burnier, 2015) May this article bring a clearer view of the Real.

Keywords: Meditation. Mental processes. Acceptance.

Introdução

Utilizando o Upanixade Chandogya esse ensinamento milenar e universal pretende-se trazer um estudo a respeito da imagem visual e seus efeitos na mente, distanciando o sujeito da verdadeira compreensão do Real.

Através de meditação se chega à clareza, pois somente com a meditação os véus (idealizações e projeções mentais) que encobrem a “Verdadeira” percepção da realidade podem vir à tona.

Pela atual pesquisa busca-se analisar a meditação em uma esfera Budica, cujo processo não se faz tão complicada quando o estudante que trilha a senda do yoga rumo ao Real, alimentando a curiosidade da mente com objetos de reflexão convincentes o suficiente,

⁵²Professora de Yoga na Loja Teosófica Campo Grande em MS, formada pela Universidade Livre para a Consciência – UNICONSPORTAL.

será capaz de explorar a mente a tal ponto onde o que resta seja a cessação dos processos mentais aonde se chega ao vislumbre do Real, que se faz revelado aos que buscam por um estado de paz mental para a Real percepção da vida.

O Real é paz procurem pela paz e então chegue ao Real.

O Upanixade Chandogya faz parte das escrituras sagradas ao estudá-lo o interessado na senda do yoga pode se deparar com ensinamentos valiosos a questões que podem surgir no decorrer da senda, esse caminho maravilhoso trilhado pelo estudante de yoga rumo ao desconhecido (na esfera mental), e servir de farol em meio a nevoa criada pela ignorância que distancia o ser humano da Real percepção.

Para Mehta (2003, p.208), “Uma mente que se move em torno de suas próprias conclusões ou ideias está presa”. Compreender um pouco da natureza humana pode ajudar a deixar de lado as imagens e compreender um pouco mais do Absoluto.

Que esse estudo possa trazer uma visão mais clara do Real.

Om...

Objetivo geral:

- Investigar a aceitação do Real através da meditação.

Objetivos Específicos:

- Explicar qual a finalidade real do yoga (meditação) e seus benefícios para vida.
- Exibir um estudo sobre a reprogramação mental e física para a felicidade.

Justificativa

Considerando que se vive numa sociedade permeada pelos desequilíbrios a meditação se encontra cada vez mais em alta, por transformar o modo como lidamos com nossas experiências cotidianas, exercendo uma forte organização nos fluxos de pensamento, e levando-se em conta que a filosofia do Upanixade Chandogya oferece ferramentas para o individuo voltar-se para dentro, discernindo entre o real e o irreal, acredita-se que o presente trabalho pode contribuir para uma melhor qualidade de vida daqueles que buscarem a meditação, focando o real e o irreal, o que justifica o presente trabalho.

Metodologia

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com a qual se pôde compilar os ensinamentos dos Upanixades, comparando a física quântica e a neurociência. Com base nos teóricos mencionados neste artigo.

A princípio foi realizado uma leitura exploratória do material selecionado e em seguida realizou-se uma análise no sentido de classificar as informações mais relevantes extraídas de fontes tais como; livros e artigos científicos.

Assim, esse trabalho se compõe da descrição teórica e analítica do assunto de forma a ressaltar que os métodos práticos utilizados em aulas de Yoga, no que se refere à meditação não se encontram aqui explorados.

Entretanto, considera-se a importância dos meios de meditação de acordo com cada sistema filosófico.

Referencial Teórico

Em diferentes épocas grandes mestres iogues deixaram suas ideias ao mundo, seus ensinamentos em muito contribuem para a percepção da senda ou caminho certo a seguir. Não é necessário ser um mestre aos olhos do mundo para que você seja seu próprio mestre rumo ao Real, qualquer indivíduo que realmente aspira compreender a sua Real natureza é capaz. Seguir as pistas deixadas por quem já esteve ou se encontra na outra margem da percepção só depende da sua intenção verdadeira. Segundo Yin TzuShu, (2003, p.1) "O principal é a intenção. Quando a intenção é boa, o resultado é bom".

Dia após dia que se guie na senda do yoga, mantendo uma constância de meditação diária traz paz e harmonia ao simples fato da observância. Compreender o Real é uma ferramenta de suma importância, pois sem amor não há compreensão. O único objetivo é ser você mesmo, perceber o reflexo que causa a seu redor e todos os mecanismos que agem para sua existência.

Quem sou Eu? A resposta quando procurada em qualquer casa espiritual onde se pratica realmente a verdade sempre é a mesma: MEDITAR. Só através da meditação se chega à Real percepção. Mesmo que você não medite como os mestres zen tibetanos, o que demanda prática e auto perfeição, o simples fato de acalmar a mente traz enormes benefícios à saúde como provaram os cientistas.

A prática da meditação ativa o sistema nervoso parassimpático de diversas formas tira a atenção de assuntos estressantes e trás um estado de consciência ao corpo. Ao estimular o Sistema Nervoso Parassimpático e outras partes do sistema nervoso, a meditação regular: Aumenta a massa cinzenta na insula (HOLZEL et al 2008; LAZAR et al 2005), no hipocampo (HOLZEL et al 2008; LUDER et al 2009) e no córtex pré-frontal (LAZAR et al. 2005; LUDER et al 2009), reduz o desgaste cortical resultante do envelhecimento nas regiões pré-frontais fortalecidas pela meditação (LAZAR et al 2008) e melhora as funções psicológicas associadas com essas regiões, incluindo atenção (CARTER et al 2005; TANG et al 2007), compaixão (LUTZ,

BREFCYNSKI-LEWIS et al 2008) e empatia (LAZAR et al 2005); Reforça a ativação de regiões frontais do lado esquerdo, o que melhora o humor (DAVIDSONS, 2004); Aumenta o poder e a amplitude de ondas cerebrais gama em meditadores tibetanos experientes (LUTZ et al 2004); as ondas cerebrais são ondas elétricas fracas, mas mensuráveis, produzida por grandes quantidades de neurônios que disparam ritmicamente em conjunto; Diminui o cortisol, que está relacionado com o estresse (TANG et al 2007); Fortalece o sistema imunológico (DAVIDSON et al 2003; Tang et al 2007); Ajuda a melhorar diversos problemas clínicos, como doenças cardiovasculares, asma, diabetes tipo 2, tensão pré-menstrual (tpm) e dores crônicas (WALSH E SHAPIRO, 2006); Auxilia em muitos problemas psicológicos, como insônia, ansiedade, fobias e distúrbios alimentares. (WASH E SHAPIRO, 2006). (Hanson; Mendius, 2013, p.101).

Para sobreviver os ancestrais da humanidade tiveram que lutar pela subsistência da espécie, que desde então vem evoluindo cada vez mais rápido, e como consequência há essa necessidade de estar alerta no DNA de cada ser vivo. Hoje, a selva é a social, dá-se importância à reputação, busca-se respeito e aceitação de certos grupos sociais, e desprezam-se os outros. Vivemos cada vez mais presos a dogmas capitalistas, onde o dinheiro se sobrepõe em busca da felicidade, onde ter e ser se entrelaçam e o consumismo até de espiritualidade está vinculado ao valor agregado.

O ser humano está continuamente subjugando-se e julgando os demais o tempo todo, afim de alcançar um lugar de destaque no grupo. Cada atitude influencia inclusive a maneira como certo grupo deve pensar sobre determinada pessoa ou situação, e boatos ditam uma manipulação de indivíduos cada vez mais afoitos por aceitação. Buscando comportar-se de modo que julga ser aceito socialmente e procurando agir a partir de articulações mentais feitas de um ponto de vista individual e limitada pelo ego.

As pessoas nessa sociedade atual assumem máscaras sociais para interagir umas com as outras, criando assim, um senso de separação cada vez maior, agindo sempre em prol do que é permissivo pelo grupo social onde se quer conviver, confundir-se com essas máscaras sociais, como sendo um eu existente é o que faz o ser se sentir afastado da Real percepção.

A humanidade se constitui de seres unidos pela mesma centelha Divina. Portanto, quanto antes tomar consciência desse fato, melhor, e para tanto, precisa meditar. Meditaré para já, para o aqui e agora. O tempo gasto se preparando para meditar não passa de mais uma artimanha mental. Se de uma hora para outra você resolve que vive em um inferno mental, e apenas se senta, fecha os olhos e medita do seu jeito, isso é suficiente. Não há nada de errado nisso, é preciso a auto-observação na procura de encontrar seu Eu real e, portanto, perseverar por uma mente mais tranquila é o primeiro passo rumo ao Real. O estado de meditação deveria ser algo muito simples, se deixado de lado todo processo fantasioso criado pela mente.

Segundo TrichNhatHanh, (Twan, 2003, p.26)“Não é necessário correr, brigar, carregar fardos, nem disputar coisas. Podemos apenas existir. Estar aqui e agora no presente momento, já é uma forma de profunda meditação”.

O cuidado dado à mente para se livrar de falatório mental indevido também deve ser estendido a outras mentes que inevitavelmente tendem a impor seu ponto de vista, muitas vezes mais limitado que o seu. O seu ponto de vista em relação ao mundo é único, só você vivenciou seus acontecimentos, a necessidade da mente em ter razão pode levar o mais elevado ser à decadência espiritual pelo simples fato de impor ou expressar de maneira egoísta suas ideias ou suposições a respeito dos demais. A comparação que em geral se manifesta por estarmos constantemente em busca de um lugar nessa sociedade, compõe um dos conflitos que devemos eliminar na senda da Realidade, para Krishnamurti o pensar comparativo deve cessar; toda idéia de esforço – que envolve competição, ambição, adoração do êxito, lutar por tornar-se alguém – deve findar. Essa competição gerada pelo movimento de pensamentos próprios afasta a criação de uma nova mente, é essencial que a mente superficial seja eliminada para que a atenção plena possa se estabelecer.

A percepção é tanto uma perspectiva consciente, quanto um movimento instintivo. A liberdade é inerente à vida (...). Se a liberdade de movimento, crescimento, de transformação fosse suprimida, não haveria vida, apenas morte, a liberdade existe como parte da vida (Burnier, 2015, p.14)

Estar presente desperta equanimidade, que nada mais é do que um estado de equilíbrio mental. Quando se aquieta também o pensamento verbal, aquela tagarelice da mente que insiste em ter razão e dá a sensação de estar no controle, da qual se precisa desvencilhar. Converse com o ego, ordene que ele se cale, pedir gentilmente também funciona dependendo da sua personalidade. O simples fato de parar e voltar-se para dentro nem que por alguns segundos, faz toda diferença. Esteja presente na sua respiração observe seu corpo como um todo e ao mesmo tempo tente sentir qual a energia que emana aos que estão ao seu redor. Só aí a sua mente tem muito com o que se preocupar, o bastante para que você se perceba como realmente é. Segundos de brecha entre os pensamentos já são suficientes para que você comece a silenciar a mente.

Mas somente quando o homem se torna ao mesmo tempo ator e espectador é que pode chegar a essa compreensão. Ser espectador enquanto participa, esse é o segredo que o Upanixade transmite aos estudantes da Sabedoria Divina. (Metha, 2003,p. 278).

Outro pensamento relevante a esse respeito foi apresentado por Hanson e Mendius (2013). Esses autores argumentam:

Além dos benefícios de aquietar a mente verbal, a consciência corporal auxilia a singularidade da mente. Trata-se de um estado meditativo em que todos os aspectos da experiência veem juntos como uma coisa só e a atenção é bastante estável. (Hanson; Mendius, 2013, p.203,).

Viver em meditação é estar atento ao fluxo do pensamento dando atenção de maneira relaxada a tudo o que se passa na mente. E assim distinguir entre estar ou não enredado em pensamentos ilusórios não se deixando perder em processos mentais que nada condizem com a realidade. Uma mente distraída conta as próprias histórias regadas por conceitos, ações e situações pessoais passadas e projeções futuras. Identificar-se com esses processos mentais imaginários, afasta a consciência e leva o ser ao sofrimento. Ao permanecer em devaneios ou ideias fantasiosas a seu respeito e aos demais se vive em um mundo projetado pela mente, criando motivações das mais variadas, desde fama, sucesso relâmpago entre outras e até cura de doenças, gerando um mundo fantasioso onde a realidade passa longe, um verdadeiro faz de conta, onde o protagonista é você que cria, e então como num passe de mágica quando essa falsa realidade projetada não se faz presente “Oh, eu não pensei que seria assim”, ou então, “jamais poderia saber que você faria isso”, sofremos por não ter coragem para ver o que é, de encarmos a realidade como ela se apresenta.

Patanjali trata claramente em seus sutras a necessidade de uma preparação preliminar que começa com uma reflexão silenciosa (meditar na esfera mental), onde realmente o pensar por conta própria se faz presente. Sem essa autonomia mental o aspirante é um barco á deriva no mar de ignorância, o pensar por contra própria gera um motor capaz de impulsionar o indivíduo em direção à compreensão do Real. Apenas quando se deseja realmente sair do mar de ignorância que gera sofrimento ao indivíduo se é capaz de dar o primeiro passo rumo ao caminho de libertação da mente em busca do Real.

“A Falta de sabedoria é o campo onde crescem as demais perturbações, quer sejam adormecidas, enfraquecidas, isoladas ou totalmente ativas”. (Barbosa, 1999, p. 55)

A reta percepção direciona o indivíduo. Sem ela não pode haver compreensão, sem a compreensão a mente fica presa às suas próprias conclusões tentando entender e assim, se mantendo em atividade. As suas aflições mentais criam uma camada ou névoa gerando uma barreira opaca que inibe a compreensão do Real.

Para se chegar à mente livre e transparente ela humildemente tem que recuar, e passar a ver as coisas como são de fato, todo julgamento tem seu caráter pessoal, investigar os

processos mentais que se formam frente às situações das mais diversas tende a sessar tais processos desnecessários, enquanto houver processos reativos diante de tudo que se passa ao seu redor a mente fantasiosa está ativa, somente quando devidamente observada essas projeções tendem a sessar, calar a mente de forma a se tornar um carrasco de si mesmo não direciona na senda do yoga, muito pelo contrario uma mente ecoada se torna arredia, pois da mesma maneira que a fazemos calar também não aturamos os outros, então tudo que se vê são donos da razão, onde a intolerância é a única a tolhero vislumbre do Real. Para se chegar à mente livre e transparente ela humildemente tem que recuar, e passar a ver as coisas como são de fato. A mente por sua natureza é curiosa e então como testemunha ela pode ser capaz de compreender a existência.

A reta percepção direciona o indivíduo. Sem ela não pode haver compreensão, sem a compreensão a mente fica presa às suas próprias conclusões tentando entender e assim, se mantendo em atividade. As suas aflições mentais criam uma camada ou névoa gerando uma barreira opaca que inibe a compreensão do Real.

No Upanixade chandogya o que ocorre entre mestre e discípulo aponta com total clareza a relação entre conhecimento e sabedoria, o mestre pede ao discípulo para ordenar e sistematizar a mente de tal maneira para que de uma forma correta e onde o discípulo pudesse passar do conhecido para o desconhecido.

Narada argumentou: Senhor, eu já aprendi o Rig Veda, o Yajur Veda, o Sama Veda, o Atharva Veda, a história e as estórias tradicionais, cujo conjunto é chamado quinto Veda, o método de memorização e repetição dos Vedas, a técnica da cerimônia shraddha, gramática, filosofia, matemática, astronomia, astrologia, a ciência da profecia, prestidigitação, lógica, ética, música, a ciência da dança, poesia, a ciência dos animais, a ciência da guerra e muitos outros ramos do conhecimento. Sanatkumara disse: Querido Narada, tudo que você aprendeu são meros nomes e verborragia, meras palavras. Com seu conhecimento atual você pode alcançar apenas o que as palavras podem alcançar nada mais. Narada então disse a Sanatkumara: O que é maior do que o nome e as palavras? Por favor, me ensine. Senhor, sinto que conheço apenas os mantras ou palavras externas, mas não conheço o Atman, ou a alma, o espírito das coisas. Ouvi de homens como o senhor que aquele que conhece o Atman supera todas as tristezas, Senhor estou cheio de tristeza, pesar e remorso. (METHA, p.198, 200, 2003).

Quando o discípulo explora a vasta literatura sagrada e chega ao ponto em que ainda não é capaz de se ver livre do mar de ignorância causada pela mente, e dá mais um passo em busca do não conhecido é porque foi capaz de distinguir conhecimento de sabedoria.

O sofrimento é profundamente incorporado. As reações físicas que envolvem o sistema nervoso simpático e o eixo hipotálamo-pituitária-adrenal tornam o sofrimento uma bola de neve no corpo. Estar presente diante de qualquer coisa que venha a tona, lidar com a tendência da mente de transformá-la e amparar-se no

campo da existência são as práticas fundamentais do caminho para o despertar. De diversas maneiras elas correspondem, respectivamente, à atenção plena, à virtude, e à sabedoria. (Hanson; Mendius, 2013, p.79, 2003).

Uma mente meditativa é uma mente esclarecida, que detecta boa parte do tempo os pensamentos ilusórios e sabe distinguir tais situações mentais livrando-se de processos reativos desnecessários. Diante de situações desagradáveis, consegue-se escolher qual atitude tomar, sempre atento aos esforços que a mente faz para estar no controle. Mudando a maneira de se auto observar, em um estado de auto percebimento, pode-se verificar como a mente envida esforços para estar no controle.

Escolher o caminho óctuplo ou ética em suas ações é para poucos corajosos, depois de dar o primeiro passo em direção ao Real terá que ter unidirecionalidade (pois é um caminho de mão única), e a cada passo essa jornada se revela como a única saída para a libertação do indivíduo como Ser. Talvez ser quem você é não te deixe contente, mas é tudo o que você tem. Para se tornar o que realmente É, a aceitação de si mesmo de maneira gentil e tolerante é essencial. Sair do mundo de fantasia demanda coragem.

Substituir velhos padrões por novos é resultado de uma reprogramação mental. O que leva uma média de três a seis meses usando a meditação da atenção plena, segundo Trich Nhat Hanh (2003). Mas o tempo necessário varia de acordo com o processo individual de cada um. Enquanto caminhar repare na sua respiração, olhe atentamente ao mundo em seu redor, pense nas leis da física como a gravidade que te mantém em pé e sem que você compreenda bem, ainda assim está de cabeça para baixo, segundo os estudos da oftalmologia o que mostra quão complexo o mundo é.

Além de você, os pássaros vivem e voam acima da sua cabeça, minhocas vivem abaixo da terra, tudo interligado, quantos milagres a natureza é capaz de realizar só para você usufruir desse mundo e de todas as coisas que há nele. Quanta gratidão você é capaz de expressar pelo milagre que é a sua vida? Ser capaz de viver plenamente se libertando de impulsos passageiros olhando atentamente a tudo que o cerca produz a verdadeira felicidade. E é só para isso que você existe.

Não existe o que chamamos de matéria, toda matéria surge e existe apenas em virtude de uma força que leva as partículas de um átomo a vibrar e manter equilibrado esse diminuto sistema solar que é o átomo. Temos de aceitar a existência de uma mente consciente e inteligente por trás dessa força. Essa mente é a matriz de toda 'matéria' – (Igan, M. apud Planck, 2014, p.1).

Perceba o quanto terá que se deslocar, a percepção é quântica. Lembre-se sempre, a maneira como você se observa altera seu comportamento, que altera o mundo ao seu redor, do

mesmo modo que as características dos que te cercam tendem a ser alteradas à medida que tomamos consciência da totalidade tornando mais fácil a concentração em si mesmo. O mesmo acontece com o Real, formamos uma ideia do que achamos que seja, sem ao menos conhecê-lo, tecer a trajetória de um conceito seja sobre pessoas, situações e até mesmo sobre a meditação em que se estabelecerá não passa de uma postura ilusória, perceba que está tudo na sua mente.

Fritjof Capra, Ph.D., físico e teórico de sistemas, revela a importância do observador na produção dos fenômenos quânticos. Ele não só testemunha os atributos do evento físico, mas também influencia na forma como essas qualidades se manifestarão. A consciência do sujeito que examina a trajetória de um elétron vai definir como será seu comportamento. Assim, segundo o autor, a partícula é despojada de seu caráter específico se não for submetida à análise racional do observador, ou seja, tudo se interpenetra e se torna interdependente, mente e matéria, o indivíduo que observa e o objeto sob análise. Outro renomado físico, prêmio Nobel de Física, Eugen Wigner, atesta igualmente que o papel da consciência no âmbito da teoria quântica é imprescindível. (Capra, s/a, *apud* Santana, 2016, p. 1).

Uma mente mais centrada e silenciosa requer certa habilidade. Por menor que seja a sua formação cultural, você foi provido pelo dom de raciocinar. Saber de onde vem e para onde vai ajuda muito a descobrir qual caminho quer seguir.

Essa calma, como a calma do astronauta, pode ser alcançada pelo esforço em torná-la um hábito. Para habituar-se ao silêncio é preciso que você compreenda que isso requer um controle direcionado. Dominar a mente só depende de vontade. A vontade será a peça chave para seguir adiante.

As principais atividades do cérebro fazem transformações nele mesmo. (Marvin L. Minsky) O que passa na mente molda o cérebro. Dessa forma, você é capaz de usar a mente para melhorar o cérebro – o que beneficiará sua existência, bem como as pessoas com quem se relaciona. (Hanson; Mendius, 2013/2013, p.18).

Até então parte ou todo o seu racional está no negativo, passe a racionalizar no positivo. Comece assumindo o controle de seus atos e ações, deixe de culpar os outros quando algo não dá certo, traga para si as responsabilidades de maneira tranquila e harmoniosa, lembrando sempre que você é seu único instrumento de melhora. Discernindo em uma mente independente e lógica, há um mar de inconsciência que cerca a maioria das pessoas, seja responsável com as suas escolhas em meio a este mundo caótico no qual vive. Escolhas geram consequências, sejam elas visíveis ou não, encare os fatos e suas consequências antes de tomar atitudes, um bom exemplo está no ecologicamente correto.

Além do sofrimento da vida cotidiana, o caminho do despertar tem experiências difíceis que também pedem compaixão. Para ser mais feliz, sábio e amoroso, às vezes é necessário lutar contra tendências antigas no próprio sistema nervoso. Por exemplo, sob alguns pontos de vista, os três pilares da prática não são naturais: a

virtude preserva reações emocionais, a atenção plena reduz a vigilância exterior, e a sabedoria transpõe crenças que uma vez já foram úteis. (Hanson;Mendius,2013, p. 61).

Segundo Shantideva “Toda a alegria do mundo brota do desejo de que os outros sejam felizes, e todo o sofrimento deste mundo vem de desejar a própria felicidade” (RICK / MENDIUS,2013, p.173). Respeite ao próximo, crie empatia pelas pessoas com quem tem contato ao longo do dia, compreender o que se passa com os demais relaxa o senso do eu e traz um senso de unidade com todos os seres.

Complementando essa ideia, e afirmando sobre a Lei Universal da atração, Byrne (2014) afirma:

E uma Lei Universal Gratidão opera através de uma lei universal que governa toda sua vida. Segundo a lei da atração – que governa toda energia do Universo, desde a formação de um átomo até o movimento dos planetas -, "semelhante atrai semelhante". E por causa dessa lei que as células de cada criatura viva se mantem unidas, assim como os elementos de todo e qualquer objeto material. Na sua vida, isso se aplica aos seus pensamentos e sentimentos, pois eles também são energia de modo que você atrai para si tudo o que pensa e sente. (Byrne, 2014, p.6 - 7).

Segundo Tecumseh chefe da tribo Shawnee (2003) Devemos agradecer quando se levanta de manhã, pela luz do sol, por sua vida e força, pelo alimento e pela alegria de viver. Se não conseguir o problema está dentro de você.

Em seus sutras Patanjali fala claramente da necessidade de uma nova mente com base no silêncio.

13.- Essas transformações da mente são refletidas na qualidade, nas tendências e nos padrões de comportamento, tanto no nível estrutural quanto funcional da existência do homem. Essa mudança qualitativa reflete-se em *laksana* ou tendências de comportamento e expressão. (Metha, 2012, p.212).

Transcender a mente é muito mais do que só esvaziá-la. Se você só esvaziar a mente está reprimindo a própria natureza da mente que ao se manter calada também se mantém apática. A vida tem que ser alegre e divertida, não sem graça e chata. Relaxe seu ponto de vista em relação ao mundo permitindo um fluxo solto em direção à meditação. Compreenda o mecanismo de ancoragem ou efeito ímã. Permita que a meditação aconteça. Vibre em prol de tal acontecimento. Todo esforço para calar a mente será perdido caso não se compreenda a necessidade da observância. A essência da meditação é permanecer em um estado de não-mente. Fique atento ao ponto neutro entre um processo mental e outro. Olhe nos intervalos.

Aqui estão os postulados do yoga” Os termos utilizados são enfáticos. Patañjali deixa bem claro nesta frase de abertura que não está apresentando um texto aberto a sugestões. Quem deseja estudar o Yoga deve aceitar o conteúdo dos sutras tais como é apresentada, sem alterações. ”O yoga é o nirodha das vrttis de citta”. Nirodha é o recolhimento, o ato de trazer para dentro algo que se espalhou do lado de fora. O

sentido do termo *vr̥tti* está vinculado à idéia de uma manifestação exterior. As *vr̥ttis* seriam, portanto, expressões radiais de uma entidade central, espiritual, que partem em direção ao mundo manifestado. A entidade central, cujas expressões manifestadas, ou *vr̥ttis*, estariam sendo recolhidas com a prática do Yoga, é designada pela palavra *citta*. Derivada do verbo *cint* – pensar – essa palavra remete a um aspecto muito peculiar da estrutura anímica do ser humano. Ela nomeia o centro espiritual da mente humana. *Citta* além de ser a origem e sustentáculo de nossa vida mental consciente, é também descrito como um observador silencioso das ocorrências do mundo. *Citta* jamais se apresenta no mundo, senão por meio das *vr̥ttis*, e como uma presença “essencial” por trás de nossa própria presença pessoal. *Citta* projeta no mundo seus desdobramentos, as *vr̥ttis*, e com elas dá origem à nossa existência individual e consciente. As *vr̥ttis*, porém, animadas pela força projetiva que as originou, continuam a se dividir e espalhar pelo mundo com uma necessidade crescente de se associar aos objetos diferenciados que encontram. Daí se originam os desejos, que por uma deformação de orientação, afastam as *vr̥ttis* de sua origem, em lugar de facilitar sua reintegração com *citta*. A prática do Yoga (um esforço de atrelamento ou integração) tem por objetivo justamente a reintegração das *vr̥ttis*, ou seja, o seu recolhimento [*nirodha*] novamente em *citta*. Este é o significado literal da segunda frase dos Sutas de Patañjali. (Barbosa, 1999, p.22-25).

Assim, basta tomar consciência da energia que se emana ao redor. A nossa manifestação não só afeta nossa existência como também o mundo em que vivemos. Nosso simples existir influencia a humanidade.

O simples fato de estar atento tende a se tornar engraçado, à medida que, se reconhece padrões mentais antigos voltando à tona. Reconheça-os e vá a fundo investigar o porquê de tais comportamentos, você se surpreenderá em como é capaz de ser sincero consigo mesmo.

O Yoga ocupa-se de modo fundamental com a mutação ou transformação total. O yoga real não faz permuta com a continuidade modificada. É a este respeito que se difere completamente do meio de vida religioso ou moral. Por consequência, na disciplina do yoga, o que está indicado não é a reta atitude, mas, a reta percepção. Uma percepção direta não surge através de mera mudança da escala de observação. Podemos mudar o ângulo de percepção direta dos homens e das coisas. Enquanto uma atitude diz respeito a uma mudança na escala da observação, na reta percepção, e o próprio observador que precisa ser eliminado, pois é ele que lança véu após véu na própria ação de percepção. Na reta percepção há observação sem observador. Tal percepção exige um estado de profundo percebimento. (Metha, 2012, p.189 - 190).

Não tente permutar com o Real. Relaxe, simplesmente relaxe. Uma mente que não relaxa não é capaz de meditar. Tudo se refere a pequenos instantes onde no espaço tempo tudo se perde e ação e sensações caminham juntas, sem que haja o racional interferindo. Lembre-se do efeito ímã você se esforça rumo ao Real e o Real se faz revelar. Assim será capaz de realmente meditar.

Procure sempre fazer algo novo, a mente gosta de desafios, a mente se cansa da mesmice, ache tempo para começar projetos que estão arquivados, estude assuntos de seu interesse, faça novas amizades, entre em grupos de meditação, enfim, agrade a mente ela tem que ser sua aliada e não sua inimiga.

Tudo se resume ao coração, tente fluir com as batidas do seu coração, sinta a energia que nele está contida, se entregue a essa percepção e então a terá. Vontade e fé caminhando juntas, muitos atribuem à vontade verdadeira o patamar de fé elevada. Em último instante recorra à fé, esse é um direito seu, atreva-se a ir com fé onde a sabedoria Real elevará seu Ser. Considere então VenerableAcarya Maha Bowwa (Kwan, 2003, p.1) "O mundo vive no coração. O Dharma vive no coração".

Na plenitude do Vazio é onde se encontra o Real, mas como mente vive-se em uma esfera mental onde confundir Ser com eu (ego), não passa de projeção mental e fazer com que o ego silencie para uma reta percepção do Real basta dar o primeiro passo rumo ao abismo, quando nada mais pode ser explicado, é só por experiência própria que o estudante pode chegar ao Real, e através da meditação, o Real se torna cada vez mais simples à medida que a mente sessa.

Agora frente a frente a um precipício, a mente precisa de fé daqui para frente só a fé é capaz de guiar a mente. Caso a fé não exista de nada adiantou a jornada, para ser guiado ao outro lado o indivíduo de forma alguma deve duvidar que houvesse aonde chegar, caso contrário por uma questão até de lógica a mente trava, por sentir-se ameaçada (medo do desconhecido) ou por apenas deduzir que não há nada, e nessa dedução se manter ainda perdida em meio às suas conclusões.

Talvez o mais famoso argumento contra a realidade do tempo seja o de McTaggart diz que podemos distinguir duas "séries" ou características do tempo. Resumindo McTaggart conclui que o tempo não tem característica alguma por ser irreal. Em suma, ele diz que o tempo não existe, embora tenhamos a ilusão do tempo. (Taggart, 2016).

Se até o tempo que você toma como certo não passa de uma ilusão, o que mais deve ser dito para que se possa encarar a Realidade como algo a ser explorado sem interferência mental.

Aprender a fluir com tudo que sobrevenha. Conhecer a Realidade é conhecer a si mesmo, sabendo agir através da visão ética. Se deixar fluir pela energia que emana do seu coração. A isso se resume este artigo.

"A percepção do desconhecido é a mais fascinante das experiências. O homem que não tem os olhos abertos para o misterioso passará pela vida sem ver nada."(Einstein, 2005/2016, p.1).

Om...

Conclusão

A presente pesquisa teve como objetivo principal investigar a aceitação do Real através da meditação. Acredita-se que o objetivo foi alcançado, embora não tenha sido esgotado. Espera-se que a mesma contribua para os praticantes de yoga e professores de meditação e yoga.

A investigação do Real por meio da meditação permitiu concluir que através da autoobservância se tem um controle mais eficaz sobre suas emoções e pensamentos, gerenciando o conteúdo mental e discernindo entre pensamentos ilusórios e projeções desnecessárias que nada contribuem para uma vida mais feliz e centrada.

Compreende-se que a mente ao mesmo tempo em que testemunha, assiste e dá um significado a todas as experiências então ela cessa e volta ao que se chama de redemoinho de emoções devido à memórias impressas na mente as quais desviam o praticante, fazendo-o se perder em meio ao ego tomando como base seus pensamentos, assim, a autora desse estudo busca através da meditação diária localizar seu Ser no coração e somente com o auxílio da yoga encontra a constância em seu coração onde pode alcançar a sabedoria.

Tomar consciência da energia que flui ao redor e trazer para si o controle de suas ações sem se preocupar com achismos alheios que nada acrescentarão à vida que deve ser livre e solta de paradigmas impostos pela sociedade atual, assumindo atitudes e pensamentos tendo como certo que tudo não deixa de ser o seu ponto de vista, único em relação ao mundo.

Nesse engatinhar onde se encontro na escala da evolução de seu Ser, espera-se de todo coração que esse estudo sirva de lanterna aos que buscam por luz em meio a nevoa que distancia o ego da Real percepção.

Foi recompensador a produção de tal pesquisa, ampliando a compreensão da autora sobre o assunto e transferindo excelentes proveitos à sua prática diária pessoal.

Referências Bibliográficas

- HANSON, Rick; MENDIUS, Richard. *O cérebro de Buda: neurociência prática para a felicidade*. São Paulo: Alaúde, 2013.
- BURNIER, Radha. *O direito inato do homem*. Revista TheoSophia. Brasília: Sociedade Teosófica no Brasil, 2015.
- PACKER, M. L. G. *A senda do yoga; filosofia prática e terapêutica*. Rio de Janeiro: Nova Letra, 2008.
- KRISHNAMURTI, J. *A mente sem medo*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- LAMA, D.; Cutler, H. C. *A arte da felicidade; um manual para a vida – Sua santidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- TOLLE, E. *Praticando o poder do Agora*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

HALLAWEL, P. *Visagismo integrado; identidade, estilo e beleza*. São Paulo: SENAC, 2009.

MEHTA, R. *O chamado dos Upanixades*. Brasília: Teosófica, 2003.

_____. *Yoga a arte da integração*. Brasília: Teosófica, 2012.

EINSTEIN, A. Disponível em:

pensador.uol.com.br/autores/AlbertEinstein . Acesso em abril/2016.

KWAN, revista bimestral do templo Tzong Kwan, nov./2003.

SANTANA, A. L. Disponível em:

www.infoescola.com/fisica/quantica. Acesso em abril/2016.

TAGGART, Mc. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Filosofia_do_tempo. Acesso em março de 2016.

IGAN, M. *apud PLANCK, Max. A Singularidade de Ponto Zero*.

Disponível em:

<http://evoluasuaconsciencia.blogspot.com.br/2014/10/a-singularidadepontozero.html>. Acesso em abril/2016.